

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DAYANA LOUZADA PERES



**POR AMOR ÀS RUAS: A NATUREZA DOS TOPÔNIMOS DO
DISTRITO-SEDE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES)**

GOIÂNIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Dayana Louzada Peres

3. Título do trabalho

Por Amor às Ruas: a natureza dos topônimos do distrito sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Dayana Louzada Peres, Usuário Externo**, em 12/12/2024, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rusvenia Luiza Batista Rodrigues Da Silva**, Professor do **Magistério Superior**, em 15/12/2024, às 11:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5036236** e o código CRC **4E6CB1F1**.

DAYANA LOUZADA PERES

**POR AMOR ÀS RUAS: A NATUREZA DOS TOPÔNIMOS DO
DISTRITO-SEDE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestra em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço

Linha de Pesquisa: Dinâmica Socioespacial

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Peres, Dayana Louzada

Por amor às ruas [manuscrito] : A natureza dos topônimos do distrito Sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES) / Dayana Louzada Peres. - 2024.

112 f.

Orientador: Profa. Dra. Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui mapas, fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras.

1. Toponímias. 2. Logradouros. 3. Cartografia. 4. Cachoeiro de Itapemirim (ES). I. Silva, Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da, orient. II. Título.

CDU 911



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **66/2023** da sessão de Defesa de Dissertação de **Dayana Louzada Peres**, que confere o título de Mestra em **Geografia**, na área de concentração em **Natureza e Produção do Espaço**.

Ao **primeiro dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três**, a partir das **14:30**, na **sala A-19** do prédio do **Instituto de Estudos Socioambientais**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“Por Amor às Ruas: a natureza dos topônimos do distrito sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva (IESA/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Cláudio Luiz Abreu Fonseca (Unifesspa)**, membro titular externo; Professor Doutor **Ivanilton José de Oliveira (IESA/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata, que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora ao **primeiro dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Rusvenia Luiza Batista Rodrigues Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 01/11/2023, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivanilton Jose De Oliveira, Professor do Magistério Superior-Visitante**, em 01/11/2023, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CLAUDIO LUIZ ABREU FONSECA, Usuário Externo**, em 15/12/2023, às 13:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4164407** e o código CRC **C87700AB**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA DE DEFESA

PROF.^a DR.^a RUSVÊNIA LUIZA BATISTA RODRIGUES DA SILVA
Orientadora – PPGeo/UFG

PROF. DR. IVANILTON JOSÉ DE OLIVEIRA
Examinador Interno – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

PROF. DR. CLÁUDIO LUIZ ABREU FONSECA
Examinador Externo – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO

*Aos meus pais, por povoarem a minha
existência de esperança e coragem.*

AGRADECIMENTOS

Em um período de profundas perdas, decidi voltar a escrever sobre os nomes dos lugares e esse foi o meu aprumar para o recomeço. Submersa em gratidão, aqui escrevo os nomes daqueles e daquelas que dão sentido literal à frase “eu não ando só”.

À minha mãe, Angela, meu porto seguro e minha saudade diária. Sua força é meu norte e sua fé me trouxe até aqui. Por todo amor e pelas orações, eu agradeço.

Ao meu pai, Eli, meu melhor amigo e maior incentivador. Obrigada por todas as vezes em que acreditou nos meus sonhos. Por todo apoio e companheirismo, minha gratidão.

Às minhas avós, Maria Júlia (Vó Doca) e Esvaldira (Vó Dira). A lembrança de seus sorrisos me guia. Pelas ternas memórias, com desmedida saudade, deixo meu agradecimento póstumo.

A minha madrinha, Almecina, que sempre contribuiu para a minha formação sem conhecer a dimensão da vida acadêmica, minha admiração e imensa minha gratidão.

Ao meu irmão, Diogo, e às minhas sobrinhas, Mariah Clara e Ana Luiza, por perdoarem a minha ausência, meus sinceros agradecimentos.

A minha família goianiense, meus amigos, com os quais coleciono as mais belas e divertidas memórias. Tê-los comigo tornou esta trajetória mais leve. A cada um de vocês, agradeço: Ana Paula, Andrea, Annaclara, Daniela, Gabriel Cavallini, Gabriel Costa, Juliana, Juliano, Rafael, Rômulo e Thaís. Vocês são o meu encontro mais bonito. Obrigada por tanto, amigos. Especialmente à Ana Paula, Andrea, Cavallini e Costa, por terem contribuído diretamente na conclusão desta pesquisa e pelo apoio emocional prestado nos meus dias de incertezas.

À Jéssica, parceira de graduação na Universidade Federal do Espírito Santo, com quem compartilhei os primeiros diálogos e dúvidas acerca do tema toponímico e uma amiga que se fez presente durante a elaboração deste trabalho. Minha gratidão.

À Rusvênia, minha orientadora, por aceitar embarcar nesta aventura dos nomes. Pela compreensão e paciência, eu agradeço.

Aos professores Cláudio Luiz e Ivanilton, pela gentileza em compor a banca examinadora, meus sinceros agradecimentos.

Ao Alexandre, servidor da Biblioteca Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, pela sua solicitude e atenção em todas as minhas visitas ao espaço, antes mesmo de iniciar este trabalho. Pelas conversas e trocas, meus agradecimentos.

Aos servidores da Câmara Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, Tamara e Gabriel, pelo auxílio prestado durante o trabalho de campo, eu agradeço.

Ao Delandi Macedo e ao Ednaldo Silva, por serem intermediários na aquisição da base cartográfica municipal, material este imprescindível para o desenvolvimento e resultado desta pesquisa. A vocês, muito obrigada.

À CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento recebido, sem o qual não seria possível minha permanência na pós-graduação tampouco a realização deste trabalho.

Ao IESA, a todos os professores e colaboradores, e à Universidade Federal de Goiás, por contribuírem para a minha formação, por fazerem do ensino o caminho para a superação de mazelas.

E a todos e todas que defendem a educação pública, gratuita e de qualidade! Com *esperançar*, eu agradeço.

*Então cerre os punhos, sorria
E jamais volte pra sua quebrada de mão e
mente vazias.*

Levanta e Anda - Emicida

RESUMO

O estudo dos nomes dos lugares é passível de diversas interpretações, de acordo com a óptica pela qual é analisada. A toponímia é uma ciência do campo da Onomástica que interrelaciona os aspectos históricos, sociais, políticos, pedagógicos, físicos e geográficos. Os nomes dos lugares são representações de um dado momento da realidade. É objetivo desta pesquisa identificar a natureza dos topônimos dos logradouros públicos do distrito-sede do município de Cachoeiro de Itapemirim, situado no sul do estado do Espírito Santo. Para a obtenção dos resultados esperados, foram analisados 5.101 logradouros do recorte espacial, entre eles avenidas, ruas, becos e escadarias. Esses nomes, em sua maioria, testemunham o contexto de formação da região mais urbanizada do município de Cachoeiro de Itapemirim, que é composto por outros dez distritos. A classificação das vias foi realizada a partir do modelo taxonômico proposto por Maria Vicentina de Paula Dick (1992), professora referência nos estudos toponímicos no Brasil. A autora atribui à toponímia duas naturezas principais: física e antropocultural. Dentre as naturezas, há outras dezesseis subnaturezas que sustentam a justificativa lexicológica da nomeação dos lugares. O método utilizado consistiu na classificação dos logradouros, bem como na quantificação destes para se obter os dados de dominação e/ou invisibilidade. Foram considerados, além da natureza dos topônimos dos bairros e logradouros, os aspectos relacionados às vias, com destaque para os becos e as escadarias, e o quantitativo relacionado ao gênero das pessoas homenageadas.

Palavras-chave: toponímias; logradouros; cartografia; Cachoeiro de Itapemirim (ES).

ABSTRACT

The study of place names is subject to different interpretations, depending on the perspective from which it is being analyzed. Toponymy is a science in the field of Onomastics that interrelates historical, social, political, pedagogical, physical and geographic aspects. The names of two places are representations of a given moment in reality. The objective of this research is to identify the nature of the toponyms of public places in the Main District of the municipality of Cachoeiro de Itapemirim, located in the south of the state of Espírito Santo. To obtain the expected results, 5,100 public places in the spatial area were analyzed, including avenues, streets, alleys and staircases. These names, for the most part, testify to the context of formation of the most urbanized region in the municipality of Cachoeiro de Itapemirim, which is made up of ten other districts. The classification of the roads was carried out based on the taxonomic model proposed by Maria Vicentina de Paula Dick (1980; 1990), a reference professor in toponymic studies in Brazil. The author attributes two main natures to toponymy: physical and anthropocultural. Among the natures, there are sixteen other sub-natures that support the lexicological justification for the naming of places. The method used consisted of classifying public places, as well as quantifying them to obtain data on domination and/or invisibility. In addition to the nature of the toponyms of neighborhoods and public places, aspects related to roads, with emphasis on alleys and staircases, and the number related to the gender of the people honored were considered.

Keywords: toponymies; streets; cartography; Cachoeiro de Itapemirim (ES).

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Placa da Avenida Rei Pelé em frente ao Maracanã (RJ)
- Figura 2** - Placa da rua Ator Paulo Gustavo
- Figura 3** - Placa em homenagem à Professora Maria Geralda de Almeida
- Figura 4** - Placa em homenagem à Marielle Franco
- Figura 5** - Placa Jardim Marielle Franco
- Figura 6** - Bacia Hidrográfica do Rio Itapemirim
- Figura 7** - Foto do rebocador atracado no Porto do Baiminas, 1926
- Figura 8** - Mapa de localização do Porto João Marques.
- Figura 9** - Mapa da Área Urbana de Cachoeiro de Itapemirim em 1938
- Figura 10** - Mapa de localização do município de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 11** - Mapa dos distritos municipais de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 12** - Mapa da evolução da mancha urbana no distrito-sede
- Figura 13** - Mapa de elevação do terreno do distrito-sede
- Figura 14** - Habitação do bairro Rubem Braga
- Figura 15** - Bandeira oficial de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 16** - Brasão Oficial de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 17** - Mapa de Taxonomias dos bairros da Sede de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 18** - Bairros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 19** - Gráfico representativo da natureza dos topônimos dos bairros do distrito-sede
- Figura 20** - Gráfico representativo da Natureza Física dos bairros do distrito-sede
- Figura 21** - Gráfico representativo da Natureza Antropocultural dos bairros do distrito-sede
- Figura 22** - Gráfico das representações masculinas e femininas na toponímia dos bairros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 23** - Gráfico Natureza dos topônimos dos logradouros da região Sede de Cachoeiro de Itapemirim
- Figura 24** - Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Antropotopônimos
- Figura 25** - Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Axiotopônimos
- Figura 26** - Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Corotopônimos
- Figura 27** - Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Etnotopônimos
- Figura 28** - Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Hagiotopônimos

Figura 29: Gráfico da disparidade entre Santas e Santos nos logradouros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)

Figura 30: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Numerotopônimos

Figura 31: Fotografia da Escadaria D. Tina, no bairro Maria Ortiz

Figura 32: Mapa dos Numerotopônimos que identificam os becos e as escadarias do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - OS NOMES DOS LUGARES: AS NATUREZAS DOS TOPÔNIMOS	17
1.1 O estudo toponímico: o percurso do objeto de análise	17
1.2 Toponímia e interdisciplinaridade	19
1.3 Os nomes dos lugares na Geografia	22
1.4 Cidade, signos e significações	24
1.4.1 Função e memória toponímica: mudanças e inquietações	26
1.5 As taxonomias: metodologia aplicada	32
CAPÍTULO 2 - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES): ÀS MARGENS DE SUA ORIGEM	36
2.1. A ocupação do Vale do Itapemirim	36
2.2. O rio e o vale: o surgimento de Cachoeiro de Itapemirim	39
2.3. Localização da área de estudo	44
2.4 As representações da cidade: do concreto ao imaginário	52
2.4.1 Toponímia dos Bairros do distrito-sede e Cachoeiro de Itapemirim	55
CAPÍTULO 3 - CARTOGRAFIA DOS NOMES: TOPÔNIMOS DO DISTRITO-SEDE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES)	79
3.1 Se essa rua fosse minha: classificações taxonômicas dos logradouros de Cachoeiro de Itapemirim (ES)	79
3.2 Das Naturezas Físicas das toponímias dos logradouros cachoeirenses: uma busca por significados	80
3.3 Topônimos de Natureza Antropocultural: homenagens e desigualdades espacializadas	82
3.4. Becos e Escadarias: nomes e endereços	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

“Minha terra”? Bem... haverá outras assim, no mundo de Deus. Não; seu céu não tem mais estrelas que outros céus, nem é de um azul sem par. Não; nossos bosques não têm mais flores que os outros (talvez nem haja bosques), nem suas flores têm mais perfume que as de outros jardins. Bonita? Não. Talvez mesmo feia; pesa-me confessá-lo. Há morro para todo lado que se olhe - assim, o horizonte é curto (embora certos crepúsculos bem mereçam um olhar embevecido). Entre os morros, fazendo curvas, vem um rio que tem personalidade. Tem. Por quê? Não saberia explicar. É dessas coisas que a gente sente e não acha jeito de explicar bem.

O que eu sei é que, se me fora dado a escolher, no vasto mundo de Deus, um lugar para eu nascer... Bem, eu escolheria esta: Cachoeiro de Itapemirim.

Por quê? Sabe-se lá o porquê das coisas do coração?

Newton Braga

Cachoeiro de Itapemirim é um município situado na região centro-sul do Espírito Santo. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente a população do município é de pouco mais de 185 mil habitantes. A história de Cachoeiro de Itapemirim teve início em 1812, quando a região, então habitada por indígenas puris botocudos, foi ocupada para atender aos interesses da capitania do Estado. Tal qual a história do surgimento das primeiras cidades, o município se desenvolveu, urbana e economicamente, atravessada por um rio.

O Rio Itapemirim é o acidente geográfico motivador para a instalação e o crescimento do povoado. O fato de o curso hídrico possuir um assoalho pedregoso impossibilitou que as tropas da capitania avançassem à montante para a região onde haviam descoberto ouro. As pequenas cachoeiras, ou cachoeiros, como eram chamados na época, impediram que a navegação seguisse rio acima. A toponímia do município resulta de um aspecto geográfico físico-natural.

Em 25 de março de 1867, Cachoeiro de Itapemirim foi oficialmente emancipada de Itapemirim, município localizado no litoral do Espírito Santo, ao qual pertenceu por mais de cinco décadas. Cachoeiro, como é chamado pelos espírito-santenses, teve sua expansão

capitalista facilitada pelo rio Itapemirim. O “pequeno caminho de pedras” foi o facilitador de todo escoamento da produção nos ciclos do ouro, da cana-de-açúcar e do café no Vale do Itapemirim. A proximidade com a capital federativa, Rio de Janeiro, foi um outro fator que conduziu Cachoeiro de Itapemirim a um crescimento econômico mais expressivo do que a capital do estado, Vitória. Devido ao caminho do rio e aos trilhos da ferrovia instalados no início do século XX, Cachoeiro de Itapemirim desenvolveu-se como um dos principais municípios do Espírito Santo. Como resultado de toda urbanização, a construção de logradouros públicos fez-se necessária conforme o desenvolvimento da cidade.

“Por amor às ruas” é uma clara referência ao trabalho desenvolvido por Jacques LeGoff, em 1924. Tanto pelo encanto do título “Por amor às cidades”, quanto pelo escrito que assemelha os centros urbanos contemporâneos aos aglomerados medievais em suas relações de poder, ao papel dos indivíduos e às funções econômicas das cidades.

As inquietações sobre a temática toponímica surgiram no final da graduação. Em março de 2018, o país assistiu à notícia do assassinato da vereadora Marielle Franco e do seu motorista Anderson Gomes. Os protestos de consternação pelo crime tomou as ruas e um dos símbolos da manifestação foi a placa “Rua Marielle Franco”, colocada sobre a placa oficial Praça Marechal Floriano Peixoto. A área é popularmente conhecida como praça da Cinelândia, nome dado à região central do município carioca.

Soa mórbido, de certo, e sombrio que o objeto de pesquisa tenha surgido da perda de duas vidas, de um claro ataque à democracia e de um episódio que parece ter sido uma amostra do que se seguiria nos quatro anos seguintes: a desvalorização da luta pelos direitos humanos e da própria vida. Entretanto, o simbolismo manifestado na substituição feita pelos manifestantes da placa do “Marechal de Ferro” pela de Marielle Franco fez surgir o questionamento: qual é o sentido dos nomes legitimados nas cidades?

A toponímia é o estudo dos nomes dos lugares ou de acidentes geográficos, geralmente, tratada no campo da linguística, como subárea da Onomástica. “Ao dar nome aos seres e aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira do percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (Biderman, 2001, p.13). Designar nomes é a expressão natural de registro do conhecimento.

Em “Introdução à Geografia Cultural”, Corrêa (2014) trata a toponímia como objeto de análise na toponímia como um elemento identitário no espaço urbano e corrobora com o fato de a nomeação dos lugares estarem vinculadas à identidade de determinado grupo. Para o

autor, “A toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. [...] em realidade, articula linguagem, política territorial e identidade” (Corrêa, 2014, p. 176).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as toponímias dos logradouros de Cachoeiro de Itapemirim. O primeiro capítulo está pautado na perspectiva linguística de classificar as toponímias dos logradouros de acordo com as ordens de taxonomia proposta por Dick (1992) de natureza física e de natureza antropocultural. Ademais, será apresentado o percurso científico da toponímia no Brasil enquanto objeto de estudo e os aportes teóricos interdisciplinares relacionados à temática toponímica.

No segundo capítulo, pretende-se relacionar a materialidade histórica da cidade aos nomes ofertados aos bairros do município. Neste capítulo, serão apresentadas narrativas do processo histórico de ocupação da Região do Médio Itapemirim, os fatores de ocupação da área e o surgimento de Cachoeiro de Itapemirim, a cartografia dos limites distritais do município em tela, do surgimento dos bairros e da evolução da mancha urbana do distrito-sede, em conjunto com os aspectos da superação da condição rural e os fatores políticos de urbanização. Na última seção, também será apresentada a cartografia das taxonomias dos bairros do distrito-sede do município, bem como a descrição das classificações e as significações das toponímias analisadas.

No terceiro capítulo, busca-se responder a natureza dos topônimos dos logradouros do distrito-sede e a sua respectiva distribuição espacial no recorte central do estudo. Neste momento, as indagações e a busca por sentidos dos nomes enquanto práticas significantes nortearão as discussões acerca dos resultados obtidos. A questão da representatividade de gênero nos nomes dos logradouros é um critério principal de reflexão da espacialidade dos nomes femininos enquanto signos dos objetos urbanos.

Para a definição de nomes de logradouros públicos é necessário atentar-se a requisitos que podem diversificar de acordo com a legislação de cada município. De modo geral, atendem aos requisitos para os topônimos de logradouros públicos os nomes de pessoas que prestaram serviços relevantes ao município, estado ou país; por projeção em qualquer área cultural ou do saber, e; pela prática de atos heroicos. Além dos nomes extraídos da história, geografia, fauna, flora e folclore, bem como de datas e personagens religiosos, sobretudo relacionados ao cristianismo.

Dessa forma, serão apresentados mapas a partir das taxonomias de Dick (1992 e posteriores) elaborados com a base cartográfica de 2020 do município de Cachoeiro de

Itapemirim. De acordo com a fonte na Prefeitura Municipal, é o documento mais atualizado da gestão urbana. Tal cartografia simbólica foi realizada com a tabulação junto ao arquivo dos nomes dos logradouros do município em tela. Os 5.101 (Cinco mil e cento e um) logradouros foram classificados, com exceção dos topônimos que não puderam ser delimitados em nenhuma das classificações taxonômicas.

A escolha pelo recorte espacial desta pesquisa está justificada na epígrafe desta seção introdutória. Cachoeiro de Itapemirim está situada em um fundo de vale. Segundo dados meteorológicos, é a cidade mais quente do Espírito Santo. Ao redor, estão as colinas côncavo-convexas ígneas. Algumas enrugadas pela artificialidade da urbanização, outras, em boa parte, sem cobertura vegetal. O Itapemirim, por vezes, tenta tomar o espaço que já foi seu. As enchentes fazem parte da história do município.

À cidade pertence a ilha em que foi instalada a primeira estação geradora de energia elétrica do Espírito Santo. A estação ferroviária é hoje um museu que conserva a memória de uma parte relevante da história da cidade. A Casa dos Bragas resiste à modernidade e resguarda os registros dos irmãos cronistas Newton e Rubem. A Casa de Cultura Roberto Carlos busca remontar a infância daquele que imortalizou “Meu Pequeno Cachoeiro”.

A partir do materialismo histórico-dialético e da abordagem simbólica, busca-se aqui compreender os enunciados da cidade, seus personagens e suas narrativas. Italo Calvino (1990) nos aponta: as cidades não contam o passado, elas o contém. E através dos nomes das ruas, pretende-se aqui, contar o passado do *meu, agora médio, Cachoeiro*.

CAPÍTULO 1 - OS NOMES DOS LUGARES: AS NATUREZAS DOS TOPÔNIMOS

“A Topofilia não é a emoção humana mais forte”, foi o que escreveu Tuan (2012). A topofilia pode ser entendida como a relação afetiva entre as pessoas e o meio ambiente material. Quando essa relação torna-se fascinante, o “lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”¹. A afeição humana por pessoas, lugares e acidentes geográficos deu origem a uma das atividades mais antigas realizadas pelos seres humanos: o ato de nomear. Batizar elementos naturais ou materiais faz parte da cultura de individualizar, de tornar único, de dar sentido de pertencimento. A toponímia é, antes de tudo, o registro do espaço geográfico e o mapa, o certificado de existência.

O objetivo deste primeiro capítulo é elucidar a Toponímia enquanto objeto central de análise. Para isso, o resgate teórico será apresentado em quatro seções: 1) o percurso histórico da Toponímia enquanto objeto analítico; 2) a efetiva interdisciplinaridade da Toponímia em produções de diversas áreas do conhecimento; 3) as contribuições da Geografia para os estudos toponímicos, e; 4) a significação do sistema de classificações taxonômicos como método de análise.

1.1 O estudo toponímico: o percurso do objeto de análise

“Quem de nós não terá, por vezes, inquirido pelo significado de tantos nomes estranhos, cuja pronúncia já ocorre adulterada e cujo sentido já ninguém compreende?” (Sampaio, 1901).

Os nomes são objetos da Onomástica, área da Linguística responsável por estudar a significação dos nomes próprios de pessoas, as Antroponímias e dos lugares, as Toponímias. Os estudos toponímicos como categoria de análise surgem na França, por volta de 1878, com as pesquisas de Auguste Longnon². O clássico linguista Albert Dauzat, nas primeiras décadas do século XX, atento à dificuldade de elucidar a origem dos nomes dos lugares, estabeleceu critérios para os estudos toponímicos, sobretudo, ao considerar a ordem histórica de suas formações.³

¹ TUAN, 2012, p. 136.

² ISQUERDO, 1997, p. 30.

³ Idem, Ibidem, p. 30.

Segundo Isquerdo (1997), Dauzat estabeleceu a análise da origem dos nomes por duas perspectivas distintas: a *formação externa* corresponde às nomeações espontâneas de um grupo ou às denominações sistemáticas, impostas por autoridades; a concepção dos *sentidos intrínsecos* são designações equivalentes aos aspectos geográficos ou reverência a homens, ou de motivações diversas, ou de ordem histórica.⁴

A obra “O Tupi na Geografia Nacional”, de Theodoro Sampaio (1901), para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, desenrolou-se como o princípio do estudo toponímico no Brasil do qual se tem registro. Na ocasião, o autor preocupou-se em analisar os nomes dos lugares derivados da estrutura morfológica e etimologia da língua tupi, que outrora já foi a língua mais falada; contudo, para as gerações do final do século XIX, eram enigmas indecifráveis nos nomes de localidades e acidentes geográficos⁵.

Em 1957, foi publicada a obra “Toponímia Carioca”, de Agenor Lopes de Oliveira, que se debruçou em estudar a “história, a origem e os significados de topônimos indígenas próprios das coisas e dos lugares” (Oliveira, 1957, p. 9).

A tese “Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira”, de Carlos Drumond (1965) aponta a contribuição do povo bororo para a toponímia brasileira e explicita a negligência de estudos brasileiros referente aos nomes dos lugares e aos acidentes geográficos (p. 13). Por conseguinte, a orientanda de Carlos Drumond, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, propôs estudos acerca da motivação toponímica, onde estabeleceu princípios teóricos e classificações taxonômicas.

A tese de Dick (1980), “A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos”, resultou na publicação de “A motivação toponímica e a realidade brasileira”, em 1990. A autora propõe, nos citados trabalhos, duas ordens primárias de classificação: a de natureza física e a de natureza antropocultural. Nela também a toponímia pode ser observada a partir de dois princípios: o primeiro do *denominador* e das motivações que “o levaram, dentro de um processo pragmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção;⁶ e o da *natureza do produto* dessa escolha, isto é, da *substância* mesma do topônimo, revelada pelos seus componentes linguísticos”⁷.

⁴ ISQUERDO, 1997, p. 31. *Grifos da autora.*

⁵ SAMPAIO, 1901, p. 4.

⁶ DICK, 1980, p. 24. *Grifos da autora.*

⁷ *Idem, ibidem.* *Grifos da autora.*

Nomear algo, alguém ou um lugar é inerente ao ser humano. Ao delimitar um determinado sítio, físico-natural ou já transformado, é pertinente designar um nome para garantir a ocupação desse espaço e diferenciá-lo de outros. A motivação da escolha da toponímia a ser designada perpassa pelo imaginário do grupo que detém o poder de nomear determinado local. Portanto, representa a relação do ser humano com o lugar e demarca o espaço por ele ocupado, de modo a envolver seus conhecimentos sobre o meio natural e suas influências culturais, sociais, políticas e religiosas, de modo a considerar o momento sócio-histórico vivenciado.

A designação dos nomes dos lugares podem ocorrer de duas maneiras. A primeira envolve uma característica sobressalente do sítio, seja no aspecto físico ou social. A segunda oferta pode distanciar-se da contextualização do grupo quando a escolha do topônimo se restringe a uma denominação artificial, inversa aos aspectos identitários da comunidade, que a autora considera como “designação superposta”⁸. Um exemplo de desassociação do nome com o sítio é descrito por Calvino (1972) em “Cidades Invisíveis”. Em *Pirra*, o autor apresenta a frustração ao se deparar com uma cidade diferente daquela criada em seu imaginário, onde ele considera que “nomes trazem consigo uma figura ou um fragmento ou uma ofuscação da figura imaginada”⁹. O nome possibilita uma miragem real ou distorcida do lugar concebido pela experiência humana.

A partir da discussão acerca da nomeação dos espaços é possível identificar a intrínseca relação entre as representações linguísticas e a Geografia, uma vez que as práticas lexicais coletivas de nomear explicitam a relação entre o ser humano e a sua cosmovisão do lugar vivido, do conhecimento do seu mundo social, de intenções políticas e resultados de processos históricos. As influências étnicas da população, sobretudo a população brasileira que traz aspectos complexos de formação e miscigenação, por vezes, dificulta a descoberta da origem dos topônimos. Sendo assim, a Toponímia supera as análises lexicais e torna-se passível de estudos sob a ótica de outras ciências¹⁰.

1.2 Toponímia e interdisciplinaridade

As obras de Dick (1980, 1990, 1992, 2007) servem como base teórica para trabalhos acadêmicos desenvolvidos nas últimas décadas; ressaltando que a de 1980 evidencia o estudo

⁸ DICK, 2007.

⁹ CALVINO, 1972, p. 39.

¹⁰ ISQUERDO, 1997, p. 33.

toponímico da junção entre História, Geografia e Ciências Sociais, além da linguística. Entretanto, se analisadas isoladamente, nenhuma dessas ciências é capaz de atingir a complexidade do fenômeno toponímico em sua plenitude.

Os livros da série Toponímia, organizados por Isquierdo (2019, 2020), os quais apresentam dedicatórias a Maria Vicentina de Paula Dick pelas contribuições teóricas para a temática, objetiva em seu primeiro volume, estabelecer caminhos metodológicos para o desenvolvimento do Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), coordenado pela professora Aparecida Negri Isquierdo. O segundo volume aborda as tendências toponímicas sul-matogrossenses. Por fim, o terceiro volume trata da “Toponímia urbana no Brasil”, que reúne os resultados e discussões dos estudos sobre toponímia urbana realizados em quatro regiões do Brasil, em conjunto com as instituições federais de ensino do Acre - UFAC, da Bahia - UFBA, do Tocantins - UFT e de Minas Gerais - UFMG.

Do Projeto ATEMS, surgiram outras pesquisas, dissertações e teses, podendo destacar Andrade (2008) e sua pesquisa acerca da toponímia nas incursões dos naturalistas Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau na Província de Goiás; e a tese de doutorado de Maeda (2006) a respeito dos nomes das fazendas sul-matogrossenses.

Vinculado ao Projeto ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, Macedo (2021) elaborou sua tese de doutorado sobre os nomes de pessoas nos logradouros de São João del-Rei (MG); Lima (2012) realizou o estudo sobre a origem dos nomes dos lugares de possível origem africana que compõem a realidade toponímica em Minas Gerais; e na tese de doutorado de Seabra (2004), os topônimos da Região do Carmo (MG) foram objetos centrais do trabalho.

Na região Nordeste, os estudos toponímicos são tratados por alguns pesquisadores, a saber: Batista (2011), que buscou através de sua dissertação, buscou expandir os conhecimentos acerca das toponímias cearenses no período do século XIX; Santiago (2021) debruçou-se sobre os nomes de origem portuguesa registrados no Mapa da Capitania da Baía de Todos os Santos; Matos (2014), acerca dos nomes dos bairros de São Luís (MA); e Pereira (2017), que dissertou sobre as hidronímias da mesorregião norte do Maranhão.

Na região Norte, Andrade (2008) dedicou a sua tese de doutorado à elaboração do Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins, e Araújo (2014) dedicou-se em analisar os topônimos das aldeias indígenas do município de Pacaraima (RR).

Em paralelo às dissertações e teses, outras produções acadêmicas foram realizadas. Dentre elas estão Santos e Seabra (2011) que destacam a natureza física nos topônimos nos

registros cartográficos históricos; Cavalcante e Santos (2011), que relacionam a toponímia à Geografia cultural; Faggion e Misturini (2014), que descrevem sobre a relação entre toponímia, memória oficial e memória coletiva dentre os topônimos de São Bento Gonçalves (RS); Santos (2014), ao analisar os topônimos dos logradouros centrais de São Luís do Maranhão a partir dos conceitos de poder e identidade; Firmino e Rodrigues (2014) inquiram as toponímias de origem tupi entre os municípios do estado do Espírito Santo; Souza e Ratts (2016) concentram-se em analisar os símbolos e as toponímias da região central de Goiânia (GO); Badariotti (2016), que dedica sua pesquisa aos nomes das vias francesas; Melo (2017) sobre a natureza antropológica nas toponímias de Alagoas; Prudente e Abade (2017) analisam a ausência dos hidrotopônimos do estado da Bahia; Souza e Dargel (2020) expressam as contribuições de Maria Vicentina de Paula Dick para os estudos toponímicos; Dallapiccola e Miranda (2023) apresentam os aspectos toponímicos dos municípios do estado do Espírito Santo.

Farias (2016) defende, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, a relação entre antropologia linguística e etnografia toponímica nas vivências e linguagens socioculturais de municípios do Pará.

Brito (2012) defende o imaginário toponímico do Rio Grande do Norte na Primeira República e Araújo (2013) analisa as questões de gênero da toponímia urbana do município de Caicó (RN), ambos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Rocha (2021) relaciona em sua tese, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, a memória e as representações simbólicas do período militar do Brasil (1964 -1985), material em que a autora identifica os nomes dos logradouros, objeto de homenagem aos militares, em Belo Horizonte (MG).

Brito (2019), sete anos depois da defesa da dissertação, envereda pelo imaginário toponímico dos grupos escolares do Rio Grande do Norte nos anos de 1907 a 1947, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFRN.

Observa-se, sobretudo no século XXI, o interesse crescente de pesquisadores em desenvolver estudos toponímicos em diversas áreas do conhecimento além da linguística, como antropologia, geografia, história, psicologia social, pedagogia, entre outras¹¹. De modo geral, a primeira função da toponímia é identificar ou individualizar lugares e perfazer-se

¹¹ Fonte: Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso: abril 2023.

apenas registro de ocupação humana. Contudo, a possibilidade de haver significados nas denominações que, por vezes não são claras, faz da toponímia uma potencial disciplina interseccional, que Carvalhinhos (2004, p. 245) classificou como *Ciência Carrefour*, uma vez que os nomes e as intencionalidades estão ligados aos fenômenos históricos, econômicos, sociais, locacionais, emocionais e identitários.

1.3 Os nomes dos lugares na Geografia

“O conhecimento é, ao mesmo tempo, um fenômeno multidimensional e inacabado, sendo impossível sua completude e abrangência total, uma vez que, a cada etapa da visão globalizadora, novas questões e novos desdobramentos surgem” (Luck, 1995).

Embora as discussões teóricas acerca das toponímias sustentem, em maioria, as produções teóricas e acadêmicas na área da linguística, a temática é passível de análise por outras áreas do conhecimento. Serão elencados nesta seção as contribuições dos estudos toponímicos na Geografia.

O campo de estudos da Toponímia não está limitado apenas à etimologia dos nomes atribuídos aos lugares. Estes estão associados aos aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que os motivam¹². Isto é, estão atrelados a questões históricas, ambientais e culturais em um determinado espaço e se reproduzem como apropriação do espaço geográfico.

Apesar da escassez dos estudos acerca da toponímia no campo da geografia, o tema torna-se interessante pela riqueza de conhecimento e informação geográfica sobre cada lugar, podendo ultrapassar os interesses sociais e políticos e assim referenciar origens, paisagens e recuperar acontecimentos históricos. Tal fato é passível de fornecer interesse futuro não apenas aos geógrafos, mas também aos habitantes de determinado local¹³.

Arroyo (2010) discute sobre a pouca preocupação da Geografia em fazer da Toponímia uma disciplina de estudo sobre os nomes dos lugares, sustentado pelo possibilista Vidal de La Blache: é a ciência dos lugares mais que dos homens¹⁴. O autor ainda aborda a necessidade das informações georreferenciadas para o aporte das pesquisas socioespaciais e

¹² SOUZA, 2007, p. 117.

¹³ ARROYO, 2010.

¹⁴ Idem. Ibidem, p. 299.

territoriais, tendo em vista as mudanças e os fenômenos atuais¹⁵.

Sabe-se que é tarefa da geografia espacializar os fenômenos socioambientais e territoriais, e sua contribuição para os estudos toponímicos pode aferir, entre outros, a espacialização dos nomes, a lógica de distribuição no espaço geográfico e a intensidade com os quais são atribuídos aos lugares. Ademais, do ponto de vista geográfico, a toponímia pode ser analisada através de três funções: a primeira pela *identificação*, que o topônimo o individualiza; a segunda pela *localização*, as coordenadas que o topônimo se encontra; e a terceira, pela *descrição* dos aspectos geográficos que mais o distingue de outros lugares¹⁶.

Para alguns geógrafos, a denominação dos lugares é marcada pela visão de mundo e de valores individuais dos nomeadores, com base “nas percepções que os indivíduos têm acerca da superfície terrestre, bem como das representações compartilhadas”¹⁷. Andrade (2017) afirma que:

A Geografia Cultural se apropria dos estudos da toponímia na tentativa de compreender a nomeação do lugar a partir de uma dimensão ontológica, tendo em vista os aspectos de dominação territorial, o contexto etimológico, o surgimento e a cristalização da identidade e a significação atribuída ao lugar. Os nomes de lugares e sua dimensão cultural adquirem uma pluralidade com simbolismos e identidades co-responsáveis pelas expressões dos valores individuais dentro de cada época, onde cada lugar fora sendo nomeado e ao mesmo tempo proporcionando um sentimento de pertencimento e domínio territorial (Andrade, 2017, p. 204).

A dimensão simbólica está presente nas cidades, ancoradas na visão e nos interesses da elite possuídos do poder de nomeação de sítios, uma vez que boa parte da toponímia corresponde às homenagens aos proprietários das terras loteadas¹⁸, bem como em duplicidade, quando há nomeações informais, contrárias às oficiais, sustentadas no imaginário popular e coletivo, relacionados à identidade do lugar e aos que deste vivenciam.

Andrade (2017) corrobora com a contribuição feita pela Geografia Cultural para os estudos toponímicos, subárea em que o “Lugar” é categoria de análise primordial. Segundo a autora, os nomes dos lugares contemplam as “dimensões e/ou dominação territorial, o surgimento de identidades e significações para dado lugar”.¹⁹ Já a análise humanista fornece

¹⁵ Idem. Ibidem, p. 301. “Por un lado, la multiculturalidad y el plurilingüismo, el creciente interés por lo diverso, por lo local y por lo propio que caracterizan muchas de las actuales reivindicaciones socioterritoriales. Por otro, la importancia de la información territorial georreferenciada en formato digital, constantemente demanda por las más diversas actividades, lo que obliga a mejorar su disponibilidad para diferentes tipos de usuarios.”

¹⁶ Idem. Ibidem, p. 302

¹⁷ ANDRADE, 2017, p. 143.

¹⁸ CORRÊA, 2014, p. 177.

¹⁹ Idem. Ibidem, p. 143.

aparatos metodológicos que trazem reflexão ao sentimento de pertencimento, de mundo vivido, no qual se estabelece a relação entre dominadores e dominados.

Essa relação afetiva dos indivíduos com o lugar indica que se existimos, logo temos um lugar, pois todo espaço ocupado remete à noção de lugar. Pode ser entendido como as ruas, os bairros, as casas, cidades, regiões, enfim os lugares designados e fixados pelas pessoas, de acordo com suas experiências, valores, significações e identidade (Andrade, 2017, p. 144).

São exemplos desta reflexão os resultados parciais do Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira, de Sousa (2008), que apresentam a predominância de topônimos de natureza antropocultural nos nomes dos seringais e nas colocações acreanas. A valorização dos aspectos socioculturais evidenciam a ocupação de diversos grupos sociais que desconheciam o ambiente físico-naturais, por isso “usavam” os designativos para manifestar seus sentimentos diante da realidade, para manifestar a sua fé, lembrar dos locais de onde vieram entre outros. Trata-se de uma forma de conservar as tradições e os costumes de sua gente²⁰, uma vez que o autor evidenciou o maior número de Corotopônimos, Animotopônimos e Hierotopônimos dentre as naturezas antropoculturais de classificações taxonômicas.

1.4 Cidade, signos e significações

“Na rua do Sul me cego, na rua da Paz me revolto, na do Comércio me nego mas nas das Hortas floresço; na dos Prazeres soluço, na da Palma conheço, na do Alecrim me perfume, na da Saúde adoço, na do Desterro me encontro, na Alegria me perco. Na Rua do Carmo berro, na Rua Direita erro e na da Aurora adormeço”

Ferreira Gullar

A ideia de Lugar na Geografia está atrelada ao afeto, ao significado que determinada área traz aos sentidos. Tuan (2012) aborda os sentidos na cidade primitiva grega, de maneira pela qual os que vivenciavam a cidade próximos às figuras religiosas poderiam exercer a transcendência do pensamento e da ação, enquanto nos vilarejos estavam os pagãos. Dessa forma, a cidade era vista como o espaço para os cidadãos, enquanto as vilas sertanejas, distante de um núcleo de poder, era para os vilões.²¹ Nas *polis* existem as burocracias, meios

²⁰ Idem, Ibidem, p. 125.

²¹ Idem, Ibidem, p. 209.

pelos quais se concretizam o poder no mundo humano, pelo “reconhecimento e aceitação de símbolos de legitimidade” (Tuan, 2012, p. 210).

A cidade moderna, esta que não necessariamente exige a existência de muros físicos, permanece sendo como palco de poder e de criação de signos. Mas, para além das muralhas, as cargas subjetivas são apresentadas ao poder de grupos não hegemônicos, que mantêm suas memórias, suas identidades e suas vontades por meio dos nomes de locais e de acidentes geográficos. Nomear lugares está entre as atividades mais antigas realizadas pelo ser humano. As diferentes concepções de significados ou visões de mundo podem ser encontradas nas toponímias que estão em íntima relação com as motivações do nomeador.

O conceito de território de Milton Santos mostra a importância da relação dos sujeitos com o espaço, e como este é reconhecido e valorizado²². Ao considerar essa concepção, o território urbano é palco de diversos signos desde o seu surgimento. Sejam nos traçados das formas ideais, circulares ou em quadrantes, ou nos arranjos arquitetônicos, a cidade está sempre envolta na produção de sentidos. Os bairros, as praças, as ruas, os monumentos, a arquitetura das casas correspondem a inúmeras representações identitárias do grupo que ocupa determinado espaço, em conjunto com o que lhe foi proporcionado sistematicamente para o registro da sua ocupação ou sua passagem pelo local.

O lugar onde se nasce, o lugar onde se cresce, o lugar onde se vive, todos esses carregam em si sentidos individuais de acordo com o mundo vivenciado por cada pessoa e carregam também nomes para localizá-los no espaço geográfico. Nomear os lugares é, para além de identificá-los, um referenciador da realidade espacial do ser humano²³.

Peirce (1972) estabelece o modelo interseccional e interdependente entre *signo*, *objeto* e *interpretante*. Na triangulação semiótica, os *objetos* - materiais ou imateriais - determinam o *signo* - a evocação ou referência a algo estabelecido - que, por sua vez, terá efeito desde que o *interpretante* - abstração individual ou coletiva - tenha o conhecimento para a produção de sentido. Logo, é possível observar, em determinadas denominações, a dificuldade de associação imediata entre o nome e o local, visto que os processos emocionais podem descartar as motivações naturais diversas e dispostas, e considerar aspectos sociohistóricos vividos.

Oliveira (2008) salienta que “a percepção da realidade dá-se por meio dos signos, e que a linguagem opera como mediadora da experiência humana”²⁴. O topônimo, nesse

²² SANTOS, 2016, p. 175.

²³ ISQUERDO, 1996, p. 82.

²⁴ OLIVEIRA, 2018, p. 14.

sentido, serve como coordenadas de significações individuais, pois funciona como *signo linguístico* requerente de *significação* (condição emocional permeada de *sentido*) que permite a interpretação ao visualizar determinado objeto que, este por sua vez, não necessariamente corresponde à natureza material. Segundo o autor:

Há, no exame do signo toponímico, duas abordagens a se considerar. A primeira relaciona-se com o fato histórico, isto é, com o evento que moveu, propriamente, certo denominador, inserido em determinado contexto, a realizar uma escolha, entre outras opções, para o ato de batismo, em qualquer data do passado, bem como as mudanças ou permanência, desse nome na sucessão dos tempos. A segunda diz respeito à situação presente de determinada nomenclatura, sua disposição atual em um determinado panorama de motivações, evidenciadas nos campos conceituais léxico-semânticos. As duas abordagens descritas determinam, respectivamente, as perspectivas diacrônicas e sincrônicas das pesquisas toponímicas, cujo eixo central de análise é o elemento lexical (Oliveira, 2008, p. 26).

Desse modo, do ponto de vista temporal, a toponímia é um signo passível de perda de sentido, devido às mudanças históricas e à possibilidade de declínio da memória da população que a utiliza sem fundamentar-se no passado.

1.4.1 Função e memória toponímica: mudanças e inquietações

A memória rema contra a maré no meio urbano. É o que afirma Ecléa Bosi (2003) ao tecer sobre as lembranças paulistanas. De fato, o modo de vida atual dificulta estabelecer relações concretas e reais. O passado, contado pessoalmente pelos mais velhos, diminuiu, à medida que aumentou-se o contato via redes sociais. Talvez seja esta a nova condição social: o afastamento informacional. É também pelas redes sociais que se espalham, com maior alcance e aprovação, as recentes alterações nas toponímias de logradouros públicos.

As páginas das redes oficiais das prefeituras, dentre outros meios, têm-se atentado às postagens acerca das alterações recentes dos nomes de ruas, avenidas e praças. Em janeiro deste ano, a Prefeitura do Rio de Janeiro informou a mudança do nome da Avenida Castelo Branco para Avenida Rei Pelé. A homenagem foi feita em decorrência do falecimento do jogador em dezembro de 2022.

Figura 1: Placa da Avenida Rei Pelé em frente ao Maracanã



Fonte: Divulgação Agência Brasil, 2023.

Observa-se no letreiro o destaque dado a Edson Arantes do Nascimento como “sinônimo de Brasil aos olhos do mundo”. A efetivação da representação do tricampeão pela Seleção Brasileira em Copas do Mundo, agora, também como um endereço, se transmite pela escolha da via que recebeu o seu nome. A avenida em questão permeia o entorno do Maracanã, o maior estádio do país em capacidade de torcedores, além de importante cenário nas partidas de campeonatos nacionais e internacionais de futebol. O estádio foi palco da abertura dos Jogos Olímpicos de 2016 e da final da Copa do Mundo FIFA de 2014, entre outros torneios anuais.

Para Stuart Hall (2003), as culturas nacionais constituem-se também por símbolos e representações e torna-se discurso uma vez que contribui para a construção de sentidos. Hall aponta:

Há a narrativa de nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular [...]. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste entre nós (Hall, 2003, p. 52).

Por isso, o título de Rei do Futebol ofertada a Pelé é uma grande manifestação da cultura popular brasileira relacionada ao principal esporte praticado no país. Nesse sentido, a atribuição do nome e a localização indicam a motivação de escolha toponímica e relação com os transeuntes que fazem uso da via, além dos frequentadores do estádio. Uma vez que a escolha toponímica está relacionada à cultura, necessariamente, ela atrela-se à memória. Bem

como demonstra o poder público em renomear espaços estratégicos de exposição e simbologia.

Neste caso, a cidade incorpora à sua própria história uma motivação recente, atrelada às experiências pessoais daqueles que vivem no país do futebol, a amantes ou não do esporte. Trata-se de uma motivação que revela as concepções sociais, culturais e históricas do tempo vivido. Sobre os nomes atribuídos aos lugares, Dick (1998) afirma que fazem parte da seleção de uma realidade vivida pelo denominador e são absorções da mentalidade do tempo histórico grupal²⁵.

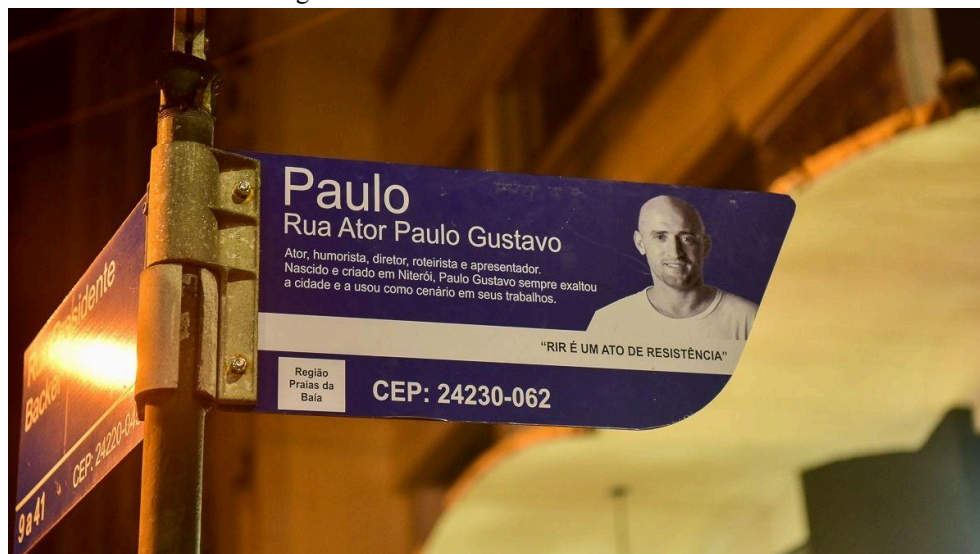
Em Icaraí, bairro de alto padrão do município de Niterói (RJ), foi alterado o topônimo da rua Coronel Moreira César para rua Ator Paulo Gustavo. Apelidado de “corta-cabeças”, Moreira César foi militar do Exército Brasileiro até a sua morte na Guerra dos Canudos, em 1897. De acordo com a Prefeitura de Niterói, a mudança do nome foi aceita por 90% da população local conforme consulta pública, que contou com o voto de 34 mil habitantes do município. As 46 placas com a nova toponímia se dividem entre as padronizadas com uma breve biografia do homenageado e o CEP, e aquelas que levam a foto do ator e as frases ditas por ele, como: “Ame na prática, na ação. Amar é ação, amar é arte” e “O humor salva, transforma, alivia, cura, traz esperança para a vida da gente.” Outra placa em homenagem ao humorista traz a frase: “Rir é um ato de resistência”.

Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros, nascido em Niterói (RJ), tornou-se conhecido pelas interpretações como Dona Hermínia, que foi das telas da *TV* para as grandes telas dos cinemas. A trilogia de *Minha Mãe é Uma Peça* conquistou milhões de espectadores e bateu recorde de bilheteria nacional. A personagem da mãe solo brasileira, preocupada com o lar e superprotetora cativou o público e fez de Paulo Gustavo um ícone do humor na cultura popular brasileira. Paulo Gustavo também foi símbolo de representatividade para a comunidade LGBTQIAP+ ao assumir seu relacionamento homoafetivo (Silva e Duarte, 2021). Em março de 2021, Paulo Gustavo foi internado acometido pela COVID-19²⁶.

²⁵ DICK, 1998, p. 79.

²⁶ A vacina, tão esperada pelo ator e por todos os brasileiros, não chegou a tempo. Em maio de 2021, o ator faleceu devido às complicações do coronavírus.

Figura 2: Placa da rua Ator Paulo Gustavo



Fonte: Marcello Sá Barretto/AgNews, 2021.

Ao tratar o topônimo como um signo, recorremos a Bakhtin (1997), que defende que todo signo é ideológico, estando sujeito à avaliação: “se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc”²⁷. Se não há neutralidade nos signos, não há neutralidade em substituir a homenagem de uma figura militar, retratada pela história brasileira como um indivíduo perverso, para um ator, nacionalmente conhecido pelo seu trabalho e pela representatividade para a comunidade LGBTQIA+, embora a profissão que foi exercida pelo ator seja, tradicionalmente, vista com menor significação e poder em um país que ainda engatinha para sair do coronelismo²⁸.

Tendo em vista a imensa aprovação da população niteroiense para a mudança em homenagem ao humorista Paulo Gustavo, assumidamente homossexual, crítico e engajado às pautas dos mais vulneráveis, é de se sor(rir), resistir e esperar com a possibilidade de contemplar placas que enunciam novas histórias que refletem sobre um contemporâneo e tolerante Brasil.

A toponímica, enquanto retrato aproximado da vivência dos seres humanos, não está alheio ao contexto natural e cultural das pessoas. Conforme aponta Andrade (2010), “ao contrário, reflete e refrata de perto a própria essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo”²⁹.

A Avenida Maria Geralda de Almeida está situada no bairro Aruana, em Aracaju, em homenagem à professora Maria Geralda de Almeida, que dedicou suas pesquisas aos estudos

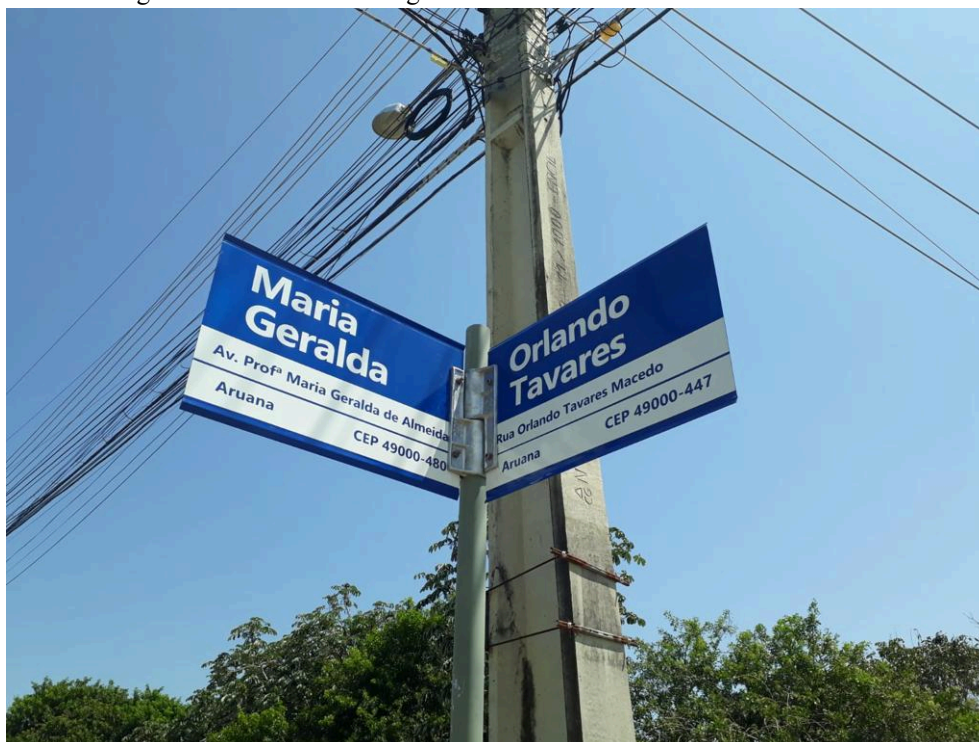
²⁷ BAKHTIN, 1997, p. 32.

²⁸ SILVA E DUARTE, 2021.

²⁹ ANDRADE, 2010, p. 197.

culturais dos povos originários. Na cidade em que foi colaboradora do Programa de Pós-graduação em Geografia desde a fundação, a PhD será lembrada também como endereço, em homenagem às suas contribuições para a sociedade.

Figura 3: Placa em homenagem à Professora Maria Geralda de Almeida



Fonte: Reprodução/Redes Sociais.

Como afirmado anteriormente, os nomes dos lugares quase sempre expressam a intenção de quem tem o poder de nomear. Bin *et al.* (2020) salienta que a toponímia pode revelar o ponto de vista de quem nomeia ou troca o nome de determinado local, pois coexiste a tentativa de registrar nos locais uma *nova memória* que novos grupos pretendem perpetuar³⁰.

Em 14 de março de 2021, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro instalou uma placa simbólica em homenagem à vereadora. Contudo, a praça, localizada na Cinelândia, centro da capital carioca, oficialmente segue com o nome de Floriano Peixoto, o “Marechal de Ferro”. O local da instalação da placa está relacionado com o espaço de trabalho e de luta realizados por Marielle, desde 2016, quando foi eleita vereadora do município do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com 46.502 votos, bem como com o fato de ser o espaço público onde se iniciou o que Guimarães (2002) chama de Semântica do

³⁰ BIN *et al.*, 2020, p. 5

Acontecimento, quando as expressões tomam significado e funcionam relacionadas ao acontecimento.

A praça da Cinelândia foi palco da manifestação pelas execuções de Marielle Franco e de Anderson Gomes, ocorridas na noite do dia 14 de março de 2018. Sete dias após o crime, o local em frente a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro ficou marcada com o protesto não apenas pela morte de Marielle, mas também contra a cultura da violência sobre os corpos negros e periféricos. Neste ato, a placa da Praça Floriano foi sobreposta pela placa “Rua Marielle Franco”. A placa instalada no protesto é similar às utilizadas pelo poder público municipal para identificar os logradouros da capital do Rio de Janeiro, com o acréscimo de indicações do local exato onde Marielle e Anderson foram executados no bairro Estácio de Sá. Na mesma placa, lê-se: “(1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada em 14 de março de 2018”.

Figura 4: Placa em homenagem à Marielle Franco



Fonte: www.ruamariellefranco.com.br.

Desde 2019, cidades da Europa passaram a discutir a possibilidade de nomear espaços públicos, como praças, logradouros e estações de metrô com o nome de Marielle Franco. Cidades brasileiras também apresentaram propostas para nomear locais públicos com o nome da socióloga. Até dezembro de 2020, mais de 150 receberam suas denominações, oficialmente, para o nome de Marielle Franco³¹. Em Paris, foi inaugurado um jardim em homenagem à vereadora. O local fica situado no 10º distrito da cidade, próximo a uma das principais estações da capital francesa. A aprovação pela homenagem foi decidida por unanimidade pela Câmara Municipal de Paris.

³¹ PEREIRA, 2022.

Figura 5: Placa Jardim Marielle Franco



Fonte: Reprodução/Portal Happiness, 2020.

Além de Paris, Buenos Aires e Lisboa são outras capitais internacionais que designaram espaços públicos com o nome de Marielle Franco. Tais homenagens, no Brasil e em outros países, “são indicação de políticas de memória que buscaram promover reconhecimento à perda de uma vida cujo valor estava além da sua própria vida, simbolizando os valores e princípios pelos quais ela lutara” (Rodrigues e Vieira, 2020). As autoras afirmam que as placas à Marielle Franco expressam a função política do luto público, de maneira que nomear logradouros públicos com o nome de pessoas falecidas é uma política oficial do luto.

Dessa forma, pode-se reafirmar a toponímia como *signo* e referência temporal ao registrar, no espaço geográfico, determinada memória que exalta o sentido vivido no momento em que ocorrem as denominações dos lugares públicos.

1.5 As taxonomias: metodologia aplicada

Os estudos de Dick contribuem para a identificação dos elementos léxico-semânticos da denominação³², os quais facilitam a construção de sentidos. O *Sistema Toponímico Taxonômico*, proposto por Dick (1992), atribui vinte e sete classificações toponímicas e, a

³² DICK, 1980 e posteriores.

partir do modelo desenvolvido pela autora, é possível identificar padrões que justificam as nomenclaturas de determinados lugares sequenciados pelos seus significados.

As classificações taxonômicas são divididas em duas *taxes* principais: natureza física e natureza antropocultural. As Taxonomias de Natureza Física são relativas aos aspectos naturais do ambiente, de modo geral, e são compostas por onze classificações.

Quadro 1 - Taxonomias de Natureza Física

Taxes de Natureza Física	Definição
Astrotopônimos	Relativos a corpos celestes em geral.
Cardinotopônimos	Relativos aos pontos de referência de localização e orientação geográfica.
Cromotopônimos	Referem-se à escala de cores.
Dimensiotopônimos	Referem-se às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura e profundidade.
Fitotopônimos	Referentes à índole vegetal, em conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes.
Geomorfotopônimos	Relativos às formas do relevo continental e oceânica.
Hidrotopônimos	Relacionados aos cursos hídricos em geral.
Litotopônimos	Referentes aos minerais, rochas e componentes do solo.
Meteorotopônimos	Relativos aos fenômenos atmosféricos.
Morfotopônimos	Referem-se às formas geométricas.
Zootopônimos	Relativos aos animais.

Fonte: Dick, 1992. Elaborada pela autora, 2023.

As Taxonomias de Natureza Antropocultural constituem-se da sistematização de elementos motivadores referentes ao contexto cultural, histórico, social e político. As escolhas por essas *taxes* exaltam a manutenção dos aspectos socioculturais do denominador ou do grupo responsável por nomear.

Quadro 2 - Taxonomias de Natureza Antropocultural

Taxes de Natureza Antropocultural	Definição
Animotopônimos ou Nootopônimos	Relacionados à vida psíquica ou à cultura espiritual.
Antropotopônimos	Referem-se aos nomes próprios individuais seguidos, ou não, por sobrenome.
Axiotopônimos	Relativos aos títulos, cargos e honrarias dos quais se acompanham os nomes próprios individuais.
Corotopônimos	Referem-se aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Cronotopônimos	Os que encerram indicadores cronológicos representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha.
Ecotopônimos	Referem-se às habitações de modo geral.
Ergotopônimos	Relativos aos elementos de aspecto material.
Etnotopônimos	Relacionados aos elementos étnicos, isolados ou não.
Dirrematopônimos	Constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Hierotopônimos	Alusivos aos nomes sagrados de diferentes crenças: as associações religiosas, as enfermidades religiosas e os locais de culto. Esta classificação subdivide-se em: <ul style="list-style-type: none"> • Hagiotopônimos - Referem-se aos santos e santas católicos romanos. • Mitotopônimos - Referem-se às entidades mitológicas.
Historiotopônimos	Relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes a episódios históricos.
Hodotopônimos	Correspondem às vias de comunicação rural ou urbana.
Numerotopônimos	Referem-se à ordem numeral.

Poliotopônimos	Constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
Sociotopônimos	Referem-se às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
Somatopônimos	Empregam-se na relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal.

Fonte: Dick, 1992. Elaborada pela autora, 2023.

Percebe-se que as classificações estão relacionadas ao prefixo central de referência em conjunto com o complemento “topônimo” para causar destaque à disciplina Onomástica³³. A depender do recorte espacial da análise, nem todas as classificações se adequam às toponímias estabelecidas. De modo que alguns significados são mais evidentes do que outros, completamente transparentes ou opacos, sem a possibilidade de enxergar a motivação da denominação³⁴.

Ademais, as denominações dos lugares e dos acidentes geográficos estão intimamente ligados aos repertório linguístico do indivíduo ou grupo nomeador e às intenções por eles verificadas. Dick (2007) observa que, quanto maior for a heterogeneidade étnico-cultural da população de determinado lugar, conseqüentemente, maiores serão as atenções e as dificuldades em atender a vontade coletiva. Dessa forma, os topônimos podem estar distantes da identidade de determinados grupos.

³³ DICK, 1999, p. 142.

³⁴ DICK, 1990, p. 39.

CAPÍTULO 2 - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES): ÀS MARGENS DE SUA ORIGEM

O objetivo central deste capítulo é localizar o recorte espacial desta pesquisa e discutir as motivações geográficas, históricas, sociais e econômicas que contribuíram para a ocupação e transformação espacial da área. Nesse ensejo, são apresentadas narrativas do processo histórico de ocupação da Região do Médio Itapemirim, os fatores de ocupação da área e o surgimento de Cachoeiro de Itapemirim, a cartografia dos limites distritais do município em tela, do surgimento dos bairros e da evolução da mancha urbana do distrito-sede, em conjunto com os aspectos da superação da condição rural e os fatores políticos de urbanização. Na última seção, também apresenta-se a cartografia das taxonomias dos bairros do distrito-sede do município, bem como a descrição das classificações e as significações das toponímias analisadas.

2.1. A ocupação do Vale do Itapemirim

“Ele é o nosso rio, a razão de nossa existência como cidade; nascemos dele e dele vivemos” (Rubem Braga, 2011).

O rio Itapemirim foi o caminho pelo qual os tropeiros percorreram para a região das minas de ouro, onde hoje está localizado o município de Castelo, a aproximadamente 38 km ao norte do município de Cachoeiro de Itapemirim. Na região de Castelo, estabeleceram-se as primeiras povoações do interior do sul do Espírito Santo, em meados do século XVIII, denominado como o primeiro ciclo de ocupação no Alto Itapemirim. Este ciclo teve início ordenado pelo donatário Francisco Alberto Rubim com a intenção de aumentar o povoamento da região Sul da capitania³⁵.

Em “Histórias de Cachoeiro”, publicado pela primeira vez em 1946, o cronista Newton Braga descreve a evolução da ocupação da região do Vale do Itapemirim até o desenvolvimento do sítio urbano, atento ao processo de modernização da cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Na primeira história intitulada “Tudo por aqui era mato bravo”, Braga (2011) destina suas linhas para o interesse de descrever a interiorização da ocupação:

³⁵ PENNA, Tainah Virginia Cypriano. **Rios urbanos e paisagem: do convívio à negação em Cachoeiro de Itapemirim–ES**. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes. 193 f. 2017.

No começo, tudo por aqui era mato bravo. Grandes florestas, impenetráveis em certos lugares, cobriam toda a região por onde se espalham hoje lavouras, cidades e vilas. É bem verdade que o Estado do Espírito Santo logo alguns anos depois da descoberta do Brasil começou a ser povoado e explorado pela gente portuguesa.

[...]

Gente rude, forte, ambiciosa, cheia de coragem, os primeiros colonizadores foram, através de lutas e lutas, fazendo com que os indígenas se submetessem ao seu poder e trabalhassem para eles, ou então fossem recuando para o sertão.

[...]

Só muitos anos depois, porém, é que se foi fazendo a penetração em nossos sertões, e isso devido, principalmente, à ambição pelo ouro que começava a ser encontrado em várias regiões do Brasil.

Estavam atuando, portanto, nos primeiros tempos de nossa história, as duas forças com as quais se escreveu e se escreverá sempre história de todas as nações: a fé e a ambição.

Foram-se desbravando assim as nossas matas (Braga, 2011, p. 15-16).

O autor apresenta a expansão das propriedades rurais dos fazendeiros às margens do Itapemirim, dentre os quais se destaca Joaquim Marcelino da Silva Lima, sendo este um dos principais personagens da interiorização da ocupação da região Sul do Espírito Santo nas primeiras décadas do século XIX. Outra figura destacada pelo autor é o português Capitão-Mor Manoel Esteves de Lima, “o bandeirante que semeou cidades no sul capixaba” (p. 25). Lima desembarcou no Brasil em 1801, aos 23 anos, e tornou-se habitante de Mariana, em Minas Gerais, “por lá ajeitou sua vida: casou-se, estabeleceu-se como fazendeiro e ganhou o título de capitão”.

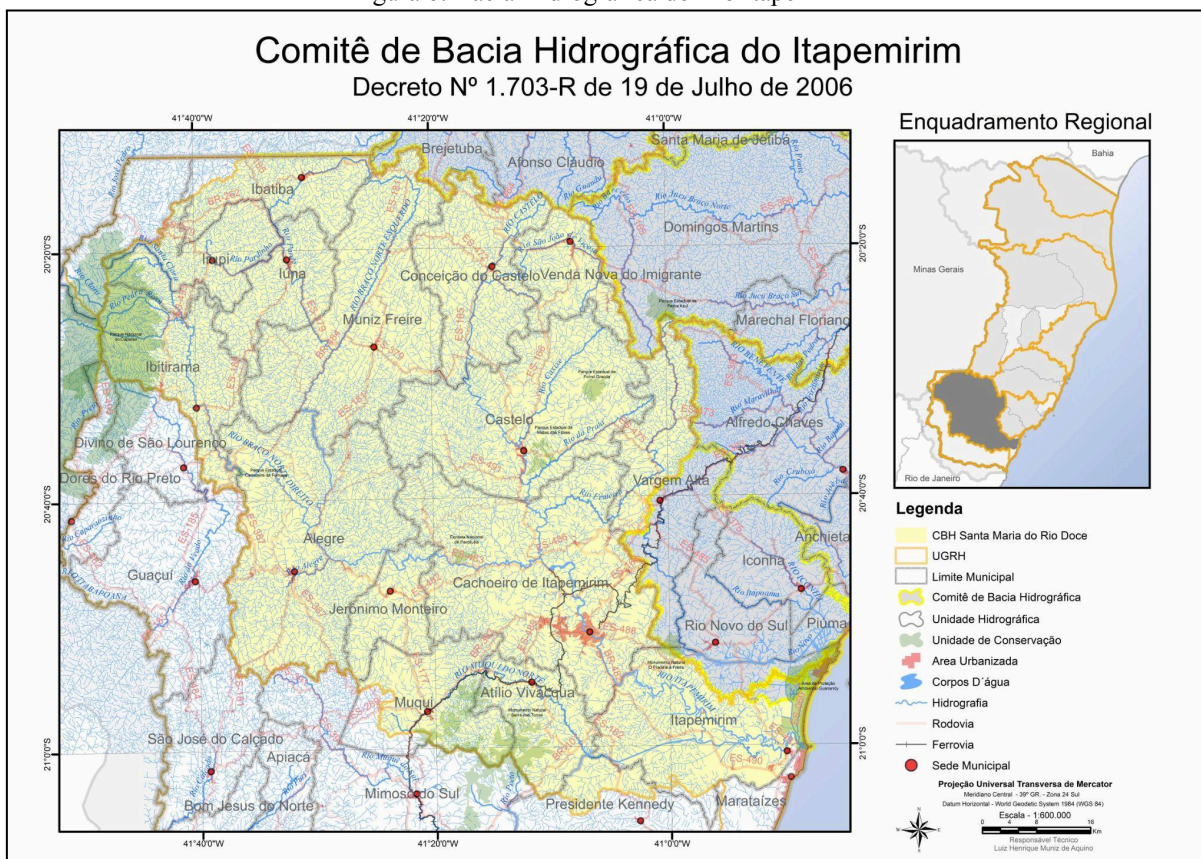
O bandeirante obteve sucesso na sua incursão acompanhado “por brancos, pretos, mulatos e outros mestiços - pessoas que não tinham para perder senão a própria vida” (p. 26) saindo do terreno acidentado e pedregoso, onde posteriormente se estabeleceu a Estrada de Ferro Leopoldina; decidiu terminar o trajeto pelo curso do rio alcançando assim o seu destino final: a extensa propriedade do Barão de Itapemirim. Na tentativa de retornar à Mariana pelo mesmo caminho, Esteves de Lima foi deixando os homens de sua empreitada por vários vilarejos, hoje denominados Guaçuí, Alegre e Rive, este último, distrito do município alegreense:

Flores, um preto, ficou com as terras da Cachoeira das Flores; Pombal (hoje Rive) e a fazenda de São Bartolomeu ficaram com o português João Manuel Gonçalves Monteiro; Jerônimo Cardoso abriu, por conta, a fazenda de São Francisco de Alegre; um preto natural de Minas, ficou com terras são hoje a cidade de Alegre, e Justino José Maria com as que são atualmente a cidade de Guaçuí (Braga, 2011, p. 26).

Tais locais citados são compreendidos pelos afluentes do rio Itapemirim, e fazem parte da Bacia Hidrográfica do mesmo nome. Como a história de diversas cidades, além de

Cachoeiro³⁶, outros municípios surgiram às margens rio em tela e seus afluentes, como podemos observar no mapa da figura 6.

Figura 6: Bacia Hidrográfica do Rio Itapemirim



Fonte: Agência de Recursos Hídricos do Espírito Santo.

Com o progresso da vila de Itapemirim, localizada no litoral, a colonização se espalhou pela região Sul da capitania de maneira natural “pelas beiras do rio, caminho líquido para a entrada do sertão. A civilização veio, pois, rio acima” (Braga, 2011. p. 23).

Francisco Alberto Rubim, Presidente da Província do Espírito Santo entre os anos de 1812 e 1819, destaca os fatores atrativos da ocupação às margens principal curso d'água da região Sul:

“O Sr. Manoel José Pires da Silva Pontes, um dos ilustrados administradores, que teve na província do Espírito Santo, escrevia em fevereiro de 1834, a respeito de sua extensão:

[...] e do rio Itapemirim he capaz de produzir, com maior vantagem os mesmo artigos, e com preferência a cana de assucar, mandioca, café e arroz (Rubim, 1840, p. 34)³⁷.

³⁶ O nome do município, por vezes, será reduzido a “Cachoeiro”, designação comum entre os espírito-santenses.

³⁷ RUBIM, Francisco Alberto. **Memórias para servir à história até 1817 e breve notícia estatística da Capitania do Espírito Santo**. Lisboa: Imprensa Nevesiana. 1840. 32p.

Sob a alegação de constantes ataques, foi instalado com aproximadamente trinta soldados, de tal modo como atuava o Governo da época, o Quartel da Barca foi “no primeiro caxoeiro deste rio” por determinação do Presidente da Província, em 1818:

“O primeiro caxoeiro d’este rio dista da villa 6 léguas, nelle se acha estabelecido um quartel da parte Sul, guarnecido com 1-inferior e 30 soldados do corpo de Pedestres. Suas margens até o quartel estão povoadas de grandes fazendas com 8 engenhos reaes e 1 engenhoca cuberta da Sapé (Rubim, 1840, p.28)

Além do objetivo de patrulhamento nas proximidades do rio Itapemirim, o quartel do século XIX, “era uma peça política de colonização do Espírito Santo, que consistia em aprisionar marginais, civilizar ou extinguir as populações nativas, assegurar a ligação de Minas Gerais com o litoral e efetuar a entrega das correspondências” (Rocha, 2017). Diferente de inúmeras cidades em que a instalação de uma capela e, posteriormente, de uma praça como propulsores do surgimento e aumento das cidades, a edificação sumária de atração para o desenvolvimento do âmago populacional de Cachoeiro de Itapemirim foi o Quartel da Barca.

2.2. O rio e o vale: o surgimento de Cachoeiro de Itapemirim

*“Prisioneira feliz mas condenada
por leis irreduzíveis e absolutas
a viveres assim encarcerada
nesta cadeia de montanhas brutas*

*Mas que importa, se é esplêndida morada?!,
pois daqui tudo vê e tudo escutas:
-a voz de Deus e a luz das madrugada
entram também nos corações das grutas,*

*E o Itabira te guarda e te vigia,
como se fosse eterna sentinela
- carcereiro que te vela noite e dia.*

*Tudo, enfim, te rende um justo preito,
enquanto um claro rio tagarela
rola, cantando, dentro do peito.”*

Benjamin Silva

“No primeiro caxoeiro d’este rio”. O aspecto encachoeirado do rio Itapemirim dificultava a navegação de barcas pelo curso. O limite navegável do curso hídrico foi determinante para a instalação do Quartel da Barca, em 1818, cujo objetivo era assegurar a incursão dos exploradores, além de capturar escravos foragidos das fazendas da região.

O curso d’água de assoalho acidentado determinou também o topônimo da principal cidade da região Sul do Espírito Santo. A composição do Itapemirim ao nome de Cachoeiro pode ser entendida como pertencimento à Comarca de Itapemirim. Contudo, considerando o fato da toponímia de Itapemirim ter surgido pela proximidade à foz do curso d’água designado pelos indígenas - *pequeno caminho de pedras* - faz com que, de uma maneira ou de outra, Cachoeiro pertença ao rio.

Devido à localização e ao potencial de produção, logo o arraial de Cachoeiro foi elevado à freguesia devido a possibilidade da residência fixa de um padre no lugarejo. Em 1856, viviam no sítio e nas fazendas da redondeza cerca de 3.561 pessoas, sendo 2.141 delas escravas e, portanto, mais pessoas escravizadas do que livres³⁸.

Em novembro de 1864, ocorreu a elevação da Freguesia ou distrito Paroquial de São Pedro de Cachoeiro de Itapemirim - este fora o primeiro topônimo em referência à cidade - à categoria de Vila, cujo limite abrangia o das províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, isto é, pertenciam ao município de Cachoeiro de Itapemirim, na época, toda a região Sul da Província. Cachoeiro concluiu a emancipação política da Comarca de Itapemirim no dia 25 de março de 1867, com a instalação da Câmara Municipal.

Se, por um lado, a ocupação se fez rio acima, o progresso do município desenrolou-se rio abaixo. A navegação a vapor no rio Itapemirim, em 1876, potencializou o crescimento econômico do município. Pelo curso d’água eram escoados os produtos extraídos das grandes propriedades até o Porto da Barra, em Itapemirim. A produção agrícola e pecuária de Cachoeiro seguiu os moldes dos ciclos econômicos do setor primário. No final do século XIX, Cachoeiro esteve à frente da capital, Vitória, tanto em importância econômica quanto em contingente populacional³⁹.

Para fomentar o escoamento dos produtos agrícolas, com o destaque da cultura cafeeira, em resposta ao fracasso da cultura da cana-de-açúcar que passou a se centralizar no Nordeste do Brasil, foi construído o Porto João Marques, no limite do trecho navegável do rio Itapemirim, onde atualmente está localizado o bairro Baiminas.

³⁸ BRAGA, 2011, p. 29.

³⁹ PENNA, 2017.

Figura 7: Foto do rebocador atracado no Porto do Baiminas, 1926



Fonte: Coleção Gil Gonçalves/Reprodução: Redes Sociais.

Lefebvre (1968) defende que a totalidade avistada perpassa por uma “ação construtiva, um ato inaugural”, o que pode ser interpretado como a situação geográfica que possibilita o surgimento de espaços das relações contraditórias. Silveira (1999), por sua vez, defende o método de análise por meio da situação geográfica transcendente às herdadas da Geografia Regional, “na qual o sítio era entendido entendido como uma localização apropriada para um habitat ou atividade em função de características físicas e do entorno imediato, e a situação fazia alusão às características geográficas de um lugar resultante das relações com outros lugares”⁴⁰. Para a autora, a situação geográfica resulta de um conjunto de “eventos geografizados”:

Os eventos criam, de um lado, uma continuidade temporal, susceptível de ser cindida em períodos significativos e, de outro, uma coerência espacial que é dada pelos sistemas de eventos nos lugares. Constrói-se, a cada momento histórico, uma extensão dos fenômenos no lugar, que é uma manifestação da coerência do real (Silveira, 1999. p. 22).

No campo geográfico, a cidade apresenta uma das mais complexas criações humanas, pois deve oferecer bases de sobrevivência e convivência. Bueno (2015) recorre ao geógrafo

⁴⁰ SILVEIRA, 1999.

francês Raoul Blanchard sobre como *sítio* e *posição* favorecem o surgimento e o crescimento das cidades. O sítio corresponde à localização territorial de um elemento no espaço geográfico e a posição ou situação, por sua vez, depende das relações entre este elemento e outros elementos que favorecem as cidades cuja prosperidade notável é antiga e, assim, quase sempre, permanecem⁴¹.

Nesse sentido, entende-se o rio Itapemirim, o quartel e o porto, respectivamente, como as situações que possibilitaram o surgimento da cidade de Cachoeiro de Itapemirim a partir da premissa de Silveira (1999), como “resultado do impacto de um feixe de eventos sobre um lugar e contém existências materiais e organizacionais”.⁴² O município nasce a partir do rio que o atravessa, mas o caminho da sua história está envolta à ocupação de capitães e coronéis estrangeiros e da organização econômica que se desdobrou naquele espaço.

Trata-se de um “conjunto indissociável, solitário e também contraditório, de sistema de objetos e de sistema de ações:

“Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através das funções e processos, não se realizaria. Daí por que o espaço contém as demais instâncias. Ele é, também, contido nelas, na medida em que os processos específicos incluem o espaço, seja o processo econômico, seja o processo institucional, seja o processo ideológico” (Santos, 1988).

Do mesmo modo como a maioria das cidades localizadas em estados litorâneos, Cachoeiro sofreu uma urbanização desordenada. A chegada de trabalhadores para substituir a mão-de-obra escravizada iniciou a ocupação na margem maior do Rio Itapemirim, área de alagamento nos períodos chuvosos. Prova dessa habitação próxima ao leito do Rio Itapemirim na região central do município deu-se pela localização dos primeiros bairros.

É necessário assinalar que, embora os referenciais teóricos situem o porto de Cachoeiro no bairro Baiminas, no limite atual do município, sua localização estaria no Centro. No mapa apresentado na figura 8, é possível observar a localização do Porto João Marques, que foi adquirido posteriormente para ser a sede do Centro Operário e de Proteção Mútua⁴³.

⁴¹ BUENO, 2015. p. 19-20.

⁴² SILVEIRA, 1999, p. 25.

⁴³ ROCHA, 1966 citada por ROCHA, 2017, p. 26.

Figura 8: Mapa de localização do Porto João Marques



Fonte: Rocha. 2017. Elaboração: Autora, 2023.

Até 1940, haviam sido estabelecidos outros quatro bairros além do Baiminas: Aquidaban, na margem norte, e Centro, Guandú e Santo Antônio, na margem sul do Rio Itapemirim⁴⁴. Contudo, ao observar o mapa 9 da área urbana de Cachoeiro de Itapemirim de 1938, podemos visualizar o início da consolidação do Bairro Independência, na margem norte do Itapemirim.

O surgimento da ocupação desse bairro deve-se à construção da Capela Nossa Senhora dos Passos, construída somente em 1884, popularmente chamada de Matriz Velha, pois, em 1885, ocorreu a construção da Matriz de São Pedro, na margem sul do Rio Itapemirim. Nela ocorriam os batismos dos escravos como se fossem nascidos em Cachoeiro de Itapemirim para burlar a Lei Euzébio de Queiroz, de 1850⁴⁵.

⁴⁴ Fonte: Arquivo Público Estadual *Apud* PENNA (2017).

⁴⁵ ROCHA, 2017.

Figura 9: Mapa da Área Urbana de Cachoeiro de Itapemirim em 1938



Fonte: Arquivo Público Estadual (1980) citado por Penna (2017) modificado pela autora (2023).

A partir da década de 1940, começaram a surgir novos loteamentos. De acordo com o Perfil da Cidade de Cachoeiro de Itapemirim⁴⁶, até 1980 havia em Cachoeiro apenas 24 (vinte e quatro) bairros. O estudo também verificou a tendência de expansão da cidade na direção noroeste, região com menos declives e próximo às indústrias instaladas no município (IJNS, 1980). A tendência prevista no perfil do município é comprovada no mapa de evolução da mancha urbana⁴⁷. A expansão da cidade foi superior nas regiões noroeste e oeste do município, como pode ser observado no mapa da figura 12, na próxima seção.

2.3. Localização da área de estudo

O território do município polo da região Sul do Espírito Santo tem a extensão de 864,583 Km² e, na hierarquia urbana, é classificado como Capital Regional⁴⁸. Tuan (2012) mostra a função econômica das cidades primitivas. Atualmente, a função das cidades de estrato superior na rede urbana está na referência e na execução de diversas atividades, devido

⁴⁶ Estudo realizado em 1980 para o Programa de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio, realizado pela Secretaria Estadual do Planejamento e pela Fundação Jones dos Santos Neves.

⁴⁷ Mapa apresentado na seção 2.3 deste capítulo.

⁴⁸ De acordo com o IBGE, “A hierarquia urbana indica a centralidade da Cidade de acordo com a atração que exerce a populações de outros centros urbanos para acesso a bens e serviços e o nível de articulação territorial que a Cidade possui por estar inserida em atividades de gestão pública e empresarial”. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/cachoeiro-de-itapemirim/panorama>. Acesso: março de 2023.

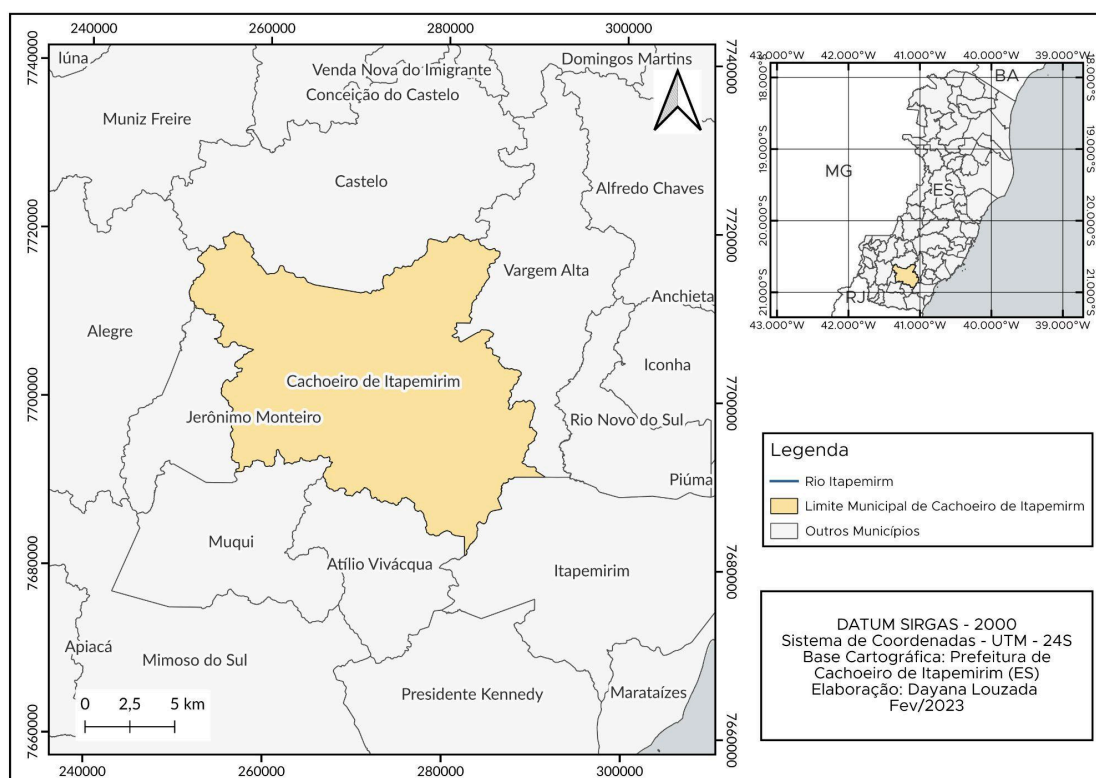
à condição econômica e à sua capacidade de oferecer bens e serviços aos municípios vizinhos. Cachoeiro de Itapemirim permanece como polo extrativista do setor primário, com destaque para o setor de extração de mármore e granito. No setor secundário, o beneficiamento destes coloca o município em posição relevante no setor de exportação de rochas ornamentais.

Por isso, entre outros fatores, comumente ocorrem migrações de habitantes de municípios próximos para o núcleo urbano de Cachoeiro de Itapemirim para ocupar postos de trabalho nos setores secundário e terciário. Há também a migração pendular interdistrital e intermunicipal daqueles que frequentam instituições de Ensino Técnico e Superior, tendo em vista a localização de faculdades privadas e do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) no distrito-sede do município.

Acerca dos aspectos demográficos, o último censo realizado pelo IBGE mostrou a queda de 1,98% no número de habitantes do município, em contradição com a população estimada pelo citado instituto. Para o ano de 2020, o IBGE estimou que haveria em torno de 210 mil habitantes em Cachoeiro de Itapemirim. Contudo, o censo de 2022, demonstrou pouco mais de 185 mil habitantes. Enquanto, em 2010, o município apresentava mais de 189 mil habitantes. Apesar dessa configuração, Cachoeiro de Itapemirim ainda ocupa o 5º lugar no *ranking* populacional do Espírito Santo⁴⁹.

⁴⁹ IBGE, 2023.

Figura 10: Mapa de localização do município de Cachoeiro de Itapemirim

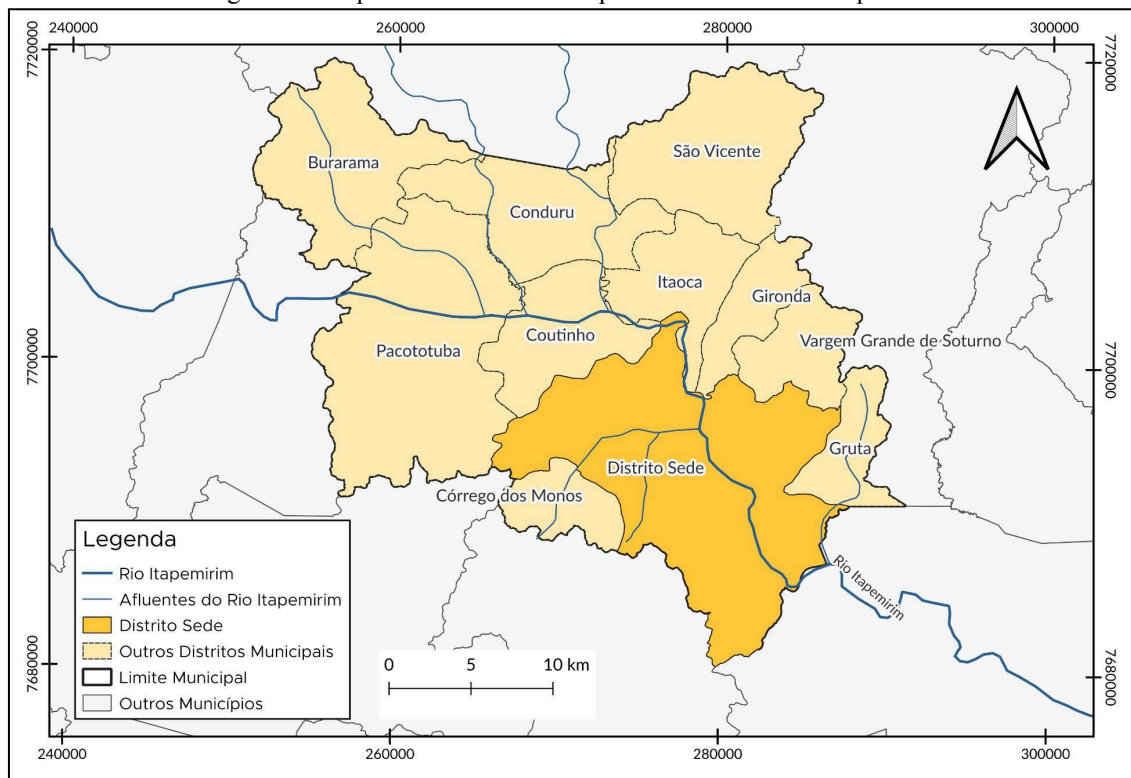


Fonte: IBGE . Elaboração: Autora, 2023.

O recorte espacial desta pesquisa delimita-se aos bairros e logradouros do distrito-sede do Município de Cachoeiro de Itapemirim, área que abrange o início da ocupação e urbanização e manteve-se como núcleo de oferta de bens e serviços, fato que favorece a permanência na hierarquia urbana enquanto Capital Regional pelo IBGE.

Atualmente, o distrito-sede do município é integrado por 69 (sessenta e nove) bairros. Além da Sede, o município integra outros dez distritos: Burarama, Conduru, Córrego dos Monos, Coutinho, Gironda, Gruta, Itaoca, Pacotuba, São Vicente e Vargem Grande de Soturno.

Figura 11: Mapa dos distritos municipais de Cachoeiro de Itapemirim



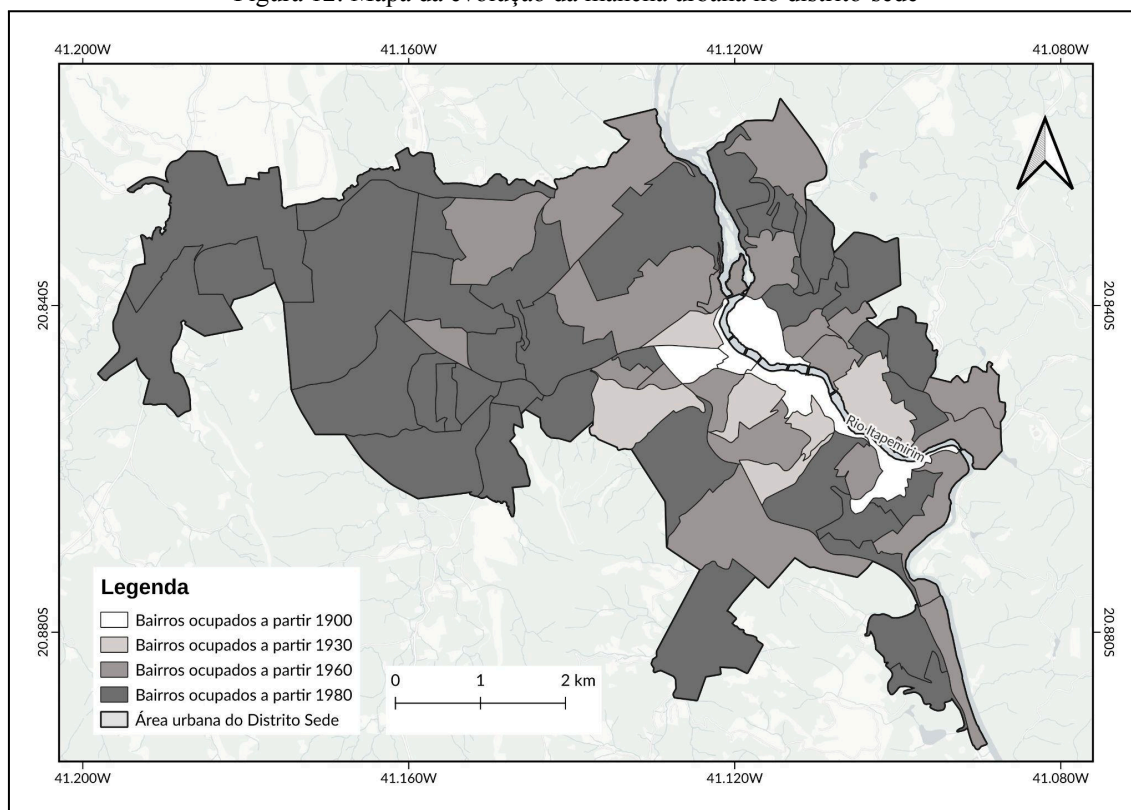
Fonte: Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim. Elaboração: Autora, 2023.

Nas primeiras décadas de ocupação, o núcleo de habitação concentrou-se na porção central atual do município, onde eram oferecidos serviços e melhores condições de equipamentos públicos urbanos. Assim, como previsto no Projeto para as Capitais e Cidades Médias⁵⁰, o mapa de evolução da mancha urbana do distrito-sede do município mostra os loteamentos na direção noroeste e oeste do núcleo urbano, isto é, observa-se o afastamento dos bairros novos das margens do Rio Itapemirim devido à saturação da densidade urbana na margem do leito do principal curso hídrico⁵¹.

⁵⁰ IJNS, 1980.

⁵¹ IJSN. 1980, p. 66.

Figura 12: Mapa da evolução da mancha urbana no distrito-sede



Fonte: Perfil da Cidade de Cachoeiro de Itapemirim. IJSN. 1980. Elaboração: Autora, 2023.

A construção de vias de acesso para as indústrias favoreceu o surgimento dos novos loteamentos e conjuntos habitacionais. O contexto nacional de industrialização no meado do século XX desencadeou extremas mudanças nas características das cidades brasileiras. Considera-se aqui o termo *industrialização*, conforme Milton Santos (1993) desenvolveu:

[...] em sua ampla significação, como processo social complexo, que tanto inclui a formação de um mercado nacional, quanto os esforços de equipamento do território para torná-lo integrado, como a expansão do consumo em formas diversas, o que impulsiona a via de relações (leia-se terciarização) e ativa o próprio processo de urbanização (Santos, 1993, p. 30).

No Espírito Santo, houve a tentativa de transformação do modelo econômico vigente de exportação do café. Na região Sul do estado, houve a substituição das plantações de grãos para pastagens de rebanhos leiteiros para atender às indústrias de laticínios. O investimento estadual no setor secundário provocou o surgimento e o crescimento de polos econômicos. A

implementação da “nova economia” resultou em uma diminuição considerável das atividades agrícolas no interior espírito-santense⁵².

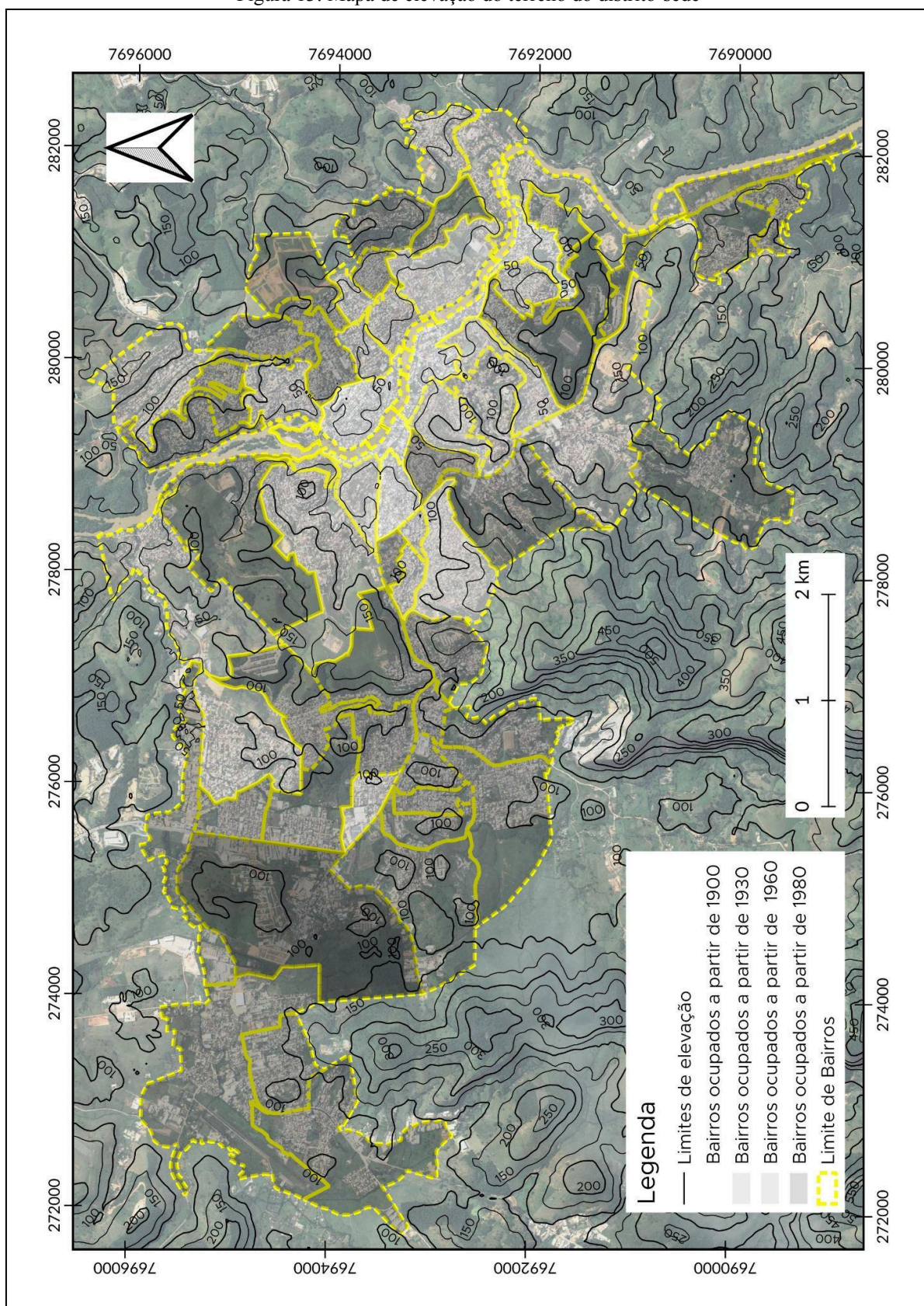
Enquanto a população rural crescia em todas as regiões entre 1960 e 1980, na região Sudeste houve o aumento da população urbana. A partir da década de 1970, a população rural do Espírito Santo começa a diminuir. Seguindo, ainda que em um ritmo mais lento em relação a outros estados da região, os estímulos econômicos realizados pelo estado favoreceram para a expansão de Cachoeiro de Itapemirim e, conseqüentemente, para o surgimento de novos bairros.

Poucas indústrias localizadas fora do eixo industrial do município e mais próximas do Centro favoreceram a ocupação de áreas de topografia irregular. A habitação em terreno acidentado é uma configuração comum das cidades da região Sudeste que estão situadas no mar de morros⁵³. O mapa da figura a seguir demonstra a expansão da mancha urbana associada à elevação da sede distrital, que varia entre 50 e 150 metros de altitude, da área urbanizada ocupada.

⁵² ROCHA, 2017, p. 111.

⁵³ AB’SABER, Azis. **Os domínios da Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Figura 13: Mapa de elevação do terreno do distrito-sede



Fonte: Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim. 2020. Elaboração: Autora, 2023.

De acordo com o estudo realizado em 1980, essas áreas de habitação aglomeravam moradores de baixa renda⁵⁴. Atualmente, alguns desses bairros carecem de infraestrutura urbana como pavimentação, por exemplo, sendo comum encontrar, nesses loteamentos, becos e escadarias que dão acesso às residências. Para fim de ilustração, a figura 14 mostra habitações em área de encosta, logo menos valorizadas no tecido urbano do município.

Figura 14: Foto da habitação do bairro Rubem Braga

11 de set, de 2022 14:08:12
Avenida Mauro Miranda Madureira, 40
Cachoeiro de Itapemirim ES
29313-310
Brasil



Fonte: Autora, 2022.

Bem como no começo da ocupação do sítio do município, alguns bairros surgiram à margem do Rio Itapemirim, como é o exemplo do bairro Rubem Braga, ocupado a partir de 1970, na margem norte do curso d'água. Trata-se de um *aglomerado subnormal*⁵⁵ que carece de infraestrutura diversas e está relacionado à especulação imobiliária e fundiária que ocorreu na porção central e nos conjuntos habitacionais planejados existentes na região oeste do distrito-sede. A homenagem ao cronista, filho do primeiro prefeito de Cachoeiro, exemplifica a condição de imortalizar personagens independentemente da configuração socioespacial vivenciada pelos moradores e transeuntes.

⁵⁴ IJNS, 1980, p. 66.

⁵⁵ IBGE, 2010, p. 3.

2.4 As representações da cidade: do concreto ao imaginário

“A linguagem do imaginário multiplica-se. Ela circula por todas as nossas cidades. Fala à multidão e ela a fala. É o nosso, o ar artificial que respiramos, o elemento urbano no qual temos que pensar”.

Michel de Certeau

Princesa do Sul. Atenas Capixaba. Capital Secreta do Mundo. Capital do Mármore. Terra do Rei. Cachoeiro de Itapemirim está envolta a diversos discursos desde às antonomásias populares destinadas ao município até aos aspectos simbólicos oficializados pelo poder público.

A bandeira e o brasão da cidade representam as principais atividades econômicas e culturais realizadas no município. Nessas representações, a valorização aos aspectos naturais estão contidos nas características do sítio que foram apropriadas e capitalizadas para a reprodução do espaço, como a disponibilidade geológica de mineração e o ciclo do café, responsável pelo destaque econômico da região sul entre o século XIX e o início do século XX.

Na bandeira, o elemento que se destaca são os blocos de rochas, visto que o município é o maior polo de beneficiamento de rochas ornamentais da América e, nos últimos quatro anos, foi responsável por 25% da exportação desse setor no Espírito Santo⁵⁶.

⁵⁶ Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim. Disponível em: <https://www.cachoeiro.es.gov.br/noticias/capital-do-marmore-cachoeiro-sedia-feira-internacional-na-proxima-semana/>. A atividade econômica no estado corresponde a 82% do faturamento nacional na exportação de rochas ornamentais.

Figura 15: Bandeira oficial de Cachoeiro de Itapemirim



Fonte: Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim.

A bandeira foi instituída pela Lei n. 2.262 de 1982. A descrição oficial das características do estandarte de fundo azul (referência ao firmamento) exaltam o potencial mineralógico do município com os monólitos brancos que representam o Pico do Itabira e os blocos de mármore. A coroa faz referência aos sete distritos à época e também é uma analogia à alcunha de “Princesa do Sul”. Ainda na coroa, pode-se observar o nome de Cachoeiro.⁵⁷ Abaixo da coroa está a constelação do Cruzeiro do Sul, símbolo justificado pelo fato da estrela Epsilon representar o estado do Espírito Santo na Bandeira do Brasil. Ademais, as outras estrelas, segundo o decreto vigente, representam os cachoeirenses que migraram para outros estados e exercem diversas atividades.

Os monólitos da bandeira podem ser visualizados no brasão oficial do município, criado em 1982, que envolvem outros símbolos e características correspondentes à hierarquia urbana e às atividades desenvolvidas no passado e no presente.

⁵⁷ Questiona-se aqui: apenas “Cachoeiro” devido ao hábito de assim fazer referência ao município ou é um signo de negação à existência do rio como fator natural de surgimento da cidade?

Figura 16: Brasão Oficial de Cachoeiro de Itapemirim



Fonte: Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim.

De acordo com a Lei Municipal n. 2.262 de 1982, o brasão é constituído por cinco torres na cor cinza, indicando uma cidade não-capital. Os ramos de café trazem em sua representação a maior riqueza agrícola da região. Os três monólitos nas cores branca ou prata, dão significado aos blocos de mármore e, também, o Itabira estilizado. A roda dentada referencia a potência industrial do Município, nas cores branca ou prata. A cabeça de boi estilizada, desenho da parte inferior esquerda do centro do brasão, reporta-se à maior bacia leiteira do Estado. Considerando a esfera, vê-se uma figura humana estilizada simbolizando o homem cachoeirense. Por fim, a pena, em desenho geométrico, indica a cultura e as letras cachoeirenses⁵⁸.

Ambas as apresentações simbolizam a função econômica da cidade: a exploração e a exportação de rochas, a cultura leiteira e o potencial industrial que fomentou a expansão do tecido urbano. Nesse sentido, tanto a bandeira quanto o brasão são textos visuais que negam o aspecto natural que motivou o surgimento do sítio e o nome do município.

Para Sanatella (2002), a semiótica concerne à ligação de três ciências normativas: a ética, a estética e a lógica e são abstratas pois estudam ideais, valores e normas. Dessa forma, a teoria semiótica permite aproximar das mensagens internas, de como essas são produzidas e os procedimentos e técnicas utilizados. A base semiótica também permite compreender os

⁵⁸ Cachoeiro de Itapemirim, Lei n. 2.262/1982.

traços históricos e as mensagens que transmitem em relação às forças produtivas de desenvolvimento econômico, técnico e de atores envolvidos na criação dos signos. A autora explora a definição peirceana de “signo”, de maneira que sua análise se sustenta em três aspectos:

1) em si mesmo, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar; 2) na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; e, 3) nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, isto é, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários⁵⁹.

Certeau (1994) afirma que a relação dos indivíduos no cotidiano é constituído de realidades materiais e imateriais, onde o “imaginário está no ver [...] de maneira que o discurso imaginário se mostra em todas as ruas e, dessa forma, a cidade estabelece-se como um museu imaginário”, espaço onde simbologias são criadas e as ciências da linguagem são, indubitavelmente, apenas um signo a mais daquele em que se *transformaram* as representações produzidas. No entanto, esses signos soletram também ausências, ao separar-se da realidade e as vivências individuais⁶⁰.

Dessa forma, apoiando-nos na triangulação semiótica de Pierce (1972), os *objetos* (bandeira e brasão) determinam o *signo* (as referências às atividades econômicas e a cultura literária presente no município) que, por sua vez, terá efeito de sentido desde que o *interpretante* (abstração individual ou coletiva) tenha o conhecimento do processo histórico de formação e prática de tais atividades.

2.4.1 Toponímia dos Bairros do distrito-sede e Cachoeiro de Itapemirim

Cachoeiro de Itapemirim dispõe da Lei n. 5.445/2003, que regulamenta a organização dos bairros e logradouros do município. O primeiro capítulo do documento trata da denominação dos bairros e logradouros do distrito-sede de maneira que a definição de bairro dá-se pelo conjunto de logradouros e quarteirões de uma determinada área que possui espaços públicos e privados. Em teoria, o bairro ultrapassa a definição legal estipulada pelo documento citado. O bairro constitui-se, ainda que sujeito a alterações globalizadas, como um espaço de trocas coletivas realizadas intimamente pelos moradores (H, 2014).

⁵⁹ SANTAELLA, 2002, p.

⁶⁰ CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. 6 ed. Campinas - SP: Papyrus, 2010. p. 46-50.

Os logradouros públicos, por sua vez, são considerados como vias direcionadas à movimentação de veículos e pedestres, distribuídas em vias arteriais, principais, coletoras, locais, praças, becos, escadarias, entre outros. O artigo 3º da legislação municipal organiza os critérios para a nomeação desses espaços com os seguintes incisos:

I - nome de brasileiros já falecidos e pessoas acima de 65 anos que se destacaram em virtude de relevantes serviços prestados ao Município, Estado ou País; por sua cultura e projeção em qualquer ramo do saber, e; pela prática de atos heroicos ou edificantes;

II - nomes de fácil pronúncia tirados da história, geografia, flora, fauna e folclore brasileiro;

III - nome de fácil pronúncia extraídos da Bíblia Sagrada, datas e santos do calendário religioso;

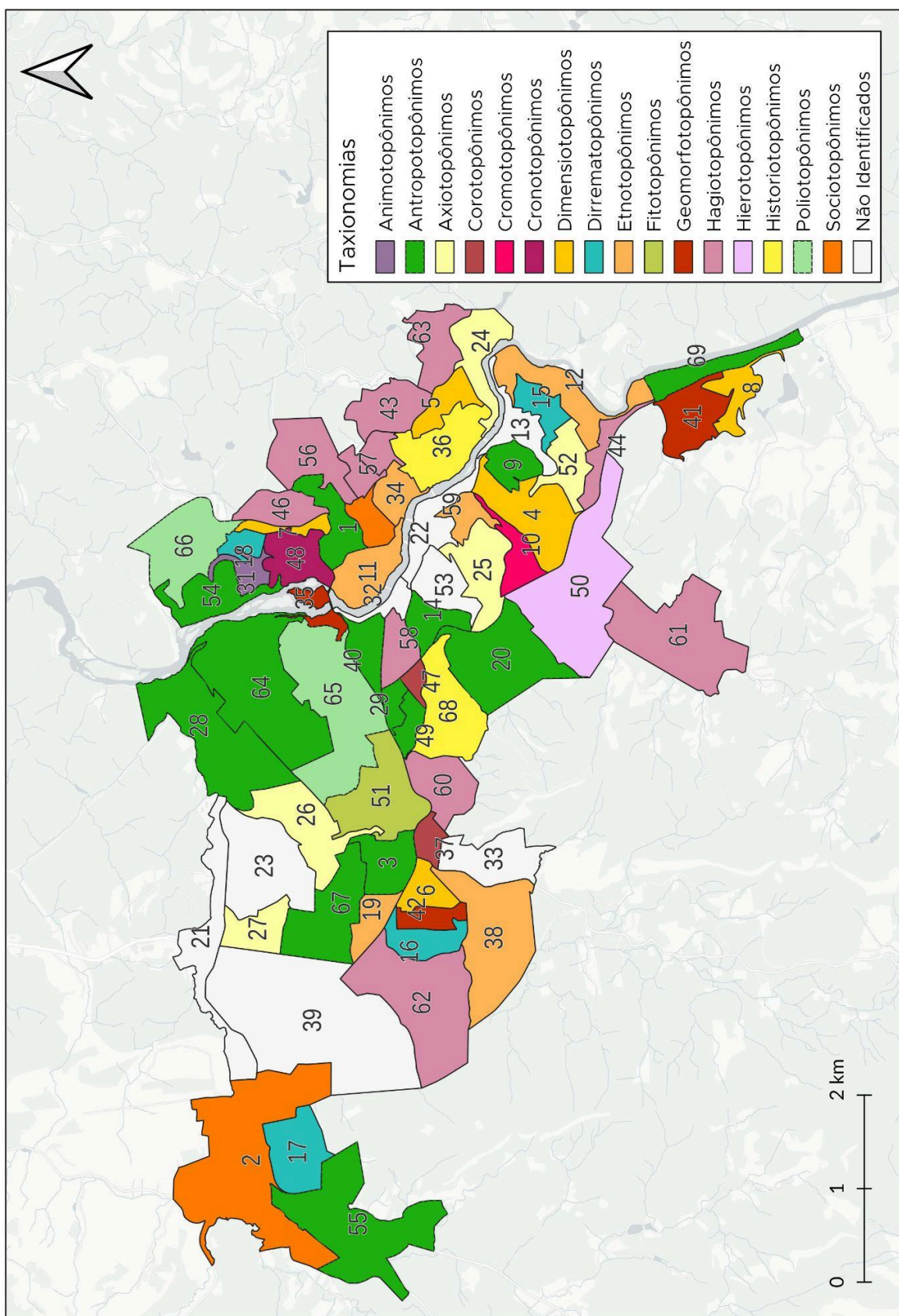
IV - datas de significação especial para a história do Município, do Estado ou do Brasil (Cachoeiro de Itapemirim, 2003).

No segundo parágrafo do mesmo documento, encontra-se estabelecido o requisito “Os nomes de pessoas deverão conter o mínimo indispensável à sua imediata identificação, inclusive título.” Faz-se necessária a reflexão sobre a duplicidade de sentido dada aos topônimos, uma vez que estes são passíveis de esquecimento. No segundo inciso do parágrafo 3º, institui-se a seguinte norma: “nomes mais expressivos deverão ser usados em logradouros mais importantes”. Novamente, cabe considerar o poder político no entorno das escolhas dos topônimos, ou seja, o sentido político pelo qual determina-se a relevância da denominação.

Por meio do sistema taxonômico de Dick (1992), classificou-se e analisou-se os topônimos dos bairros de Cachoeiro de Itapemirim, enquanto *signos* para, posteriormente, aplicar o mesmo método aos logradouros do recorte do estudo, objetivo principal da presente pesquisa. Para isso, é necessário, em um primeiro momento, classificar os nomes dos bairros e loteamentos da sede distrital.

O mapa presente na figura 17 apresenta a denominação dos bairros onde é possível observar o predomínio de nomes próprios de pessoas, antecedidos ou não pela titularidade, e os nomes que designam personagens associados ao catolicismo romano, bem como a presença de poucos topônimos referentes às condições naturais, sobretudo, geomorfológicas do sítio.

Figura 17: Mapa de Taxonomias dos bairros da Sede de Cachoeiro de Itapemirim



Fonte: Autora, 2023.

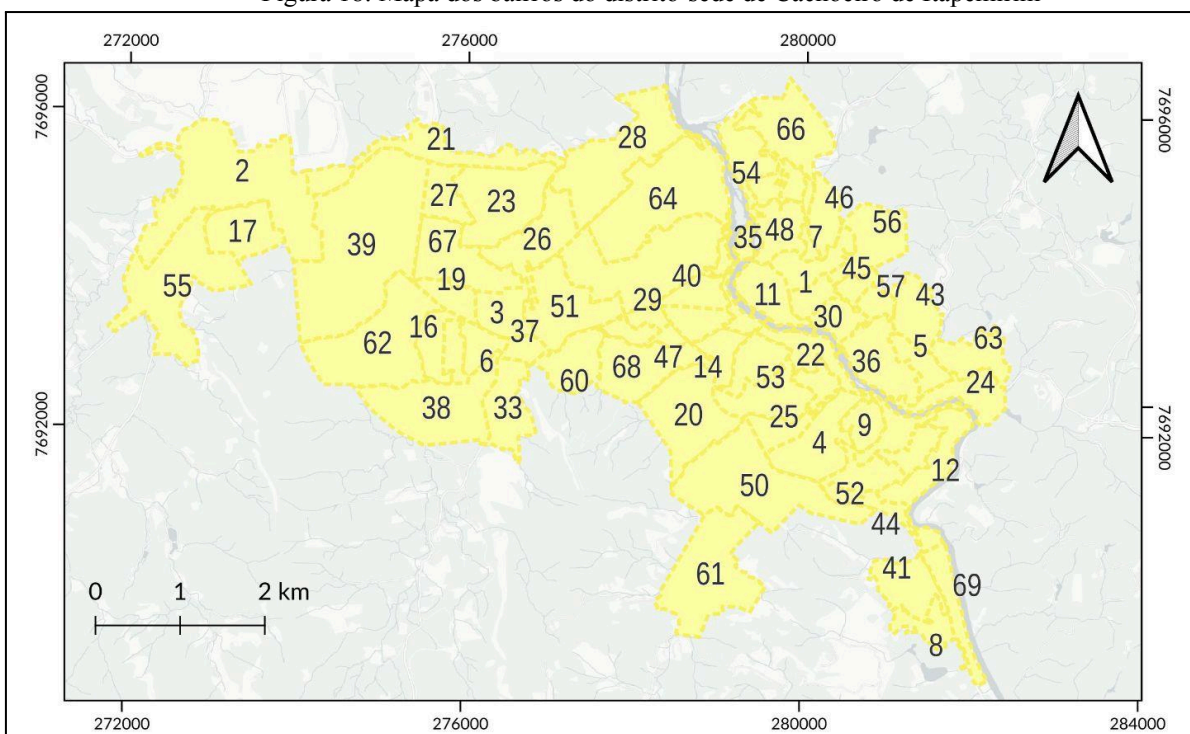
Apropriando dos conceitos já tratados, a toponímia de nomes próprios que denominam dos bairros do distrito-sede funcionam como signos que expressam, de modo proeminente, homenagens a pessoas de estrato social mais elevado, como políticos, fazendeiros, médicos, coronéis, funcionários de cooperativas e comerciantes.

Nos estudos toponímicos, as taxonomias se subdivide em Toponímias Simples, Toponímias Compostas e Toponímias Híbridas. Isso ocorre quando o objeto nomeado contém apenas um nome, como o bairro Amarelo, onde o termo é considerado um topônimo simples, apenas um Cromotopônimo. Quando o objeto apresenta mais de um elemento formador, é tratado como signo composto, como é o exemplo do bairro Alto Amarelo, formado pelo Cromotopônimo adicionado ao Dimensiotopônimo. Já os termos híbridos são formados pelos topônimos que contém mais de uma língua ou idioma⁶¹.

É possível que um único nome seja passível de mais de uma classificação. Para a cartografia da presente pesquisa, foi considerado para todas as denominações apenas um topônimo definidor, de maneira que os topônimos foram classificados por um elemento de destaque. Para fim de exemplificação, o bairro Monte Belo foi considerado no mapeamento como Geomorfotopônimo, em referência ao “Monte” e foi desconsiderada a sua composição “Belo”, que é considerado um Dirrematopônimo.

⁶¹ OLIVEIRA, 2008, p. 31.

Figura 18: Mapa dos bairros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim



Bairros do Distrito Sede de Cachoeiro de Itapemirim

1 ABELARDO F. MACHADO	25 DR. GILBERTO MALHADO	49 OTTON MARINS
2 AEROPORTO	26 DR. GILSON CARONE	50 PARAÍSO
3 AGOSTINHO SIMONATO	27 DR. LUIZ TINOCO DA FONSECA	51 PARQUE LARANJEIRAS
4 ALTO AMARELO	28 ELPÍDIO VOLPINI (VALÃO)	52 PRESID. ARTHUR COSTA E SILVA
5 ALTO INDEPENDÊNCIA	29 ESTELITA COLEHO MARINS	53 RECANTO
6 ALTO MONTE CRISTO	30 FERROVIÁRIOS	54 RUBEM BRAGA
7 ALTO NOVO PARQUE	31 FÉ E RAÇA	55 RUI PINTO BANDEIRA
8 ALTO UNIÃO	32 GUANDU	56 SANTA CECILIA
9 AMARAL	33 IBC	57 SANTA HELENA
10 AMARELO	34 IBITQUARA	58 SANTO ANTÔNIO
11 AQUIDABAN	35 ILHA DA LUZ	59 SUMARÉ
12 ARARIGUABA	36 INDEPENDÊNCIA	60 SÃO FRANCISCO DE ASSIS
13 BAIMINAS	37 JARDIM AMÉRICA	61 SÃO GERALDO
14 BASILÉIA	38 JARDIM ITAPEMIRIM	62 SÃO LUCAS
15 BELA VISTA	39 MARBRASA	63 SÃO LUIZ GONZAGA
16 BOA ESPERANÇA	40 MARIA ORTIZ	64 TEIXEIRA LEITE
17 BOA VISTA	41 MONTE BELO	65 VILA RICA
18 BOM PASTOR	42 MONTE CRISTO	66 VILAGE DA LUZ
19 CAIÇARA	43 NOSSA SENHORA APARECIDA	67 WALDIR FURTADO DE AMORIM
20 CAMPO DA LEOPOLDINA	44 NOSSA SENHORA DA GLORIA	68 ZUMBI
21 CENTRAL PARQUE	45 NOSSA SENHORA DA PENHA	69 ÁLVARO TAVARES (UNIÃO)
22 CENTRO	46 NOSSA SENHORA DE FATIMA	
23 CORAMARA	47 NOVA BRASÍLIA	
24 CORONEL BORGES	48 NOVO PARQUE	

Fonte: Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim. Elaboração: Autora, 2023.

Invariavelmente, no guia dos nomes dos bairros elencados abaixo, serão descritas as condições simples dos topônimos, bem como o significado e/ou motivação da escolha para os bairros do distrito-sede.

Quadro 3 - Classificação taxonômica dos Bairros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
1	Abelardo Machado	Antropotopônimo	Abelardo Ferreira Machado foi um pecuarista da região de Cachoeiro ⁶² .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
2	Aeroporto	Sociotopônimo	Refere-se ao bairro onde se localiza o Aeroporto Municipal Raimundo Andrade.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
3	Agostinho Simonato	Antropotopônimo	O bairro homenageia o antigo proprietário rural do município ⁶³ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
4	Alto Amarelo	Dimensiotopônimo	A denominação refere-se a ocupação da área mais elevada, localizada ao lado do bairro Amarelo.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
5	Alto Independência	Dimensiotopônimo	A denominação se dá pela ocupação posterior da área mais	N/A

⁶² ADIVRESI, 1988, p. 51.

⁶³ Idem, Ibidem, p. 53.

			elevada ao leste do bairro Independência.	
--	--	--	-------------------------------------------	--

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
6	Alto Monte Cristo	Dimensiotopônimo	A denominação se dá pela ocupação posterior da área mais elevada próximo ao bairro Monte Cristo.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
7	Alto Novo Parque	Dimensiotopônimo	A denominação se dá pela ocupação posterior da área mais elevada próximo ao bairro Novo Parque.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
8	Alto União	Dimensiotopônimo	A denominação se dá pela ocupação posterior da área mais elevada próximo ao antigo bairro União, atualmente denominado Álvares Tavares.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
9	Amaral	Antropotopônimo	Homenagem à família Amaral, pioneira das primeiras habitações do bairro ⁶⁴ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
10	Amarelo	Cromotopônimo	Situado ao longo do Córrego Amarelo, que atualmente	N/A

⁶⁴ Idem, Ibidem, p. 56.

			encontra-se coberto devido intensa urbanização ⁶⁵ .	
--	--	--	----------------------------------------------------------------	--

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
11	Aquidaban	Etnotopônimo	Situado à margem esquerda do rio Itapemirim, de acordo com o vocábulo indígena significa lugar bom para viver ⁶⁶ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
12	Arariguaba	Etnotopônimo	O nome significa misto de peixe e planta Amazônica ⁶⁷ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
13	Baiminas	Não Classificado	Seguindo a linha histórica de ocupação do sítio, localizava-se no limite navegável do rio Itapemirim onde foi construído o porto para escoamento de produtos extraídos da região Sul, à jusante das minas de Castelo ⁶⁸ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
14	Basileia	Antropotopônimo	Homenageia Basílio Pimenta que doou os terrenos na área central do núcleo urbano ⁶⁹ .	N/A

⁶⁵ Idem, Ibidem, p. 56.

⁶⁶ Idem, Ibidem, p. 63.

⁶⁷ Idem, Ibidem, p. 63.

⁶⁸ interpretação nossa.

⁶⁹ Idem, Ibidem, p. 68.

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
15	Bela Vista	Dirrematopônimo	Não identificada.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
16	Boa Esperança	Dirrematopônimo	Não identificada.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
17	Boa Vista	Dirrematopônimo	Não identificada.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
18	Bom Pastor	Dirrematopônimo	Não identificada.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
19	Caiçara	Enotopônimo	A expressão significa imensa cerca de arbustos ⁷⁰ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
20	Campo da Leopoldina	Não Classificado	Não Identificada	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
21	Central Parque	Sociotopônimo	Não Identificada	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
22	Centro	Não Classificado	Localizado na porção central do distrito-sede, concentra os	N/A

⁷⁰ Idem, Ibidem, p. 72.

			estabelecimentos de bens e serviços.	
--	--	--	--------------------------------------	--

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
23	Coramara	Não Classificado	Não Identificada	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
24	Coronel Borges	Axiotopônimo	João Cândido Borges de Athayde participou da Guerra do Paraguai quando se tornou coronel. Foi também tabelião e vereador ⁷¹ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
25	Dr. Gilberto Machado	Axiotopônimo	Homenagem um dos primeiros fazendeiros do bairro ⁷² .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
26	Dr. Gilson Carone	Axiotopônimo	Homenagem ao médico que foi prefeito do município nos anos de 1978 a 1983 ⁷³ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
27	Dr. Luiz Tinoco da Fonseca	Axiotopônimo	Homenagem ao prefeito do município cachoeirense de 1918 a 1920 ⁷⁴ .	Masculino

⁷¹ Idem, Ibidem, p. 70.

⁷² Idem, Ibidem, p. 90.

⁷³ Rol dos Prefeitos de Cachoeiro de Itapemirim. Disponível em: <https://www.cachoeiro.es.gov.br/site-pmci/wp-content/uploads/2021/03/rol-de-prefeitos-cachoeiro-de-itapemirim-es.pdf>.

⁷⁴ ADIVERSI, 1988, p. 112.

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
28	Elpídio Volpini (Valão)	Antropotopônimo	Homenagem ao antigo proprietário da indústria de cimentos ⁷⁵ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
29	Estelita Coelho Marins	Antropotopônimo	Homenagem a uma antiga comerciante ⁷⁶ .	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
30	Ferrovários	Sociotopônimo	Possível homenagem aos trabalhadores da ferrovia Leopoldina que ligava Cachoeiro de Itapemirim ao Rio de Janeiro.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
31	Fé e Raça	Animotopônimo	Bairro referenciando o sobrenome de Teodorico de Assis Ferraço, então prefeito da época ⁷⁷ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
32	Guandú	Etnotopônimo	O nome passou a existir devido a crença da suposta existência de muitas árvores anduzeiras ⁷⁸ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
-------------	----------	-----------	-----------	--------

⁷⁵ Idem, Ibidem, p. 82.

⁷⁶ Idem, Ibidem, p. 82.

⁷⁷ CAETANO, Joana D'Arck. O projeto político do partido dos trabalhadores em Cachoeiro de Itapemirim-ES e a gestão (2009-2012) no âmbito dos pilares do modo petista de governar. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

⁷⁸ ADIVERSI, Ibidem, p. 91.

33	IBC	Não Classificado	Em referência à unidade do Instituto Brasileiro do Café que se localizava nas imediações ⁷⁹ .	N/A
----	-----	------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
34	Ibitiquara	Etnotopônimo	O vocabulário significa “bebida das aves” na língua indígena ⁸⁰ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
35	Ilha da Luz	Geomorfotopônimo	Localizado na ilha que leva o mesmo nome, apesar de anteriormente se chamar Ilha da Esperança, porém a instalação de um moinho com fábrica de pios inspirou a modificação ⁸¹ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
36	Independência	Historiotopônimo	O nome eterniza a independência do País ocorrido em 07 de Setembro de 1822 ⁸² .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
37	Jardim América	Corotopônimo	Considerou-se referência ao continente americano e à existência de bairros, em diversos municípios com o mesmo nome.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
-------------	----------	-----------	-----------	--------

⁷⁹ Idem, Ibidem, p. 94.

⁸⁰ Idem, Ibidem, p. 94.

⁸¹ Idem, Ibidem, p. 95.

⁸² Idem, Ibidem, p. 95.

38	Jardim Itapemirim	Corotopônimo	Considerou-se a possibilidade de referência ao município de Itapemirim.	N/A
----	-------------------	--------------	-------------------------------------------------------------------------	-----

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
39	Marbrasa	Não classificado	Não foi possível identificar a origem deste topônimo.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
40	Maria Ortiz	Antropotopônimo	Mulher de origem espanhola, reconhecida como heroína na história da ocupação do território espírito-santense. Em 1625, de seu sobrado localizado na parte alta da atual cidade de Vitória, Maria Urtiz ⁸³ derramou água fervente sobre o chefe da tropa holandesa, fato que impediu o avanço da invasão e favoreceu a vitória da capitania portuguesa ⁸⁴ .	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
41	Monte Belo	Geomorfotopônimo	Possivelmente, o nome refere-se ao fato de o bairro localizar-se em uma elevação. De modo geral, o terreno do bairro é bastante acidentado e, de parte do bairro, é possível visualizar o Rio Itapemirim e o Itabira, formação geológica, símbolo natural do município.	N/A

⁸³ Urtiz é a grafia do nome em espanhol, utilizado por Vasconcellos (1858).

⁸⁴ VASCONCELLOS, José Marcelino Pereira de Vasconcelos. **Ensaio sobre a História e a Estatística da Província do Espírito Santo**. Vitória: Typographia de P. A. de Azevedo. 1858.

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
42	Monte Cristo	Geomorfotopônimo	A denominação refere-se aos morros que cercam o bairro ⁸⁵ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
43	Nossa Senhora Aparecida	Hagiotopônimo	O nome refere-se à santa católica padroeira do Brasil ⁸⁶ .	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
44	Nossa Senhora da Glória	Hagiotopônimo	Santa católica referente à Maria, mãe de Jesus.	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
45	Nossa Senhora da Penha	Hagiotopônimo	O nome é uma demonstração de fé dos moradores do bairro ⁸⁷ . A santa é considerada pelos católicos a padroeira do estado do Espírito Santo, outra variação da imagem da mãe de Jesus.	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
46	Nossa Senhora de Fátima	Hagiotopônimo	O nome reverencia a Virgem de Fátima, segundo a igreja Católica ⁸⁸ .	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
47	Nova Brasília	Corotopônimo	Trata-se de um topônimo composto por duas variações: uma referência	N/A

⁸⁵ ADIVERSI, 1988, p. 121.

⁸⁶ Idem, Ibidem, p. 63.

⁸⁷ Idem, Ibidem, p. 127.

⁸⁸ Idem, Ibidem, p. 85.

			cronológica - Cronotopônimo, e outra à construção da cidade de Brasília. A ocupação do bairro coincide com a fundação da capital federal. Contudo, foi considerada, na classificação, a referência de “destaque” à nova capital federal.	
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
48	Novo Parque	Cronotopônimo	Anteriormente, fazia parte do bairro Aquidaban. A denominação foi adotada para distinguir de outro bairro com o nome de Aquidaban, simplesmente ⁸⁹ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
49	Otto Marins	Antropotopônimo	Homenagem ao proprietário de terra do bairro ⁹⁰ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
50	Paraíso	Hierotopônimo	O nome surgiu da ideia de construir-se um bairro diferente ⁹¹ . Foi considerado como Hierotopônimo devido a comum associação do paraíso ao céu, pela religião cristã.	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
51	Parque das Laranjeiras	Fitotopônimo	Trata-se do único topônimo atrelado à espécie vegetal, de modo	N/A

⁸⁹ Idem. Ibidem, p. 118a.

⁹⁰ Idem. Ibidem, p. 123.

⁹¹ Idem, bitem, p. 124.

			literal. Contudo, sabe-se da existência de inúmeros bairros brasileiros que receberam o mesmo nome e é possível que os mesmos tenham servido de inspiração.	
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
52	Presidente Arthur Costa e Silva	Axiotopônimo	Homenagem ao ex-presidente da República ⁹² . Nesse contexto de homenagens, é importante destacar que foi no governo de Costa e Silva (1966-1969) que foi decretado o Ato Institucional nº 5 (AI 5), promulgação que promoveu um dos períodos mais repressivos e antidemocráticos da história do Brasil.	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
53	Recanto	Não classificado	O nome tem origem no antigo córrego Recanto ⁹³ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
54	Rubem Braga	Antropotopônimo	Homenagem ao maior cronista do século XX. Nascido em Cachoeiro de Itapemirim e filho do primeiro prefeito do município, o Coronel Francisco Braga, Rubem Braga dedicou a sua vida às escritas acerca das vivências da infância em Cachoeiro de Itapemirim e, como jornalista, acompanhou a	Masculino

⁹² ADIVERSI, 1988, p. 77.

⁹³ Idem, Ibidem, p. 130.

			Força Expedicionária Brasileira, na Itália, em 1945 ⁹⁴ .	
--	--	--	---------------------------------------------------------------------	--

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
55	Rui Pinto Bandeira	Antropotopônimo	Homenagem a um competente funcionário da Inocoops. Foi Secretário do Executivo ⁹⁵ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
56	Santa Cecília	Hagiotopônimo	Referência à santa católica padroeira dos músicos.	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
57	Santa Helena	Hagiotopônimo	Refere-se à santa cuja crença católica professa ser a responsável por propagar o Cristianismo em Roma. Por encontrar a possível cruz de Jesus em uma escavação, a santa é considerada a padroeira dos Arqueólogos e dos abandonados.	Feminino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
58	Santo Antônio	Hagiotopônimo	A homenagem demonstra a fé dos moradores mais antigos ao santo casamenteiro ⁹⁶ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
-------------	----------	-----------	-----------	--------

⁹⁴ Entrevista. <https://www.fflch.usp.br/44343>.

⁹⁵ Idem, Ibidem, p. 132. - *Inocoops - Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais, fundada no Espírito Santo em 1968, passou a ser um dos fomentadores do Banco Nacional de Habitação.*

⁹⁶ Idem, Ibidem, p. 60.

59	Sumaré	Etnotopônimo	“A expressão significa orquídea do tipo ‘bisturi do mato’” ⁹⁷ .	N/A
----	--------	--------------	----------------------------------------------------------------------------	-----

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
60	São Francisco de Assis	Hagiotopônimo	Santo católico conhecido como protetor dos animais ⁹⁸ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
61	São Geraldo	Hagiotopônimo	“O nome surgiu pelo fato da existência de uma antiga capela de São Geraldo” ⁹⁹ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
62	São Lucas	Hagiotopônimo	Referência ao discípulo cristão.	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
63	São Luiz Gonzaga	Hagiotopônimo	“Reverência ao santo da crença local” ¹⁰⁰ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
64	Teixeira Leite	Antropotopônimo	“Homenagem a um médico humanitário” ¹⁰¹ .	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
-------------	----------	-----------	-----------	--------

⁹⁷ Idem, Ibidem, p. 163.

⁹⁸ https://www.ebiografia.com/sao_francisco_de_assis/

⁹⁹ ADIVERSI, 1980, p. 89. Não foi possível identificar a localização exata da capela citada. Contudo, é considerável que a mesma situava-se no terreno em que o bairro foi formado.

¹⁰⁰ Idem, Ibidem, p. 111.

¹⁰¹ Idem, Ibidem, p. 137.

65	Vila Rica	Poliotopônimo	“Anteriormente, o local era conhecido como Cachoeira Grande” ¹⁰² . Trata-se de um topônimo composto pelo poliotopônimo “vila” e apenas este foi considerado. Não há classificação taxonômica para tipos de comodidades ou bem-estar.	N/A
----	-----------	---------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
66	Vilage da Luz	Poliotopônimo	Não foi encontrada explicação para a escolha da denominação. Entretanto, tendo em vista a proximidade com a Ilha da Luz, é possível que o nome faça referência à aldeia, povoado ou vila da luz. Esta é apenas uma associação, sem referência precedente ¹⁰³ .	N/A

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
67	Waldir Furtado de Amorim	Antropotopônimo	Popularmente chamado de “BNH de Baixo”, o topônimo é em “Homenagem a um dedicado funcionário da Inocoops” ¹⁰⁴ . Um decreto de 1999 (Lei n. 4791), ainda considerava o bairro como “BNH de Baixo”. Isto é, aqui é reconhecido uma duplicidade do topônimo, fato recorrente, como descrito anteriormente nesta pesquisa.	Masculino

¹⁰² Idem, Ibidem, p. 141.

¹⁰³ *Interpretação nossa.*

¹⁰⁴ Idem, Ibidem, p. 140.

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
68	Zumbi	Historiotopônimo	<p>“A expressão significa nome de chefes negros que se refugiaram no Quilombo dos Palmares, em Alagoas”¹⁰⁵.</p> <p>Na dissertação de Dias (20xx) são apresentadas três versões para a escolha da denominação. A primeira está relacionada à história do próprio chefe do Quilombo dos Palmares ter realizado intercurso na região. A segunda versão faz referência ao fato de haver muitos moradores negros no bairro. E a terceira, está envolta à memória de que havia um escravo na região que se escondia naquela área. Invariavelmente, tanto o nome quanto às práticas locais estabelecem o bairro como território negro e de práticas afro-brasileiras em Cachoeiro de Itapemirim¹⁰⁶.</p>	Masculino

COD. BAIRRO	TOPÔNIMO	TAXONOMIA	MOTIVAÇÃO	GÊNERO
69	Álvares Tavares	Antropotopônimo	“Homenagem a um industrial de origem portuguesa” ¹⁰⁷ .	Masculino

As taxonomias de Natureza Antropocultural são, predominantemente, as motivações dos nomes dos bairros do distrito-sede do município de Cachoeiro de Itapemirim. Esse resultado indica a experiência sócio-histórica e cultural vivenciada pelo denominador. Dentre as 69 taxonomias analisadas, 7 não corresponderam a nenhuma das classificações do modelo

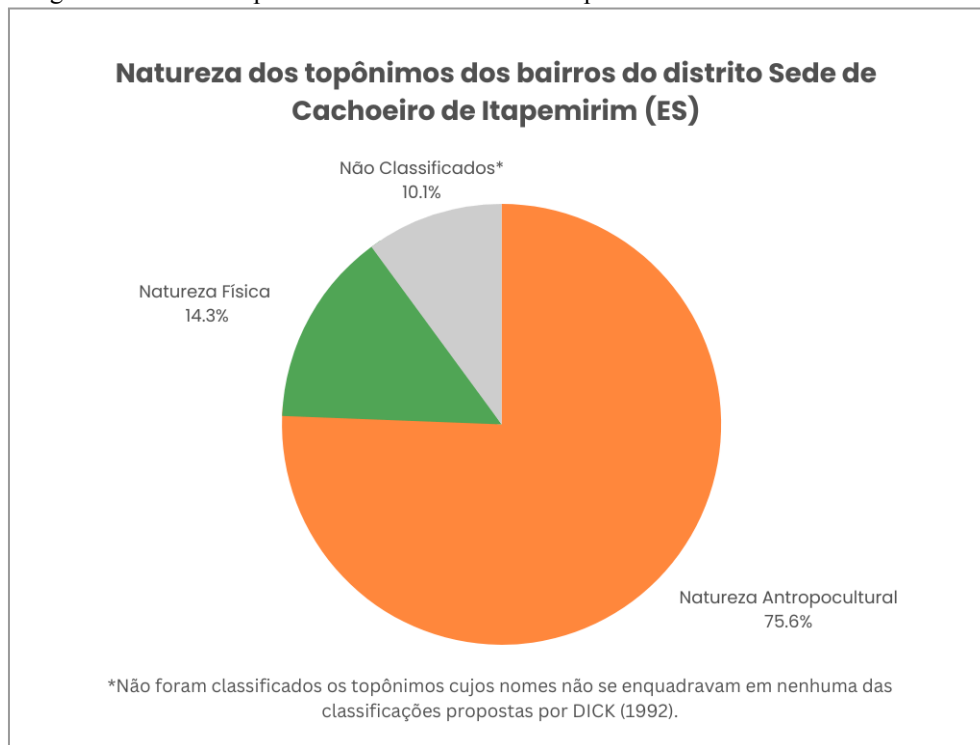
¹⁰⁵ Idem, Ibidem, p. 144

¹⁰⁶ DIAS, Silvia de Souza. *O bairro Zumbi na perspectiva de território negro e lugar de práticas culturais afro-brasileiras em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. – 2014. 90 f.

¹⁰⁷ ADIVERSI, 1988, p. 56.

taxonômico utilizado como base para a qualificação dos nomes, embora constem fontes das motivações toponímicas.

Figura 19: Gráfico representativo da natureza dos topônimos dos bairros do distrito-sede



Fonte: Elaboração: A Autora, 2023.

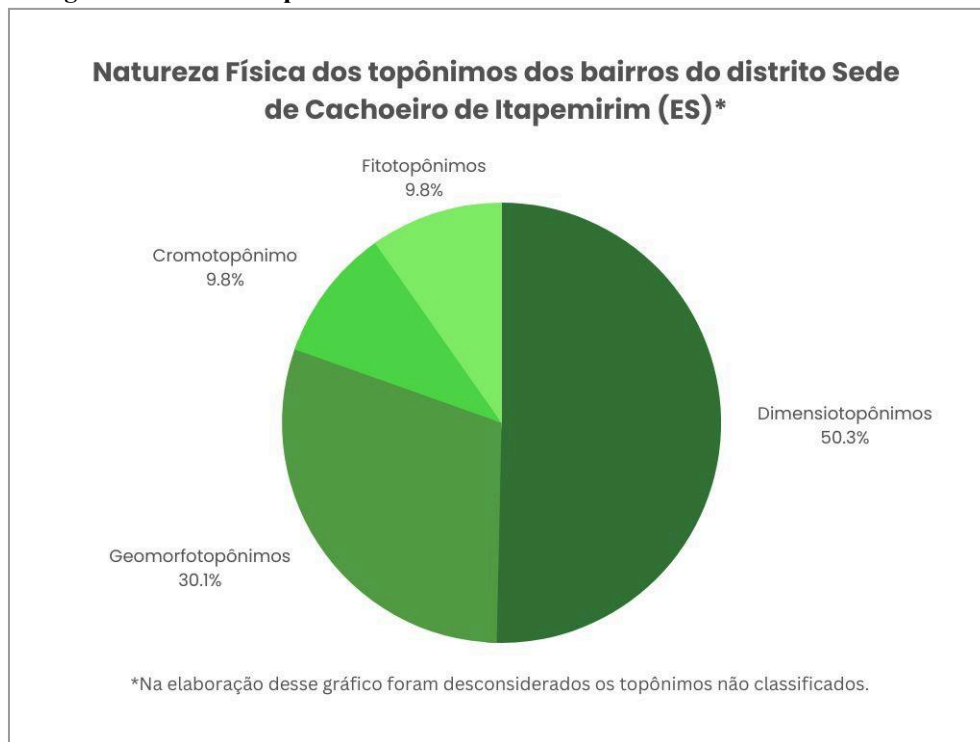
Dentre as taxonomias de natureza física encontradas, predomina-se o aspecto dimensional da configuração dos bairros. O total de cinco bairros são qualificados pelo nome “Alto” que faz referência à caracterização do relevo em que foram formados seguidos do nome do bairro vizinho. A fim de exemplificar, o bairro Alto Novo Parque está localizado em uma área mais elevada que o bairro Novo Parque. Da mesma forma, se configura o bairro Alto União, que está localizado em altitude maior, ainda que modesta, em relação ao antigo bairro União.

Perfazem, dentre as taxonomias relacionadas à geomorfologia, o nome de três bairros. Estes consideram a formação do relevo como elemento motivador para a atribuição dos nomes: Ilha da Luz, Monte Belo e Monte Cristo. Outros dois de natureza física estão relacionados à ordem cromática e à espécie vegetal: Amarelo e Parque Laranjeiras, respectivamente.

Dessa forma, pode-se afirmar que o relevo foi um motivador determinante na escolha dos topônimos de natureza física para o dominador que teve o poder de nomear os bairros.

Em contrapartida, o principal elemento físico-natural para o surgimento da cidade foi desconsiderado dentre as possibilidades de escolha dos nomes da área em tela.

Figura 20: Gráfico representativo da Natureza Física dos bairros do distrito-sede



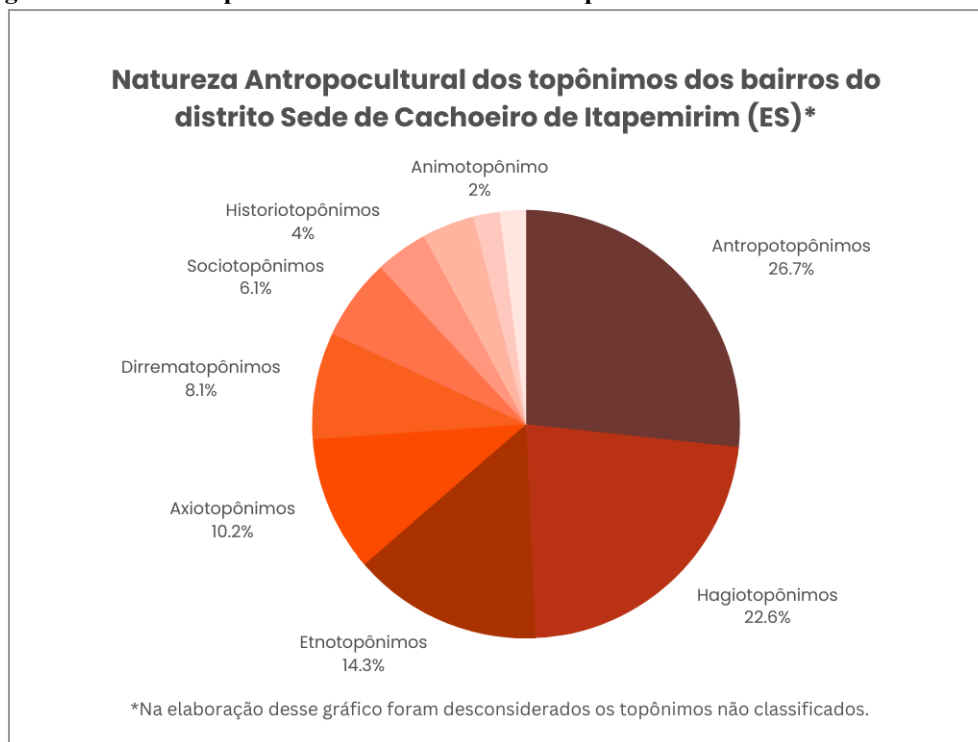
Fonte: Autora, 2023.

A classificação taxonômica dos bairros permitiu também a identificação do predomínio dos nomes referentes às pessoas (18,8%) e aos santos católicos (15,9%), isto é, a homenagem a figuras que, de alguma maneira, contribuíram para a história do município, como, por exemplos, os fazendeiros que negociaram as suas terras para o surgimento dos bairros ou primeiros moradores, e a demonstração da representatividade da influência do catolicismo na escolha dos nomes dos lugares.

Dentre as personalidades homenageadas, vale destacar o seu estrato social. Há um predomínio de denominações dos terrenos relacionadas aos antigos proprietários fundiários por eles loteados ou doados, um dos principais motivadores para o uso do nome de pessoas para designar a ocupação¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Corrêa, 2014, p. 177.

Figura 21: Gráfico representativo da Natureza Antropocultural dos bairros do distrito-sede



Fonte: Autora, 2023.

A denominação de espaços públicos permite, ainda, a discussão acerca da questão de gênero entre as Antropotoponímias, Axiotoponímias e Hagiotoponímias, isto é, os nomes de pessoas homenageadas devido às suas respectivas titularidades e entre os santos e santas do catolicismo romano.

Desde a história antiga, a sociedade constitui-se como espaço para o exercício da liberdade e da cidadania resguardada aos homens, de maneira que estes vivenciavam a vida pública e realizavam atividades políticas, sustentados pelo trabalho doméstico de mulheres e pelo trabalho forçado de escravos na esfera privada, indicativos de riqueza e condicionantes à vida pública¹⁰⁹. Na Idade Média, a invisibilidade da vida pública da mulher permanece reforçada pela estrutura patriarcal em defesa da superioridade masculina, na qual “a mulher ocupava uma posição inferiorizada sendo conferida a elas pouco ou nenhum valor”¹¹⁰. As cidades, nesse sentido, resguardam a imagem do masculino na sociedade capitalista, historicamente privilegiados em condição de homens livres e proprietários de terras e/ou de modos de produção.

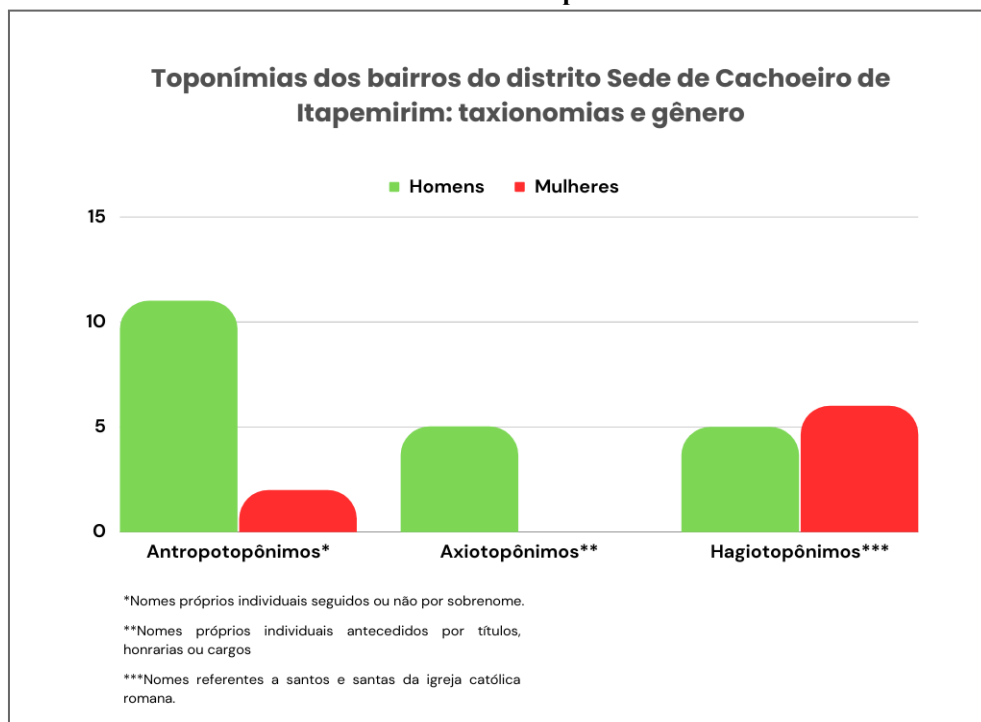
Dessa forma, o destaque masculino na vida pública e privada pode ser visualizado nas denominações dos municípios, bairros e logradouros e até mesmo ao analisar o nome do

¹⁰⁹ Araújo, 2013.

¹¹⁰ Idem, Ibidem, p. 92.

continente Americano. A explicação mais aceita para a designação do nome “América” encontra-se na homenagem ao explorador Américo Vespúcio. Visto isso, no que diz respeito aos nomes do recorte espacial sob análise, considera-se pertinente a observação quantitativa da posição das mulheres enquanto motivação toponímica dentre os bairros de Cachoeiro de Itapemirim.

Figura 22: Gráfico das representações masculinas e femininas na toponímia dos bairros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim



Fonte: Autora, 2023.

A representação de poder e estrato social pelas mulheres se concentra em menor número dentre os topônimos dos bairros da sede distrital de Cachoeiro de Itapemirim. A condição histórica doméstica de pouca ou nenhuma vida pública vivenciada pelas mulheres resulta na desigualdade presente nos signos urbanos produzidos pelos agentes denominadores.

CAPÍTULO 3 - CARTOGRAFIA DOS NOMES: TOPÔNIMOS DO DISTRITO-SEDE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM (ES)

O tempo é um critério para a análise toponímica. É perverso para a imortalização ou o esquecimento do sentido, do significado, da razão do nome. A toponímia perpassa pelo momento vivido e por elementos históricos e sociais que motivam a escolha deste ou daquele nome. Isto é, a toponímia detém duas dimensões, uma relacionada à função de nomear e a outra à memória, ao tempo em que indica mudanças ou esquecimentos (Araújo, 2013).

Santaella (1983) indica que a cultura se configura como linguagem pois reside como prática de comunicação, ou seja, como prática significante. Ademais, a autora afirma que da sensibilidade das indagações surgem a compreensão do fenômeno¹¹¹.

Neste capítulo, serão analisadas a natureza dos topônimos dos logradouros do distrito-sede, sua respectiva distribuição espacial no recorte central do estudo e a discussão e as indagações acerca dos resultados obtidos. Para o desenvolvimento deste capítulo e facilitar a legibilidade cartográfica, foram elaborados mapas taxonômicos das classificações que correspondem ao percentual acima de 1% dentre os logradouros analisados.

3.1 Se essa rua fosse minha: classificações taxonômicas dos logradouros de Cachoeiro de Itapemirim (ES)

De acordo com a base de dados utilizada nesta pesquisa, a região Sede de Cachoeiro de Itapemirim integra 5.101 (cinco mil e cento e um) logradouros, nos sessenta e nove bairros do município. As taxonomias de Natureza Física somam cento e vinte e dois nomes que correspondem a 2,35% dos logradouros analisados. As taxonomias de Natureza Antropocultural correspondem a quatro mil e oitocentos e noventa e dois logradouros, isto é, são predominantes e totalizam 95,90% dos nomes ofertados às vias públicas do município em tela. Os outros 1,7%¹¹² não foram passíveis de classificação por não se adequarem a nenhuma taxonomia utilizada como base de análise desta pesquisa.

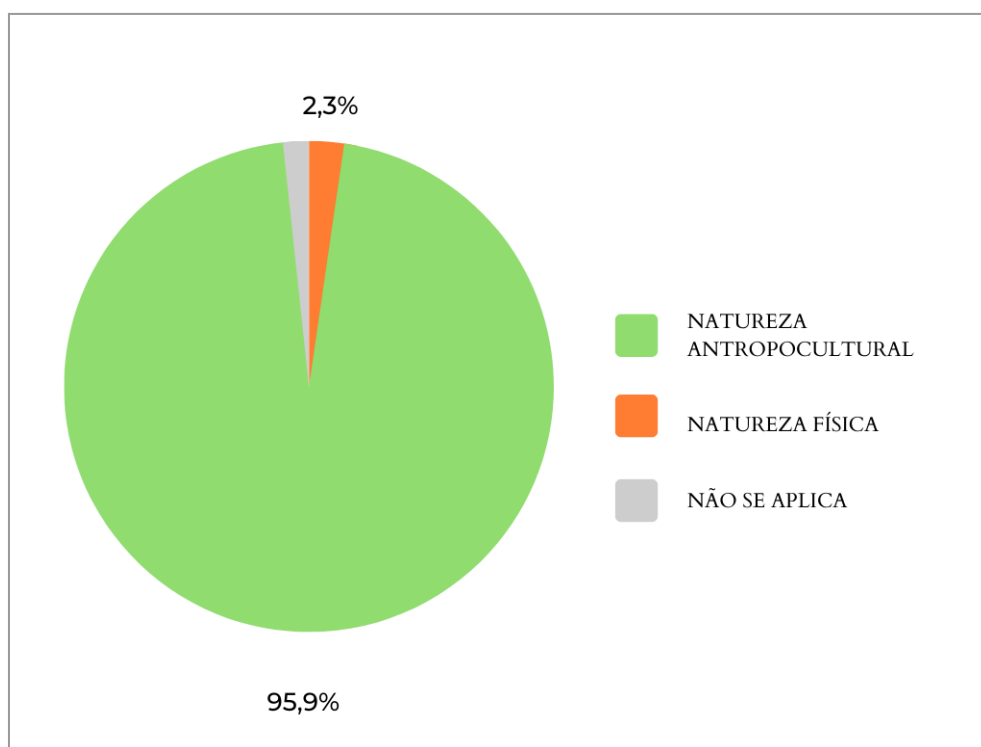
Dentre os resultados obtidos na tabulação, foram considerados as taxonomias de maior expressão, visto que, cartograficamente, a visualização era inviável na escala utilizada em todos os mapas. Dessa forma, foram cartografadas as toponímias de natureza antropocultural

¹¹¹ Santaella, 1983, p. 9.

¹¹² Um exemplo de toponímia em que não se aplicou nenhuma classificação foi, por exemplo, a Rua Projetada, localizada no bairro Aeroporto.

com expressão equivalente ao total superior de 1% dos logradouros, no *softwares* de informação geográfica *QGis* e *ArcGis* com base no *shapefile* do distrito-sede, atualizado em 2020, cedido pela Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim. O uso do sistema de informação geográfica *QGis* possibilitou a elaboração dos mapas bem como a quantificação dos logradouros e a formulação de gráficos, por classificação e outros critérios utilizados na elaboração deste capítulo, a partir da ferramenta “Estatísticas por categoria”.

Figura 23: Gráfico: Natureza dos topônimos dos logradouros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)



Fonte: A autora, 2023.

3.2 Das Naturezas Físicas das toponímias dos logradouros cachoeirenses: uma busca por significados

Dentre as cinco taxonomias de natureza física identificadas na presente pesquisa, busca-se relacionar as toponímias ao contexto histórico em que foram estabelecidas e aos aspectos ambientais que justificam tais denominações.

O *Astrotopônimo/Cardinotopônimo* Estrela do Norte nomeia a rua de ligação dos bairros Sumaré e Gilberto Machado ao Centro. “Trata-se de uma das principais vias que levam ao Estádio do Estrela do Norte Futebol Clube” (Adiversi, 1988, p. 83).

O Estrela do Norte foi fundado em 1916, inspirado no Botafogo, clube carioca cujo escudo é composto por uma estrela solitária. O primeiro campo do clube cachoeirense esteve situado onde atualmente encontra-se o Tiro de Guerra, à margem Norte do Rio Itapemirim. Somadas as motivações, o clube recebeu o nome de Estrela do Norte¹¹³. Em 1930, a sede do clube alvinegro é transferida para o bairro Sumaré e tornou-se motivador da toponímia do logradouro do entorno do estádio Mário Monteiro.

Embora a motivação toponímica para a nomeação do logradouro do nome tenha vínculos socioculturais, uma vez que o estádio corresponde a um ícone material e simbólico do município, a classificação se adequa à Natureza Física sob análise da perspectiva etimológica.

Os *Fitotopônimos* identificados correspondem a espécies florais e arbóreas. Mais da metade das toponímias estão localizadas no bairro Paraíso. O Paraíso se consolidou como bairro entre as décadas de 1960 e 1970. Período em que surgiram habitações para a população de renda média, em áreas distantes da margem do rio Itapemirim e em áreas de topografia irregular.

O *Geomorfotopônimo* “Recanto das Pedras” refere-se ao logradouro localizado no bairro Marbrasa. Trata-se de uma rua sem saída, sem pavimentação, na qual estão localizadas empresas privadas de beneficiamento de rochas ornamentais¹¹⁴. A configuração espacial, por se tratar de uma via afastada do centro comercial do bairro e dos estabelecimentos construídos no logradouro, oferece uma combinação lógica que justifica o desígnio da toponímia em questão.

O *Hidrotopônimo* identificado na região Sede do município de Cachoeiro de Itapemirim corresponde à Avenida Beira Rio, entre os bairros Centro e Guandú. “O nome justifica o fato desta estar situada às margens do Rio Itapemirim. A obra foi realizada pelo prefeito Teodorico de Assis Ferraço, em 1975” (Adiversi, 1988). O crescimento da população urbana a partir da década de 1970 em todo país, atrelada ao êxodo rural e ao incremento do setor industrial, foram fatores determinantes para a ampliação da malha viária no município (Penna, 2017).

O trecho do aterro tem aproximadamente dois quilômetros à margem direita do rio, desde o Centro até a Ilha da Luz. Em consequência, nos períodos chuvosos, a velocidade de

¹¹³ De acordo com a Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://futebolcapixaba.com/time/estrela-do-norte-futebol-club/>. Acesso em: março de 2023.

¹¹⁴ A observação desse logradouro foi realizada com o recurso do *Google Earth* e *Google Street View*. A imagem mais recente disponibilizada é de agosto de 2022.

vazão aumenta, provocando erosão na margem oposta, onde está localizado o bairro Aquidaban e inúmeras construções próximas ao leito do Itapemirim. Em 1977, a população urbana de Cachoeiro era de 70%. Em 1970, Cachoeiro de Itapemirim possuía o maior número de estabelecimentos industriais do estado do Espírito Santo (IJNS,1980).

Os *Zootopônimos* concentram-se no Conjunto Habitacional Fé e Raça, criado na década de 1990. O topônimo foi escolhido pelo então prefeito Theodorico de Assis Ferraço, em alusão ao seu sobrenome (Caetano, 2014). O fato de não ser um bairro de origem espontânea, o arruamento foi planejado e a designação com o predomínio dos *Zootopônimos* sugerem que o principal motivador pelo agente nomeador dos logradouros foi a temática animal, seja de ordem intencional ou burocrática. Com a exceção do Beco Público, de duas escadarias nomeadas com números e de uma rua com *antropotopônimo*, os outros vinte e seis logradouros recebem o nome de espécies animais. Tal fato corrobora com a não oficialização do topônimo, de acordo com a lei de regulamentação de bairros de 2003.

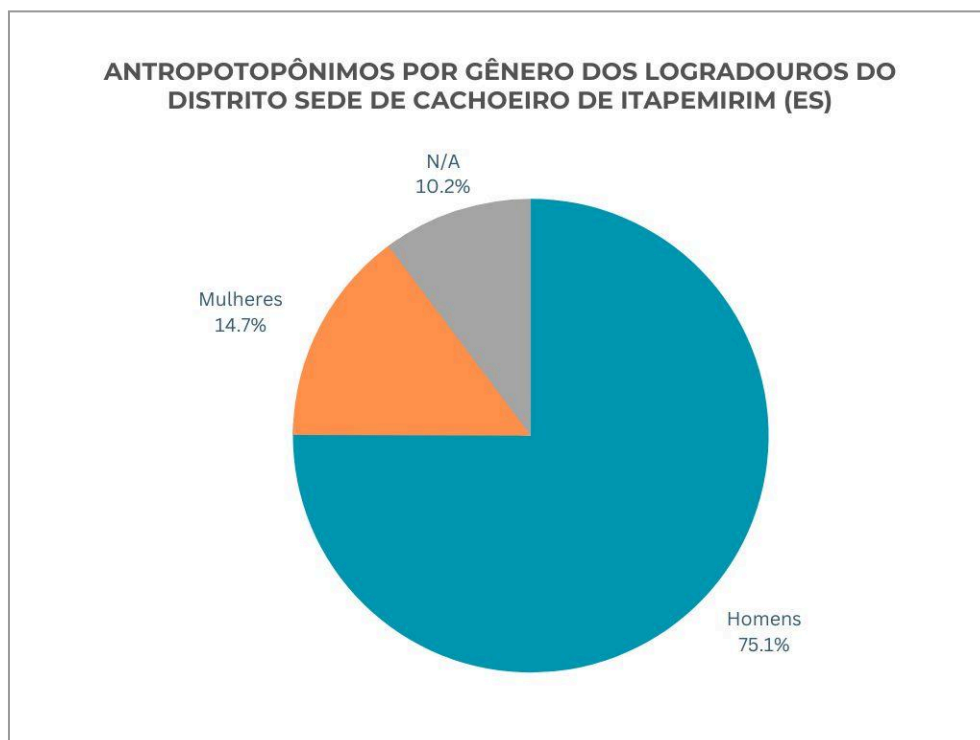
3.3 Topônimos de Natureza Antropocultural: homenagens e desigualdades espacializadas

Do ponto de vista da natureza taxonômica antropocultural, são considerados os motivadores sociais, históricos, políticos e culturais, desconsiderando qualquer aspecto físico-natural na escolha do topônimo. Dentre os logradouros analisados neste trabalho, foram utilizadas doze taxonomias das dezesseis classificações toponímicas de naturezas antropocultural¹¹⁵.

O único *Animotopônimo* ou *Nootopônimo* identificado corresponde à Rua da Paz, localizada no bairro Alto Amarelo. Os *Antropotopônimos* perfazem 81,14% dos logradouros analisados. O mapa na figura 25 mostra a distribuição espacial entre os logradouros públicos do distrito-sede, entre ruas, escadarias e becos, isto é, todas as vias públicas de circulação de mobilidade urbana. Desse total, mais de três mil logradouros homenageiam personagens masculinos dentre os nomes próprios e personalidades acompanhadas de títulos profissionais e honorárias. O gráfico da figura 24 ilustra o predomínio dos nomes masculinos para o distrito-sede do município, que carrega em seu nome o gênero masculino para a denominação “cachoeira”.

¹¹⁵ Dick (1980 e posteriores).

Figura 24: Gráfico das Antropotopônias dos logradouros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)



Fonte: A autora, 2023.

Dessa forma, podemos afirmar que a espacialização dos nomes no recorte em tela é, sobretudo, sexista de maneira que a imortalização dos nomes registrados nos logradouros públicos discursam em favor dos atos realizados por eles. Deve-se destacar o fato de os eleitores dos nomes instituídos na câmara municipal que submetem elegerem e oficializarem as representações urbanas. A ausência, ou o quantitativo de mulheres homenageadas, é resultado de séculos de invisibilidade, de condicionamento doméstico e da falta de reconhecimento de suas existências, vivências, ações e de suas proposições populares e comunitárias.

Uma das mulheres de destaque da história do município é Zilma Coelho Pinto. Nos anos de 1950, Zilma foi considerada a “louca do Itapemirim”¹¹⁶ por ultrapassar o limite hídrico e alfabetizar crianças e adultos. O apelido não faz jus ao trabalho como educadora na campanha de alfabetização. Como grande idealista da educação popular, Zilma Coelho deveria ser reconhecida pelo poder municipal e estar imortalizada em um logradouro público principal. Deveria. Nenhuma rua do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim leva o nome da educadora.

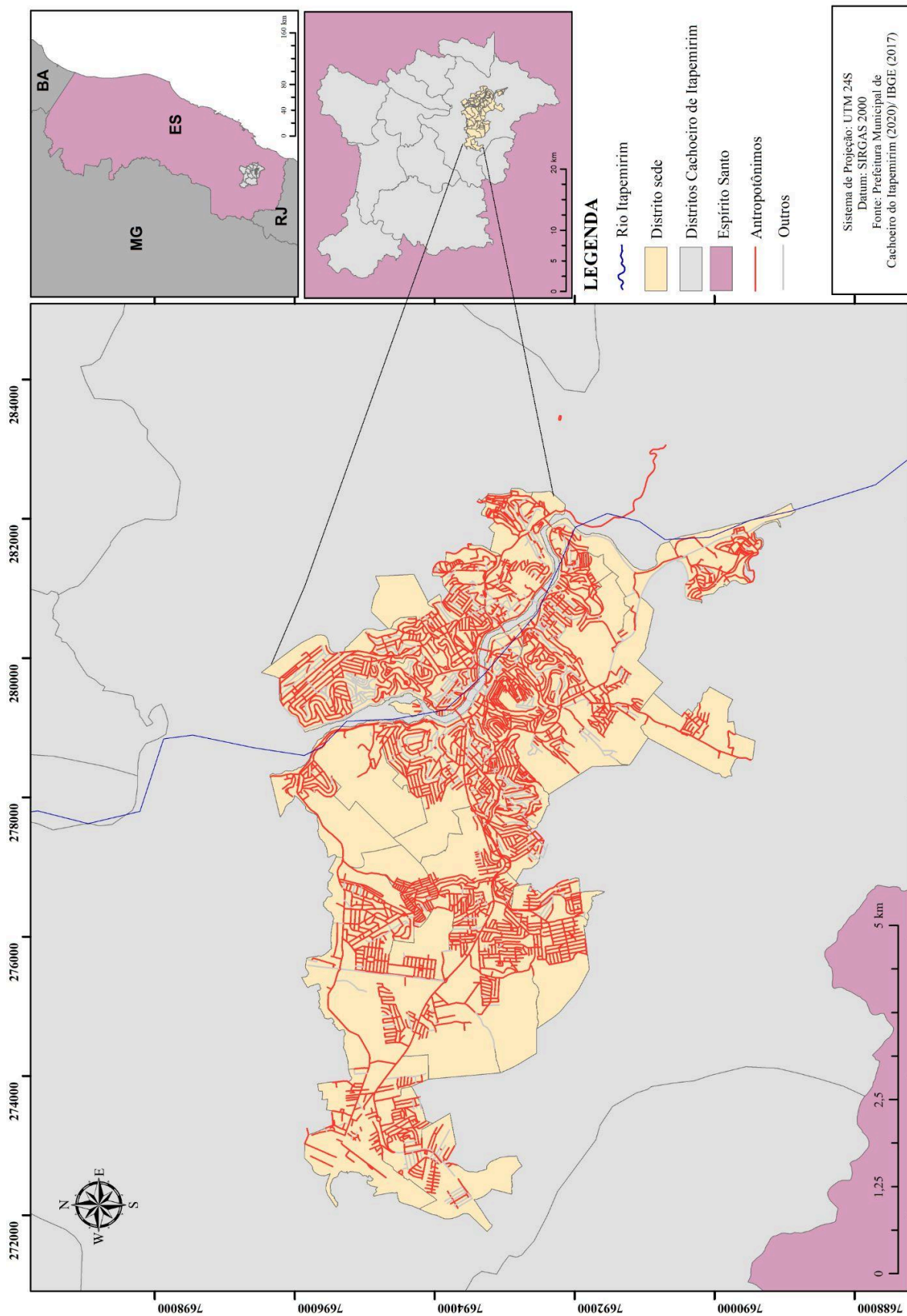
¹¹⁶ Moreira, 2004, p. 207.

Este é um exemplo de uma figura feminina que corroborou com o desenvolvimento do sistema educacional popular no município de Cachoeiro de Itapemirim e, mesmo com evidente relevância social para a comunidade da época, não foi eleita a nomear sequer um logradouro do recorte espacial sob análise. Outras mulheres, de mesma importância histórica e política, podem ter sido invisibilizadas, visto o contexto de nomeação dos espaços públicos.

Considera-se que, majoritariamente, os espaços políticos são ocupados por homens. Entre a 29ª e a 31ª legislatura, ou seja, os mandatos de 2009 e 2021, apenas duas mulheres ocuparam as cadeiras na casa legislativa municipal¹¹⁷. A pouca representação feminina na política impacta na escolha das nomeações dos espaços públicos e na ausência de homenagem direcionada a outras mulheres, ao considerar que outros homens nomearam avenidas em memória de bandeirantes ou a governantes da ditadura, como é o exemplo do bairro cachoeirense Presidente Costa e Silva.

¹¹⁷ De acordo com a Câmara Municipal de Cachoeiro de Itapemirim. Disponível em: <https://cachoeiro.nopapercloud.com.br/parlamentares.aspx?leg=29>.

Figura 25: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Antropotônimos



Elaboração: Lima e Peres, 2023.

Como caráter de interesse desta pesquisa para a análise da espacialização dos nomes no espaço urbano de Cachoeiro de Itapemirim, foram cartografados os logradouros por gênero dentre os Antropotopônimos, Axiotopônimos e Hagiotopônimos. De modo geral, os logradouros cujos nomes homenageiam figuras femininas estão distribuídos pelo sítio em análise. Contudo, nenhum dos topônimos com nomes de mulheres correspondem à via principal dos bairros, o que, de acordo com a Lei de Bairros de 2003, declara que estes logradouros serão nomeados com toponímias de relevância social, cultural ou histórica¹¹⁸.

Os *Axiotopônimos* correspondem a 6,88%. Dentre os 351 logradouros classificados estão: Rua Coronel Antônio Marins, localizada no bairro Recanto e a Rua Professora Edith Santana Machado, no bairro Zumbi. “A homenageada era mãe do ex-prefeito Abel Santana”¹¹⁹. Abel Santana cumpriu o mandato entre os anos 1963 a 1967.

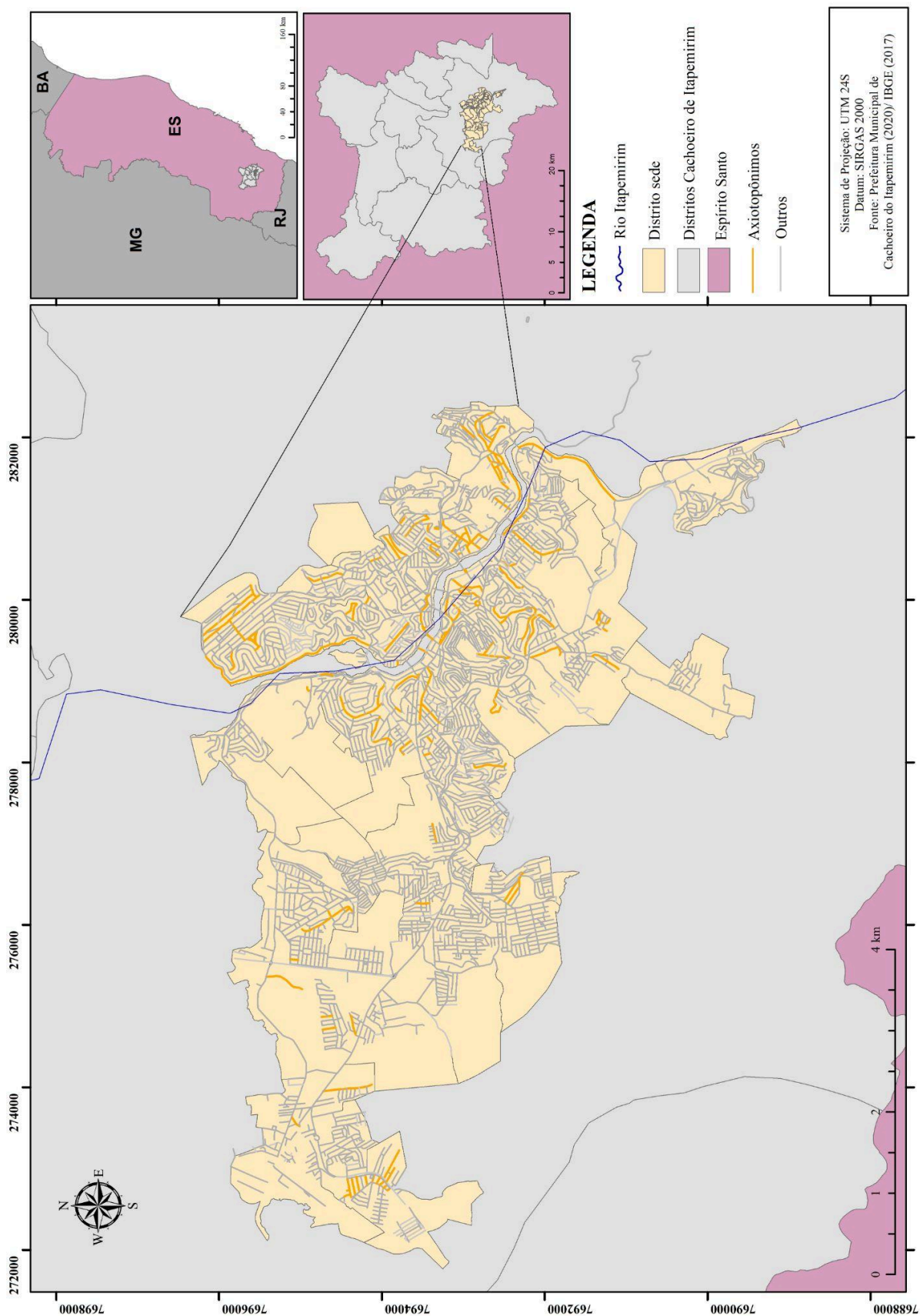
Dentre as Axiotoponímias dos logradouros públicos estão as titularidades correspondentes a doutores, militares, religiosos, professores e títulos de nobreza, como pode ser observado na figura abaixo. O predomínio de títulos elitizados representa o ideal elitista como elemento significativo no espaço urbano do município. Não foi possível identificar se o título de doutor diz respeito a médicos, advogados ou doutores titulares da academia.

Adiversi (1988) afirma que o Doutor Gilberto Machado, quem inspirou a denominação do bairro cachoeirense, foi um antigo fazendeiro da região onde localiza-se o bairro, uma das áreas mais verticalizadas e, logo, onde ocorre uma das maiores especulações imobiliárias do município. Dessa forma, é possível considerar que o “doutor” também possa ser o termo direcionado popularmente aos proprietários de terras no município e, não necessariamente, aos detentores oficiais do título.

¹¹⁸ Lei n. 5.445/2003.

¹¹⁹ Adiversi, 1980. p. 80.

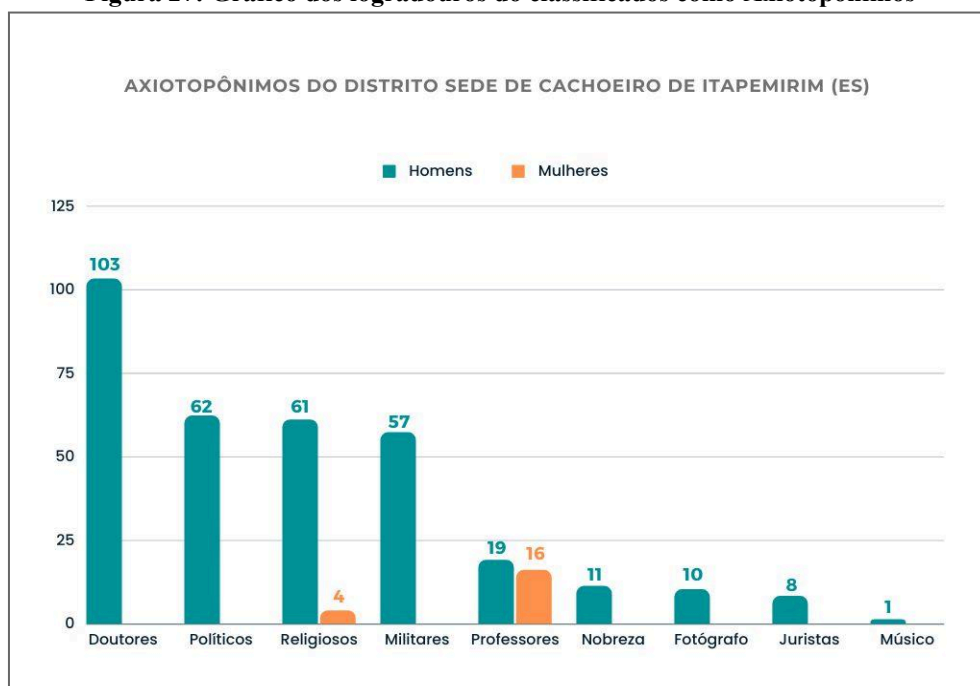
Figura 26: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Axiotopônimos



Elaboração: Lima e Peres, 2023.

Dentre as titularidades, 62 (sessenta e dois) logradouros públicos homenageiam políticos de diversos cargos, tais como os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, o ex-governador e ex-senador Carlos Lindenberg, este natural de Cachoeiro de Itapemirim. Os títulos religiosos perfazem 17,3% do total (61 logradouros), distribuídos entre freis, padres e papas. Os militares homenageados, cujas patentes são de capitães e coronéis, totalizam 57 logradouros (16,2%) dos Axiotopônimos.

Figura 27: Gráfico dos logradouros do classificados como Axiotopônimos



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na quantificação dos nomes acompanhados de títulos, os professores são a única categoria em que pode ser observada um equilíbrio de gênero entre os homenageados e homenageadas. Contudo, a soma desses logradouros é inexpressiva. No total de 5.101 (cinco mil e cento e um) logradouros, os educadores representam menos de 1% dos topônimos. Estes correspondem, exatamente, a 0,6% dos nomes das vias públicas do distrito-sede.

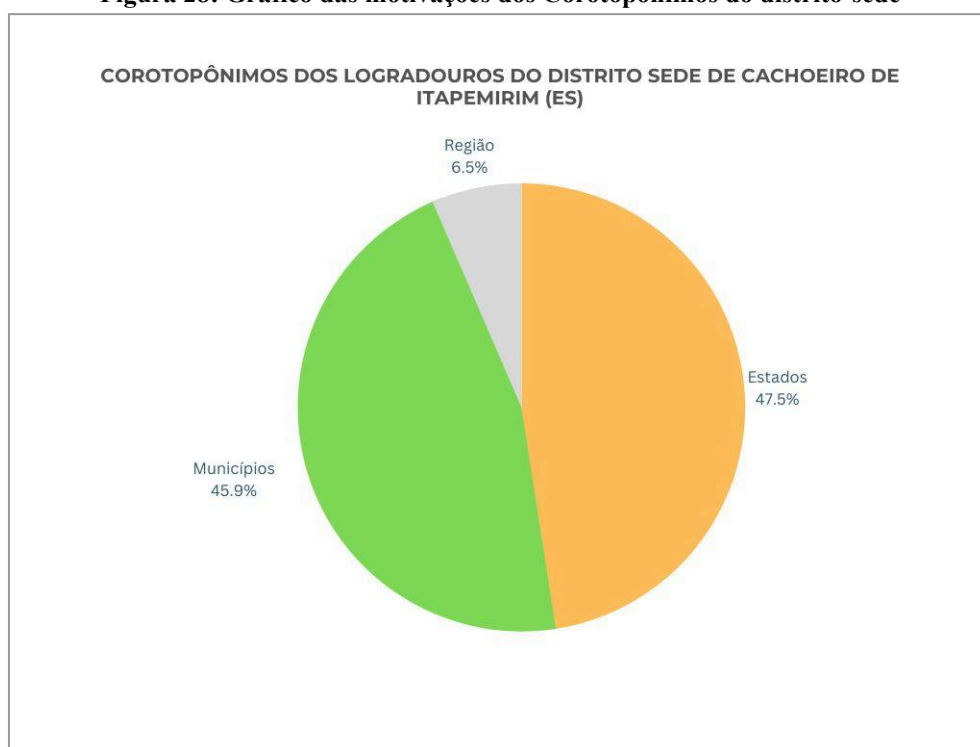
A desigualdade dentre as profissões e titularidades indica a ausência de representações femininas em outras profissões além da docência. Tal configuração deve estar atrelada ao fato da inserção das mulheres no ensino superior no final do século XIX, principalmente em sequência ao curso de magistério nas áreas de Letras e da Filosofia¹²⁰.

¹²⁰ Souza, 2008.

Dentre as titularidades homenageadas, foi possível observar também o surgimento de logradouros cujos nomes homenageiam pastores, possivelmente ligados à vertente protestante do Cristianismo. Embora correspondam a menos de dez logradouros, esta visualização reflete no aumento dos signos relacionados ao crescimento do protestantismo, sobretudo o pentecostal, em um estado predominantemente católico¹²¹ e, também, pode estar associada à inserção de políticos evangélicos na Câmara dos Vereadores do município.

Os *Corotopônimos* referem-se aos nomes de outras cidades, países ou estados. Foram identificados, nesta pesquisa, apenas 63 (1,2%) logradouros dessa taxonomia. São exemplos: Ponte Guadalajara, na Ilha da Luz, e Rua Rio Grande do Norte, no bairro Santo Antônio.

Figura 28: Gráfico das motivações dos Corotopônimos do distrito-sede

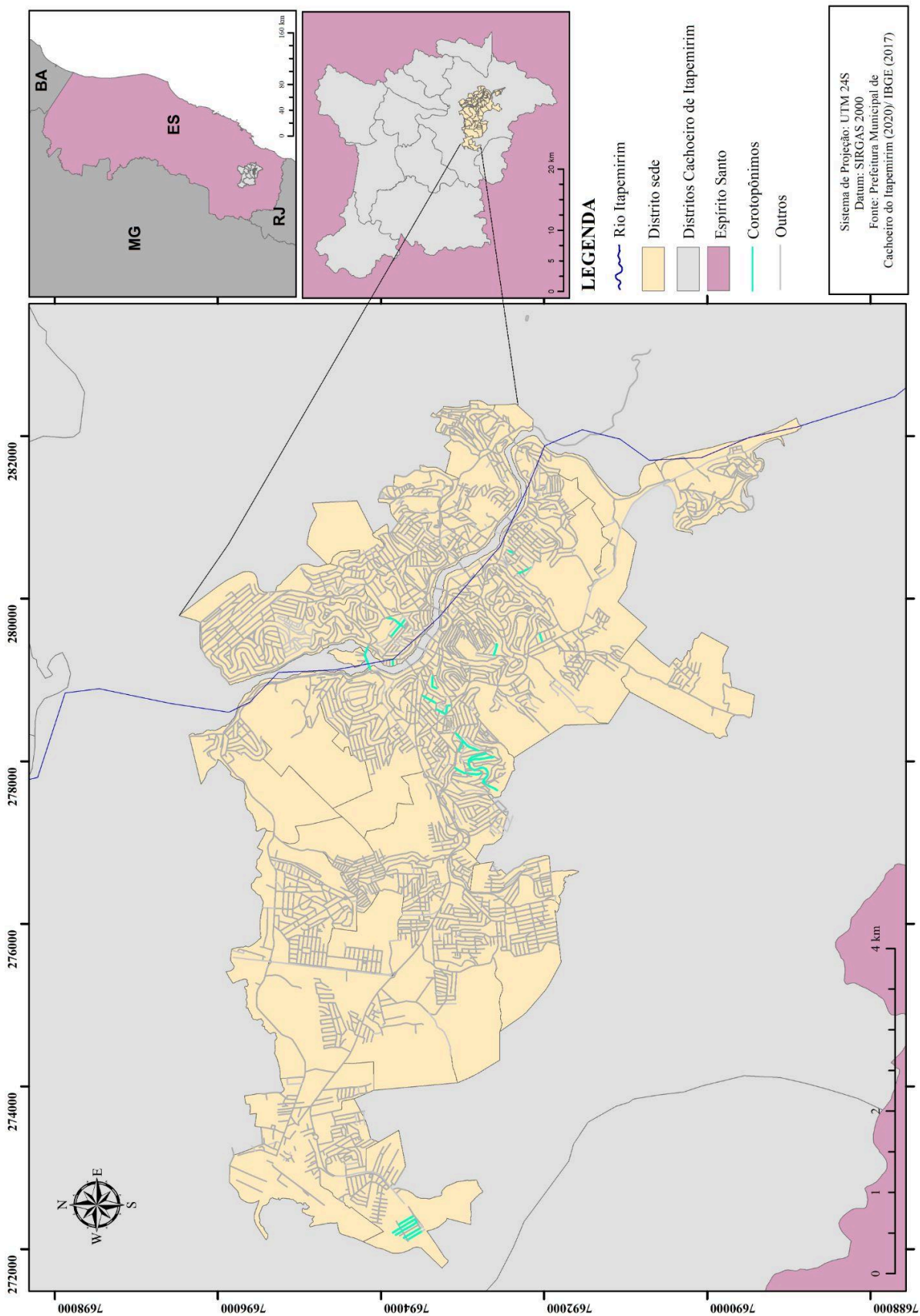


Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A oferta a outros estados e municípios é predominante, como pode ser observado no gráfico da figura 29. A referência a outros lugares, geralmente, está associada à recordação de suas respectivas origens. No caso em tela, os municípios citados pertencem ao estado do Espírito Santo como, por exemplo, as ruas Ecoporanga e Baixo Guandú.

¹²¹ IBGE, 2010.

Figura 29: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Corotopônimos



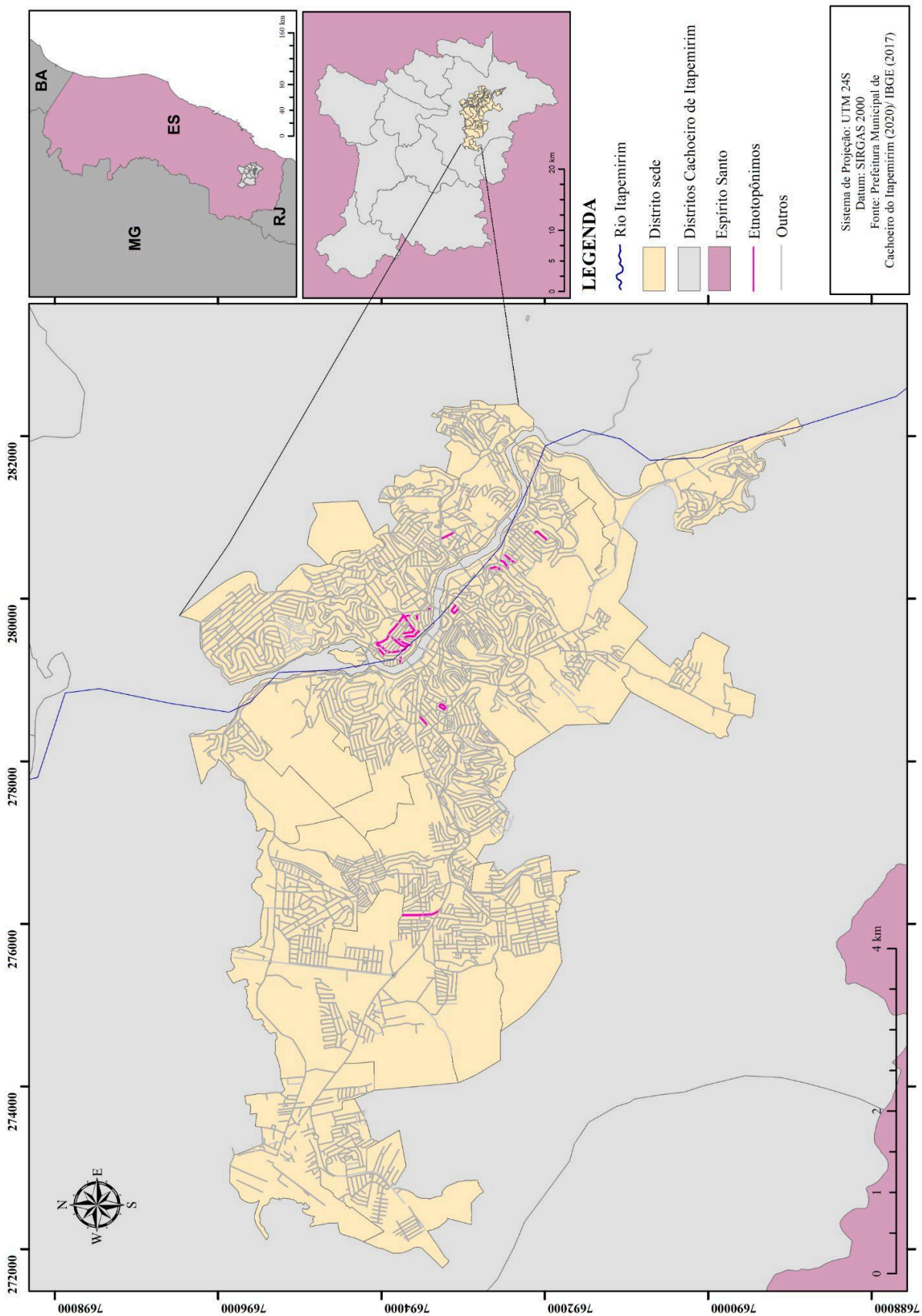
Fonte: Lima e Peres, 2023.

Os *Etnotopônimos* identificados correspondem a apenas 1,31% dentre os nomes dos logradouros. As ruas Tupinambás e Caeté, por exemplo, estão localizadas no bairro Aquidaban. Este foi o primeiro bairro ocupado à margem esquerda do Rio Itapemirim, cujo nome significa “lugar bom para viver”¹²², em guarani. Embora o Aquidaban esteja situado na região central, próximo aos bairros que concentram os equipamentos públicos e os principais comércios, não significa que estes nomes sejam vistos como relevante homenagem aos povos originários. Trata-se de nomes que não foram alterados desde a sua oficialização. A via principal do bairro homenageia Samuel Levy, imigrante francês reconhecido como importante comerciante de joias, fazendeiro e senhor de escravizados. Retoma-se o fato da invisibilização dos povos originários e dos negros no decorrer da colonização do Brasil.

A memória da capitania e da província do Espírito Santo é, como em quase todo território nacional, obviamente, narrada pelo olhar do dominante colonizador. Os ensaios acerca da ocupação do atual território espírito-santense possibilitam uma viagem ao passado incômodo de invisibilidade dos povos originários os quais lutaram por seus mundos coletivos. Na literatura histórica do século XIX, os povos indígenas são tratados como gentios, hostis e invasores - de sua própria terra -, os quais causavam constrangimentos aos novos habitantes, interlocutores de um progresso incerto (Rubim, 1840; Vasconcelos, 1858).

¹²² ADIVERSI, 1980. p. 63. Aquidaban também pode significar terra entre rios, aguadas e férteis.

Figura 30: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Etnotopônimos



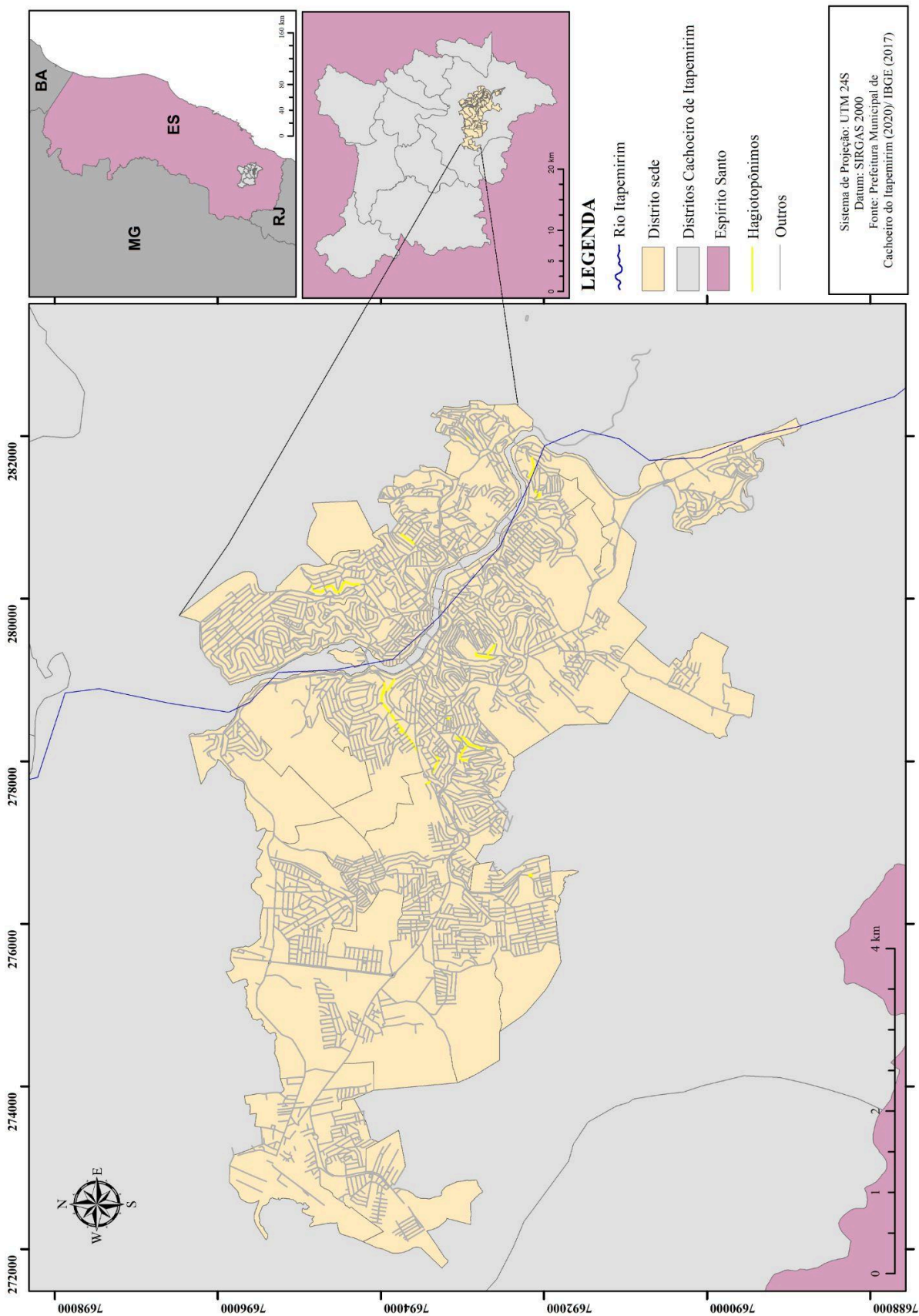
Fonte: Lima e Peres, 2023.

Os 55 *Hagiotopônimos* identificados nomeiam 1% dos logradouros analisados. A Av. Nossa Senhora da Consolação, no bairro Vila Rica, é uma das principais vias, responsável por ligar o centro comercial aos bairros da região oeste da cidade. A religião católica romana é presente na geografia histórica do Espírito Santo desde a ocupação no século XVI.

O topônimo do estado se origina no dia em que Vasco Fernandes Coutinho desembarcou na costa da capitania cedida pelo Rei de Dom João III por bons serviços prestados à Coroa Portuguesa. A chegada do donatário no dia 23 de Maio de 1525 ao território “cedido” pela monarquia corresponde ao “Domingo do Espírito Santo”, ou segundo domingo da Páscoa para a igreja católica. Outros nomes relacionados à fé cristã foram ofertados às regiões invadidas pelos donatários da monarquia portuguesa: Salvador, São Sebastião do Rio de Janeiro, Capitania de São Tomé, São Vicente e Santana. A obrigação do fidalgo era povoar e aproveitar o bom terreno para as lavouras. Para atingir o objetivo proposto, Vasco Coutinho organizou ataques aos povos originários Tupiniquins e Tupinaés ocupantes da região. Ao obter triunfo sobre estes, ofereceu à vila o nome de Vitória, atual capital do Espírito Santo. (Rubim, 1840, p.5).

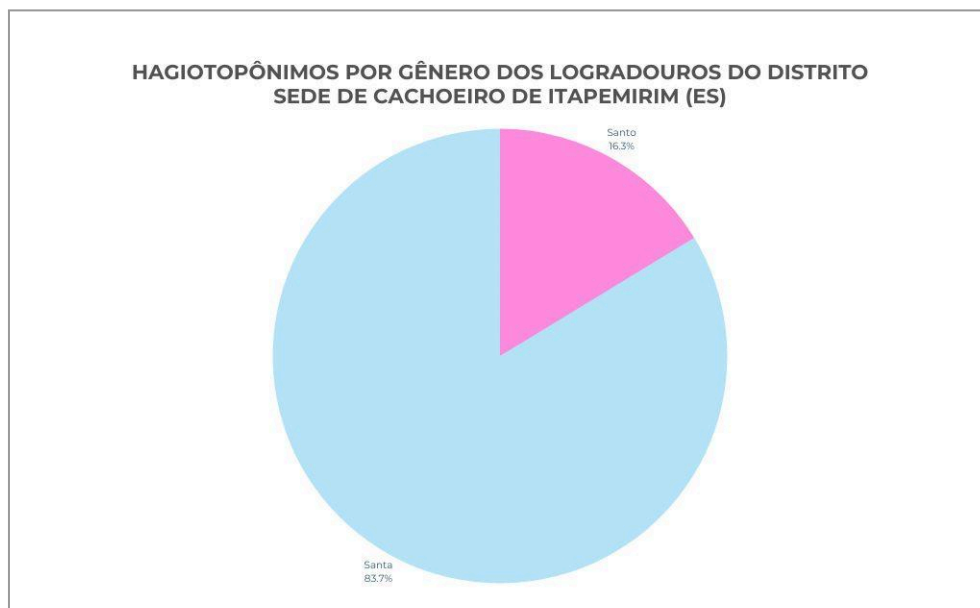
O primeiro topônimo atribuído ao recorte espacial deste estudo ocorreu em 1864, momento em que a vila foi elevada à categoria de freguesia. A área pertencente ao atual município foi denominado como Distrito Paroquial de São Pedro de Cachoeiro de Itapemirim. O cristianismo distorcido enviesado na colonização está disposto nos nomes dos lugares, assim como os nomes portugueses. A toponímia está enredada na cultura e na dominação, no poder dos que nomeiam.

Figura 28: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Hagiopônimos



Fonte: Lima e Peres, 2023.

Figura 29: Gráfico da disparidade entre Santas e Santos nos logradouros do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

As santas homenageadas somam mais de 80% dos topônimos referentes aos *Hagiotoônimos* analisados. Estas estão situadas em diversos bairros e nomeiam estruturas de avenidas principais às escadarias. Trata-se da única classificação em que há uma maior correspondência ao gênero feminino, em que figuras de mulheres foram imortalizadas no espaço geográfico devido ao seu protagonismo religioso, seja global, regional ou local.

Acerca dos 0,3% dos *Historiotopônimos*, a Rua 25 de Março refere-se ao dia da emancipação do município de Cachoeiro de Itapemirim com a instalação da primeira Câmara Municipal, em 1867. A 25 de Março margeia o lado direito do Rio Itapemirim, entre os bairros Amaral e Centro.

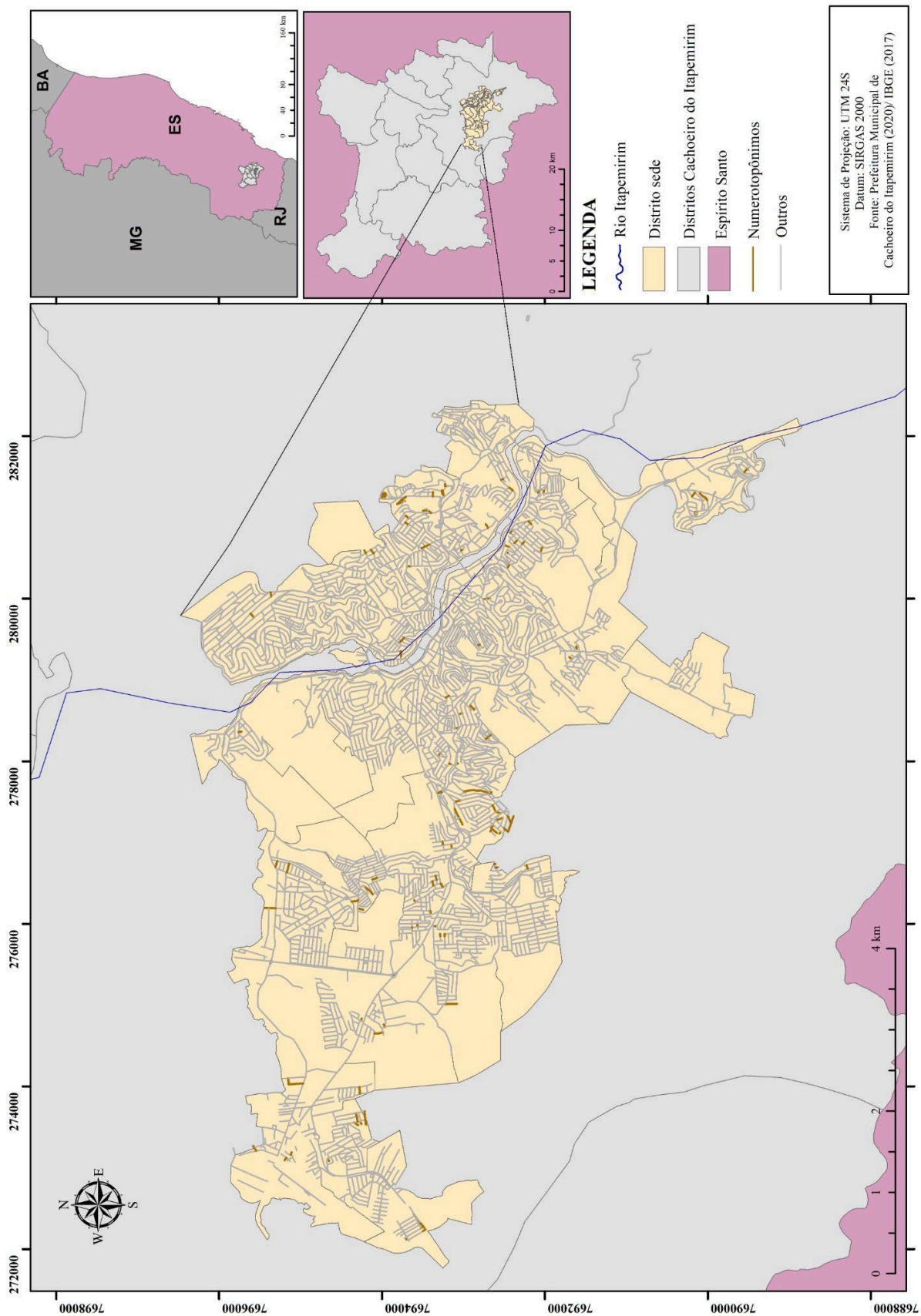
Foram considerados nesta pesquisa como *Hodotopônimos* as rodovias de ligação entre o distrito-sede e as rodovias estaduais e nacionais: BR - 482, que liga o município de Cachoeiro de Itapemirim a Alegre, e a rodovia ES - 489, que liga o distrito-sede ao município de Atilio Vivacqua. As taxonomias analisadas correspondem a 0,6% dos logradouros.

Os *Numerotopônimos* do município nomeiam becos, escadarias e ruas projetadas. Essa taxonomia corresponde a 2,6% dos logradouros analisados, sendo 52,2% desse total respectivos às ruas e avenidas e 47,7% às escadarias e becos. Trata-se de um resultado comum, tendo em vista o período histórico de ocupação e expansão, além da prática habitual de nomear os logradouros com o nome de pessoas, uma vez que a ordem numeral nos logradouros é uma prática racionalizada do modernismo nos espaços urbanos planejados.

Se nas cidades ordenadas e de edificações recentes a numeração das ruas correspondem à ideia de modernidade importada dos países desenvolvidos, são raras as ocorrências de ruas numerais nas cidades de formação secular. Considerando a Lei de Bairros de Cachoeiro de Itapemirim, a lógica numérica ou alfabética que não estão atreladas a datas ou a fatos históricos, refletem as vias em que não houve a escolha oficial das mesmas.

Ao observar o mapa a seguir (Figura 30) e comparar a topografia do recorte em tela, é possível concluir dois pontos. O primeiro ponto corresponde à espacialização: a maioria dessas vias numéricas estão distantes do centro comercial e administrativo do município. No segundo ponto, as vias mais próximas ao curso d'água dizem respeito a becos e a escadarias. Dos 132 *Númerotopônimos*, apenas 21% não nomeiam as citadas vias.

Figura 30: Mapa dos logradouros do distrito-sede classificados como Númerotopônimos



Fonte: Lima e Peres, 2023.

Segundo a Lei de Bairros n. 5.445/2003, os nomes das vias públicas serão alterados se e quando houver um abaixo-assinado realizado por 60% dos moradores do logradouros, acompanhado da cópia de documentos pessoais e do IPTU, em que será considerado apenas uma assinatura por residência. O Poder Executivo acatará o pedido da população, desde que haja alguns critérios como no caso de um nome anterior se referir a uma figura desconhecida pelos moradores atuais ou quando nomes tradicionais devem ser restabelecidos. No mesmo parágrafo há a frase: “salvo quando a tradição tornar desaconselhável a mudança”. A Câmara Municipal, então, detém o poder de renomear os logradouros públicos, mesmo quando houver o percentual exigido, pois são os vereadores que definem o que é tradicional.

3.4. Becos e Escadarias: nomes e endereços

Ao pensar em vias de circulação urbana, é comum a associação às avenidas, ruas, pontes e praças. Nos aglomerados subnormais, as travessas, os becos e as escadarias fazem parte do cotidiano dos moradores, sobretudo, nas áreas de aclave. São vias, não somente de acesso aos principais serviços urbanos. Estes correspondem, também, ao endereço de parcela da população que vivencia uma realidade distante da presença do Estado, de modo que a única via de acesso à habitação ocorre através dos degraus ou das vielas. De acordo com o censo de 2010, aproximadamente, 40% das vias de circulação nos aglomerados subnormais brasileiros correspondiam aos becos e travessas¹²³.

Visto o relevo acidentado do município de Cachoeiro de Itapemirim, foram identificados 196 (cento e noventa e seis) escadarias e 106 (trezentos e vinte) becos dentre os logradouros, o que corresponde a 6% dos logradouros do distrito-sede cachoeirense. Destas 306 vias de circulação, 199 correspondem a homenageados e homenageadas, ou seja, 65% do total. Dentre estes logradouros, 77,8% perpetuam os nomes de personalidades masculinas entre Antropotopônimos, Axiotopônimos e Hagiotopônimos. Duas estruturas que visam viabilizar a circulação de transeuntes em bairros de topografia acidentada foram revitalizadas em 2020. As escadarias estão situadas nos bairros Maria Ortiz e Ibitiquara, ambos os bairros correspondem a áreas centralizadas. No bairro Maria Ortiz, os degraus receberam intervenção artística em homenagem à heroína capixaba. Contudo, o Antropotopônimo da estrutura é D. Tina, possivelmente, Dona Tina.

Segundo Santaella (1983), há uma tendência ao desprendimento do entendimento de que há outras linguagens além da língua falada e que existem outras formas de criar

¹²³ IBGE, 2010.

linguagens, produzir e reproduzir estas como forma de comunicação (Santaella, 1983, p. 7). Dessa forma, além da base linguística desenvolvida, pode-se transmitir ideias, informações, conhecimento e cultura através de outros símbolos, signos e expressões, desprendidos ou não de quaisquer motivações ideológicas.

Figura 31: Fotografia da Escadaria D. Tina, no bairro Maria Ortiz



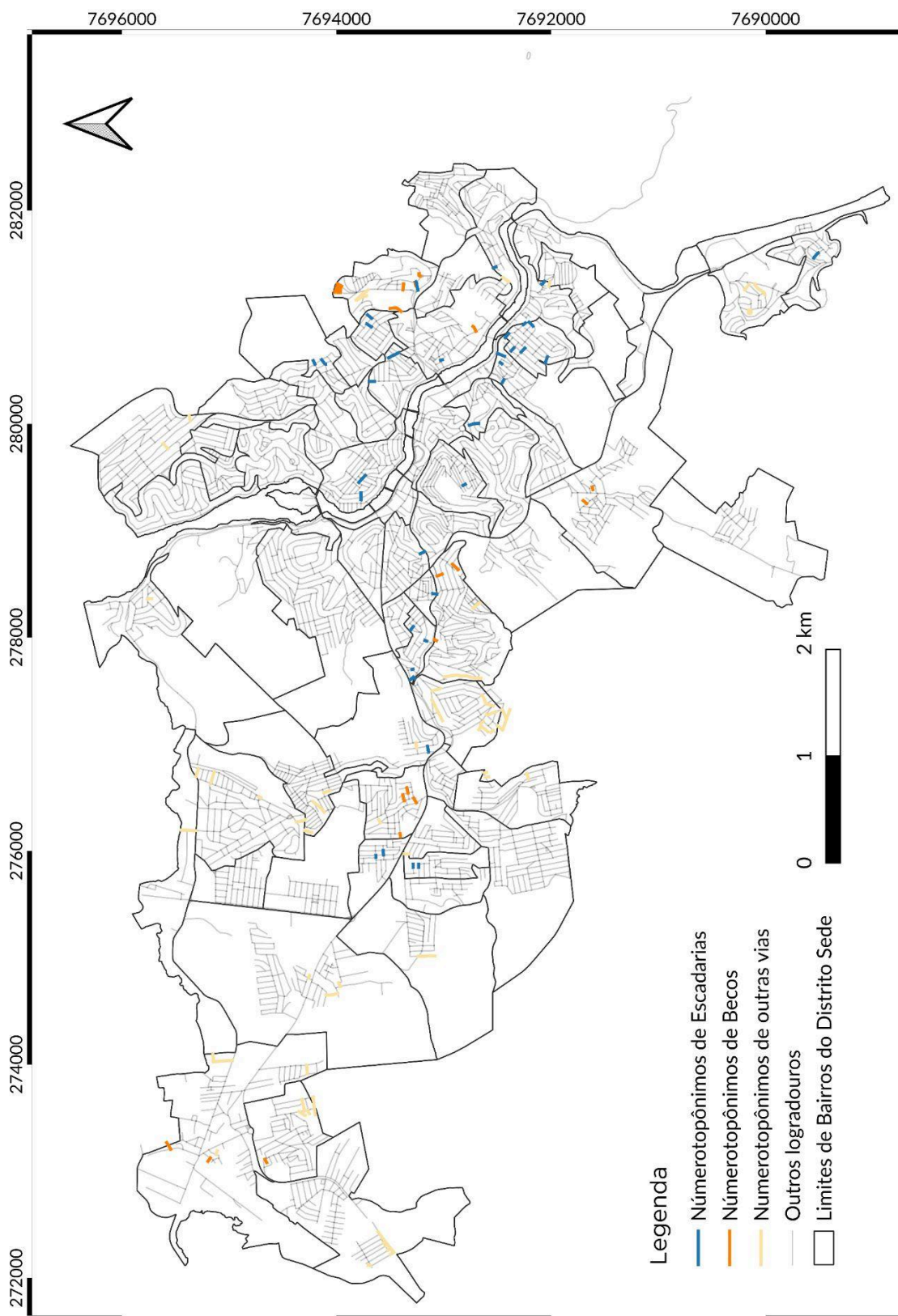
Fonte: Autora, 2023.

O interesse municipal na reforma estrutural das vias citadas permite refletir sobre a possibilidade de haver a valorização de figuras pouco enaltecidas no sentido quantitativo dos

topônimos e dos signos urbanos. Para quem está atento aos discursos da cidade, observar signos como a homenagem de a uma mulher negra, em uma porção da cidade de enorme fluxo, pode corresponder a uma reformulação, popular ou da administração pública, de identificação com a monumentalidade contemporânea e à significância que esta impõe ao interpretante.

A última classificação de análise trata dos *Numerotopônimos*, expressivos em cidades de organização urbana mais recentes como Goiânia e Brasília. No entanto, nos espaços urbanos de edificação mais antiga, desordenada e espontânea prevalecem as homenagens às pessoas. No mapa abaixo (Figura 32) é possível observar a espacialização dos becos e das escadarias “sem nome”.

Figura 32: Mapa dos Numerotopônimos que identificam os becos e as escadarias do distrito-sede de Cachoeiro de Itapemirim (ES)



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na Sede do município sob análise, a ordem numérica corresponde 132 logradouros, destes, 103 a becos e a escadarias. De acordo com a lei de regulamentação de ruas e bairros do município de Cachoeiro de Itapemirim, os números e letras aleatórios se expressam como nomes provisórios, a depender da aprovação do poder executivo municipal, uma vez que é proibida a denominação dos logradouros sem a devida justificativa de significação¹²⁴. Do ponto de vista da organização estruturada no distrito em tela, este resultado soa como a ausência da administração ou a inviabilização dos nomes especializados. Não há quem, na Câmara Municipal, olhe para as vielas?! Não há interpretantes nesses espaços?! Não há personalidades que devam ser imortalizadas entre os muros e os degraus?! Ou apenas, não há interesse, sobretudo, político de nomear esses espaços e colocar esses nomes no mapa.

Os becos e as escadarias são vias alternativas para aqueles e aquelas que estão exilados no alto da desigualdade, excluídos de participarem da cultura rodoviarista e automobilística individualizada. E nestas vias, de subidas e descidas para se reproduzirem enquanto sujeito, há uma lógica normatizadora de quebra de sentidos. Onde não há construção de significâncias, ao contrário da cidade elitizada, que detém as datas importantes e os personagens históricos quase inesquecíveis. No solo da moradia pobre, o beco 7 não foi importado de Washington DC ou das ruas de Manhattan. São, portanto, resultado de uma estruturação urbana sem representações, ausente de signos que terminam por excluir uma parcela da população das linguagens e dos sentidos.

¹²⁴ CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, 2003, Art. 5º.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apropriou-se do objetivo de identificar a natureza dos topônimos dos logradouros do distrito-sede do município de Cachoeiro de Itapemirim (ES), no intuito de apresentar as diversas intenções no ato de nomear as vias públicas. Observou-se a predominância cultural em nomear as ruas, os becos e as escadarias em homenagens a pessoas. Por se tratar de uma cidade inicialmente formada no século XIX, esperava-se que a nomeação de personalidades fosse, de fato, a maioria dentre os nomes analisados, tendo em vista a cultura de imortalizar personagens que foram relevantes em seu tempo vivido.

A toponímia constitui-se como declaração da intenção de nomear e, os nomes dos lugares são, antes de mais nada, comunicação política, dotada de linguagem de poder. E o poder encontra-se nos lugares estratégicos e simbólicos, centrais, de preferência, para que o discurso seja visto. Apenas visto, não interpretado. A centralidade não necessariamente está atrelada à possibilidade de percepção, de significância e de interpelação. As significações requerem a capacidade de ler linguagem não descrita. Por isso, o nome dos lugares, por vezes, é vítima do tempo em que a obriedade não é mais reconhecida.

Durante a aula de campo para a elaboração desta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer um morador do bairro Valão a caminho de uma consulta médica. A toponímia “Valão” reside em uma percepção óbvia de seu significado. O bairro está localizado na saída do córrego de mesmo nome, afluente do rio Itapemirim, à montante do Centro que, por muito tempo, fora utilizado para o despejo de resíduos domésticos. Ao me ver com o crachá, o senhor me indagou e contei sobre o tema desta pesquisa. A retórica recebida veio com um sonoro: “pois é, mudaram o nome do meu bairro. Quem foi Elpídio Volpini? Como vou saber se ele não era um ladrão de cavalo?”. Naquele momento, não saberia responder a tal questionamento. E, mesmo que houvesse resposta, talvez o tal senhor ainda quisesse que o “Valão” estivesse em seus documentos residenciais, não pelo significado no nome, mas pelo pertencimento e pela tradição de por ter o mesmo endereço há décadas. Porque, eventualmente, o nome de “um empresário da região” desconhecido não tem o mesmo sentido que corriqueiro e informal “Valão”.

Considera-se aqui também a possibilidade de catalogação dos nomes das ruas e seus respectivos significados. A informação e o conhecimento é um direito que não deve se privar a atas de sessões da Câmara Municipal. Aprender acerca dos nomes dos logradouros do lugar onde se vive é uma maneira de se conhecer o passado do bairro e da cidade.

Cabe à população e ao poder público perceber e incentivar a mudança nas representações das cidades e que o sentimento colonial e patriarcal seja superado, na prática e nos signos. Popularizar o processo de oficialização dos nomes dos logradouros públicos deve ser a alternativa para a superação de discursos elitizados e conservadores, é uma maneira de dar voz à população que faz uso desses espaços no seu cotidiano, para que estes também tenham o poder de nomear e de pertencer.

Os nomes dos logradouros fazem parte da história tomada como oficial no decorrer da construção da cidade e de seus signos. Ao mesmo tempo que resgata nomes importantes, reduz ou invisibiliza outros significados e representações. Os movimentos recentes de alteração dos nomes de logradouros para homenagear personalidades atualmente reconhecidas lançam esperança para um futuro em que os nomes de algozes deixem de fantasmas simbólicos de dominação no espaço urbano.

Para finalizar, os topônimos possibilitam submergir nas histórias do surgimento dos lugares. As toponímias são lembranças. São enciclopédias que nos levam a conhecer o passado, a se orgulhar ou a questionar determinadas denominações. As motivações que outrora eram claras, não resistem à atuação do tempo, tampouco a capacidade humana de construir instrumentos de representações, de sentido e de identificação eternas. Parafraseando Jurandyr Adiversi (1980), referencial de extrema importância para a realização desta pesquisa, as cidades passam, os nomes ficam e os signos urbanos devem ser interpretados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADIVERCI, Jurandy. **Guia de Ruas: Cachoeiro de Itapemirim**. Cachoeiro de Itapemirim: Cultural. 1988. 144p.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas Toponímico de Origem Indígena do estado do Tocantins - Projeto ATITO**. 2006. 207f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Saint-Hilaire, Pohl, Gardner e Castelnau a exoticalização da província de Goiás e a grafia dos topônimos. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos** – CIFEFIL, Rio de Janeiro, v. XI, n. 5, 2008, p. 96-105.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Aspectos identitários e culturais na formação dos nomes de lugares: um estudo sob a ótica da Geografia Cultura e Humanista. **Revista Desafios** – v. 04, n. 1, 2017.

ARAÚJO, Cláudia Medeiros de. **A representação da mulher e as questões de gênero na toponímia urbana de Caicó-RN**. 2013. 194 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

ARAÚJO, Maria do Socorro. **Toponímias de comunidades indígenas no município de Pacaraima**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Roraima - Programa de Pós-Graduação em Letras. Boa vista (RR), 2014.

ARROYO, Fernando. Creciente interés geográfico por la toponimia. **Estudios Geográficos**. Vol. LXXI, 268, pp. 299-309. Janeiro-junho, 2010.

BADARIOTTI, Dominique. Lógicas históricas e geográficas nos nomes de ruas na França: a homonímia e o exemplo de Colmar. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, v. 43, n. 2: 11-32. Dezembro, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 1997. 376p.

BATISTA, Patrícia de Oliveira. **A toponímia cearense em documentos do século XIX**. 2011. 144f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do Léxico. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri Isquendo. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, 2a ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

BRITO, Anderson Dantas da Silva. **Em nome(s) dos interesses: imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República**. 2012. 266 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

BRITO, Anderson Dantas da Silva. **Em nome(s) da Educação: imaginários toponímicos dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte (1907-1947)**. 2019. 173f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

BOSI, Ecléa. Memória da Cidade: lembranças paulistanas. **Criação** - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. v. 17. Abril, 2023.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM. Lei nº 2.262 de 1982. **Hino, Bandeira, Brasão**. Cachoeiro de Itapemirim: Prefeitura Municipal de Itapemirim.1987. Disponível em: <https://www.cachoeiro.es.gov.br/a-cidade/hino-bandeira-brasao/#:~:text=O%20Bras%C3%A3o%20foi%20criado%20pela,maior%20riqueza%20agr%C3%ADcola%20da%20regi%C3%A3o>. Acesso em: Setembro de 2022.

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM. Lei nº 5.445 de 02 de Julho de 2003. **Organização do município e bairros**. Cachoeiro de Itapemirim: Prefeitura Municipal de Itapemirim. 2003. Disponível em: <https://cachoeiro.legislacaocompilada.com.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L54452003.html>. Acesso em: Setembro de 2022.

CAETANO, Joana D'Arck. **O projeto político do partido dos trabalhadores em Cachoeiro de Itapemirim-ES e a gestão (2009-2012) no âmbito dos pilares do modo petista de governar**. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

CARVALHINHOS, Patrícia. A Onomástica e o resgate semântico: as Antas. **Estudos Linguísticos** – Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, Campinas, v. 01, n. 33, p. 274-279, 962004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2014. 224p.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos**. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 1980, 198 p.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo : Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. de P. do A. Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**, Curitiba, v. 03, n. 05, p. 141-155, jan./jun 2007a.

DALLAPICCOLA, Tiago; MIRANDA, Ingrid Tonon. Aspectos da toponímia municipal do Espírito Santo. **IFES Ciência**. Vitória, v. 9. n. 1: 01-22, 2023.

DRUMOND, Carlos. **A contribuição do Bororó à Toponímica Brasileira**. São Paulo: Editora USP. 1965.

FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno; DAL PIZZOL, Elis Viviana. **Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade**. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 4, n. 2, p. 10-30, ago./dez. 2013.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. **Antropologia linguística & etnografia toponímica: vivências e narrativas em linguagens socioculturais de Murinin-Benevides-Pará**. 2016. 215 f. Tese. (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

FERMINO, Filipe Siqueira; RODRIGUES, Catarina Vaz. Toponímia capixaba: estudos dos nomes de municípios capixaba de origem tupi. **Revista Philologus**. Ano 20, n. 58. Rio de Janeiro. jan/abr. 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. **A Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas: Pontes Editores. 2002. 128p.

GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HALL, S. A identidade cultural na pósmodernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Aglomerados subnormais: informações territoriais**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, 2010.

INSTITUTO JONES DO SANTOS NEVES. **Programa de apoio às capitais e cidades de porte médio**. 1980.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras - Rev. História UFMS**, 1(2): 27-46, jul./dez., 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico : volume IX : lexicologia, lexicografia, terminologia** / Aparecida Negro Isquerdo, Celina Márcia de Souza Abbade, organizadoras. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul**, v.2. /Aparecida Negri Isquerdo, organizadora – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEGOFF, Jacques. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora da Unesp. 1998.160p.

LIMA, Emanuela Cristina. **A toponímia africana em Minas Gerais**. 2012. 215f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2012.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACEDO, Celso Reis. **A antropotoponímia da cidade de São João Del - Rei – Minas Gerais**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2021. 1233 f.

MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. **A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas**. 2006. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006.

MACEDO, Celso Reis. **A antropotoponímia da cidade de São João Del - Rei – Minas Gerais**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2021. 1233 f

MATOS, Heloisa Reis Curvelo. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 2014. 347f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2014.

MELO, Pedro Antônio Gomes de Melo. Antropotopônimo, Antropoaxiotopônimo, e Antropoaxiohistoriotopoônimo usados no léxico toponomástico municipal de Alagoas. **Afluente: revista de língua e linguística**. 2019.

MOREIRA, Evandro. **Cachoeiro: uma história de luta**. Vol. II (1931 - 1980). Cachoeiro de Itapemirim: Gracal. 2004. 286p.

OLIVEIRA, Agenor Lopes de Oliveira. **Toponímia Carioca**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação. 1957.

PACHECO, Cristiano Ricardo de Azevedo. A racionalização urbana e os impactos dos espaços fortificados nas dinâmicas sociais da cidade. **Ponta da Lança**. São Cristóvão, v. 14, n. 26, jan - jun 2020. p. 70-84.

PEREIRA, Edson Lemos. **A contribuição indígena à hidronímia maranhense**. 2022. 223f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2022.

PRUDENTE, Clese Mary; ABBADE, Clenia Márcia. Presença abençoada ou ausência sentida: a água na toponímia da Bahia. **Revista A Cor das Letras**. Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 260-270, maio-agosto, 2017.

PIERCE, Charles. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva. 352p.

ROCHA, Jaíza Pollyana Dias da Cruz. **ENTRE RUAS E AVENIDAS: memória e representações sociais do período militar (1964-1985) em Belo Horizonte/MG**. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Belo Horizonte - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2021.

ROCHA, Silvana Maria Gomes da. **As relações de poder e as disputas simbólicas pelo Guandu em Cachoeiro de Itapemirim (1966 - 2016)**. Orientadora: Maria Cristina Dadalto. 2017. 161 f. Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Públicas. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

RODRIGUES, Carla.; VIEIRA, Tássia Áquila. A função política do luto por Marielle Franco. Rio de Janeiro: Doissê, v. 6, n. 2, Abr-Jun, 2020.

RUBIM, Francisco Alberto. **Memórias para servir à história até 1817 e breve notícia estatística da Capitania do Espírito Santo**. Lisboa: Imprensa Nevesiana. 1840. 32p.

BRAGA, Newton. **Histórias de Cachoeiro**. Rio de Janeiro: Brooklin, 2011. 96p.

SAMPAIO, Theororo. **O Tupi na Geografia Nacional**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasil. 1987.

SANTIAGO, Iago Gusmão. **A nomeação na Bahia setecentista: estudo da toponímia de base portuguesa no Mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos (1761-1807)**. 2021. 237 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos) - Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomas Learning. 2002. 186p.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos. Toponímia, poder e identidade: uma abordagem acerca dos logradouros centrais em São Luís, Maranhão. **Geo UERJ**. n. 28, p. 171-195, 2016.

SANTOS, Milton. **Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2018. 174p.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. *In*: SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Nobel. 1988. p. 1-65.

SANTOS, Vítor Marcelino. **A geografia dos nomes: uma análise da classificação motivacional dos topônimos do Espírito Santo**. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7, 2014, Vitória (ES). Anais do CBG.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo**. 2004. 368f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, M. C. T. C.; SANTOS, M. M. D. Toponímia de Minas Gerais em Registros Cartográficos Históricos. *In*: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, volume VI**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012. (Ciências do Léxico, v. 3) p. 245-258.

SILVA, Jeander Cristian da. DUARTE, Larissa Gouveia. Rua Ator Paulo Gustavo: um caso de mudança antroponímica. *Anais EVIDSOL/CILTec - Online*, v. 10, n.1: p. 1-9. 2021.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Território**, Ano4, nº 6, jan/jun, 1999.

SOUSA, Alexandre Melo de. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental: gênese e trajetória. **ÍCONE - Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 31-42, jul. 2008.

SOUSA, Alexandre Melo de.; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**. Uberlândia, v. 6, n. 1, jun-dez, 2020.

SOUSA, Cyntiha Pereira. “Gênero e Universidade no Brasil: acesso ao ensino superior e condição feminina no meio universitário”. *In*: Consuelo Flecha García; Alicia Itatí Palermo. (Org.). **Mujeres y Universidad en España y America Latina**. Buenos Aires / Madrid: Miño y Dávila Editores, 2008, v. 1, p. 153-171.

SOUZA, Gabriel Elias Rodrigues de. RATTI, Alessandro José Prudêncio. **A diferença etnicorracial no espaço urbano: bandeirantes, indígenas e negros nos monumentos, edifícios e toponímia no Centro de Goiânia**. *In*: II Colóquio Nacional Espaço e Diferença. 2016, Goiânia. p. 89-96.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. 2012. [346] f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012. 342p.

VASCONCELOS, José Marcelino Pereira de. **Ensaio sobre a História e Estatística da Província do Espírito Santo**. Vitória: Typographia de P. A. D'Azeredo. 1858. 256p